

REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES: PAULO PRADO E MONTEIRO LOBATO

REDACTOR-SECRETARIO: SERGIO MILLIET

SUMMARIO

O MOMENTO	P. P.	193
NOTAS SOBRE A COLONISA- ÇÃO EM S. PAULO	Antonio Prado	195
A ORCHESTRA	Medeiros e Albuquerque	200
A RECEITA	José Geraldo Vieira	205
ESTUDINHOS DE PORTUGUÊS	José Patricio de Assis	208
O MERGULHADOR	Carlos Alberto de Araujo	211
OS CANTORES POBRES DA CI- DADE	Oswaldo Orico	212
BLAISE CENDRARS	Mario de Andrade	214
A VOLTA Á MUSICA PURA	Renato Almeida	224
O FUTURO DOS POVOS	Villar Belmonte	227
A BOTANICA NO DICCIONARIO C. DE FIGUEIREDO	Ed. Navarro de Andrade	235
A MAIS BELLA	Iago Joé	241
A "ROUGHNESS" EM NEW- YORK	Orlando Machado	248

BIBLIOGRAPHIA — RESENHA DO MEZ — DEBATES E PESQUIZAS
— CURIOSIDADES — NOTAS DO EXTERIOR — RADIO
NOTAS — AS CARICATURAS DO MEZ

S. PAULO —
MONTEIRO LOBATO & Co. — EDITORES
RUA VICTORIA, 47 — CAIXA, 2-B

Teleph.
Cidade,
6278

REVISTA DO BRASIL - RUA VICTORIA, 47 - CAIXA, 2-B - SÃO PAULO
ASSIGNATURAS: - ANNO 20\$000. EXTRANGEIRO - 25\$000. NUMERO AVULSO - 1\$800
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Redactor Secretario: SERGIO MILLIET

Obras de Contabilidade

DE CARLOS DE CARVALHO

Estudos de Contabilidade, obra
em quatro volumes, em bro-
chura. 40\$000

*Tratado Elementar de Contabi-
lidade*. Obra adoptada nas
principaes escolas de commer-
cio do paiz. Util aos que de-
sejam adquirir conhecimen-
tos profundos em contabili-
dade. Em brochura. . 10\$000

*Explicações Praticas de Es-
cripturação Mercantil*. Livro
indicado aos que desejarem
adquirir os primeiros conheci-
mentos de contabilidade. Em
brochura 6\$000

*Arithmetica Commercial e Fi-
nanceira*. Obra indispensa-
vel para se adquirir conheci-
mentos profundos em mathe-
matica commercial e finan-
ceira. Em brochura. . 10\$000

*Noções de Calculos Commer-
ciaes e Financeiros*. E' in-
dispensavel aos que não te-
nham conhecimento de ma-
thematica commercial e finan-
ceira. Em brochura. . 6\$000

Problemas de Escripturação.
Obra necessaria aos conta-
dores e guarda-livros, pois
trata de todo e qualquer caso
de abertura de escriptas e
balanços. Em brochura. . 20\$000

*Contabilidade das Companhias
de Seguros de Vida*. Como
indica o titulo do livro, ser-

ve para a contabilidade dos
seguros de vida. Em brochura 12\$000

DE FRANCISCO D'AURIA

Curso de Contabilidade, em dez
volumes, tendo sido já publi-
cados os seguintes:

Contabilidade Mercantil, em
brochura 10\$000

Contabilidade Bancaria, em
brochura 12\$000

Contabilidade Industrial, em
brochura 10\$000

No prélo: *Contabilidade das Empresas;
Contabilidade Publica; Contabilidade
Domestica; Contabilidade Theorica;
Contabilidade Agricola e Pastoril;
Mathematica Commercial; Mathema-
tica Financeira*.

DE D. SANTOS

Contabilidade Agricola, em bro-
chura 10\$000

DO Dr. FRANCISCO EUGENIO
DE TOLEDO

Manual de Direito Civil, Das
pessoas, em brochura . . 4\$000

*Analyse da Constituição Fede-
ral*, cart. 1\$500

Attentado ao Pudor, em bro-
chura 10\$000

O Livrinho do Coração, em
brochura 2\$000

Unicos depositarios:

Monteiro Lobato & Cia.

RUA VICTORIA, 47-A

S. PAULO

Holmberg, Bech & Cia. Ltd.

IMPORTADORES E INDUSTRIAES
RUA LIBERO BADARO', 169
S. PAULO

Rio de Janeiro, Stockho/m, Hamburg, New-York e Londres

Papel,
materiaes
para
construcção,
aço,
ferro,
Cimento
"2 Bandeiras"
e "Bandeira
Sueca".

OTHONIEL MOTTA

Cathedratico do Gymnasio de Campinas.

Lições de Portuguez

Livro que Candido de Figueiredo, Altino Arantes, Afranio Peixoto, Renato Jardim e outros receberam com applausos entusiastas. Obra nova em nosso meio, procura dar a linguagem por meio concreto, dos diagrammas, e assimilação do estylo dos grandes mestres do nosso idioma.

Para cursos commerciaes, normaes e gymnasiaes. 8\$000

Pedidos aos Editores

MONTEIRO LOBATO & CIA.

RUA VICTORIA N. 47-A —————

Desconto de 30 o/o aos revendedores e aos collegios e professores —————

"REVISTA DE FILOLOGIA PORTUGUESA"

Director: SILVIO DE ALMEIDA

PUBLICAÇÃO MENSAL

Colaboração dos maiores filólogos e literatos do Brasil e de Portugal.

Cada número, que tem, em média, cem páginas, traz artigos inéditos, textos arcaicos ou clássicos anotados, bibliografia, etc.

ASSINATURA ANUAL:

CAPITAL	30\$000
INTERIOR E ESTADOS	32\$000
NÚMERO AVULSO	3\$000

Pedidos à

NOVA ERA, Empresa Editôra

PAULINO VIEIRA & CIA.

Rua de S. Bento, 40 - 2.º andar, sala 12

Telefone: Central 1681 — S. PAULO

EDUARDO CARLOS PEREIRA

As grammaticas até hoje mais diffundidas e usadas no Brasil são as deste autor.

GRAMMATICA EXPOSITIVA. — CURSO ELEMENTAR.

Para os cursos complementares e 1.º anno dos Gymnasios. 23.ª edição com um appendice sobre composição 3\$500

CURSO SUPERIOR. Para Escolas Normaes, Gymnasios e Escolas de Commercio. 14.ª edição com um appendice sobre estyllistica . . . 8\$000

GRAMMATICA HISTORICA. Para as Escolas Normaes e Gymnasios. 3.ª Edição . . . 10\$000

A critica nacional consagrou estas obras e o largo uso que dellas se faz, confirmou o que dissemos.

PEDIDOS AOS EDITORES :

MONTEIRO LOBATO & CIA.

RUA VICTORIA N. 47 - A

Desconto de 30 o/o aos revendedores
e aos collegios e professores.

“ P E G A S O ”

REVISTA MENSUAL

Calle San Salvador, 2309

MONTEVIDEO

URUGUAY

REVISTA

DO

BRASIL

DIRECTORES:

PAULO PRADO

MONTEIRO LOBATO

REDACTOR

SECRETARIO:

SERGIO MILLIET

O Momento.

ELEIÇÕES, eleições, eleições. Deputados, senadores, deputados: políticos.

Salvo uma ou outra excepção — entre as quaes a talvez ephemera restituição de um grande Estado á vida civilica — a nação, em geral, conserva-se alheia a essas lutas de profissionaes. Nem mesmo compra ingressos para o vasto ring em que se esbofeteiam os azes do jogo de box eleitoral. O povo segue distrahido o combate — uns adormecidos no fakirismo tropical, outros absorvidos nas preocupações do enriquecimento, na passividade das raças de transição, incertas do rumo dos seus destinos.

Todos esquecem que nesta terra só existe realmente, empolgante e irreduzível, uma unica questão — a questão politica. Della decorrem todas as outras, como as crearam o romantismo da monarchia e o arrivismo da republica. O ceu e o solo benignos livraram-nos da grande questão por que hoje se bate o mundo inteiro — a questão social. Desconhecemos, por completo, as dissensões de raça e religião que tanto perturbam os outros paizes, e os problemas economicos e financeiros surgem somente em acces-

sos intermittentes, ao acaso das crises, e delles poucos cuidam, a não ser nas aperturas do momento.

A questão politica é a questão dos homens que governam. Numa sociedade anonyma ou numa casa commercial, para evitar a fallencia, substituem-se sem demora os directores e gerentes que compromettem a fortuna dos socios. Apenas no governo das coisas publicas toleramos a desastrosa insistencia dos incapazes, ou a deslavada pouca vergonha dos peculadores.

E' corrente ouvir-se a phrase de quasi desprezo: "Isto é briga de politicos, elles se entendem...". Que erro funesto! Esses politicos que brigam, disputam posições de mando absoluto: votarão leis, criarão impostos, distribuirão o dinheiro do Estado. Intervirão assim em cada minuto da nossa vida de homens e cidadãos. E, segundo a ferrea organização das olygarchias, são levados ao poder pelo systema das nomeações eleitoraes, em que Pedro indica João, e João indica mais tarde José, para este por seu turno voltar a indicar o Pedro primitivo, que será o fecho de abobada da igrejinha partidaria.

Só a restauração estrepitosa da verdade do voto poderá restituir á immensa maioria dos que pagam e soffrem os direitos perdidos pela indiferença e pelo absenteismo. A Allemanha que se vangloriou de ser, no apogeo do imperialismo, um unpolitisches Volk está pagando caro o desuso e abandono dessas sagradas prerogativas.

Unicamente a solução do problema politico poderá nos safar da chafurda em que nos atolamos, e dissolver a camarilha que se julga dona e senhora dos destinos do Brasil. E' pela politica — desde que afastemos outras soluções violentas — que conseguiremos abolir na república da Camaradagem, em que a irresponsabilidade é um dogma, o culto molocheano da Incompetencia.

P. P.



NOTAS SOBRE A COLONISAÇÃO EM S. PAULO

DEVE-SE á colonisação particular o desenvolvimento da lavoura caféeira em S. Paulo; sem o seu concurso não ouviríamos de Enrico Ferri esta sua conhecida phrase, pronunciada do alto do cafezal da fazenda Santa Veridiana, ao contemplar as plantações a se estenderem ao longe pelos municipios circumvisinhos: — “a transformação das florestas virgens paulistas em cafezaes é o facto economico mais importante do seculo 19!”

Data de 1847 o primeiro emprego do braço europeu na lavoura caféeira das fazendas. Coube essa iniciativa ao senador Vergueiro, homem publico notavel de então, estirpe de numerosa e distincta familia paulista, com a introdução na sua fazenda Ibicaba de 400 colonos allemães, formando 80 familias. O systema de trabalho era o da parceria.

Neste inicio de colonisação particular tomaram parte outros fazendeiros importantes, contando-se entre elles o senador Souza Queiroz e o barão de Jundiahy, Antonio de Queiroz Telles.

Os nomes destes paulistas devem ser recordados como tributo de gratidão por terem sido os pioneiros da colonisação particular em S. Paulo a qual foi sem duvida o factor principal da riqueza publica e particular do Estado.

Não foram inteiramente satisfactorios os resultados da parceria como systema de trabalho nas colonias que o adoptaram, devido principalmente á defeituosa organização do trabalho.

A causa, porém, do emprego nas fazendas do braço europeu ao lado do braço escravo, estava ganha, em favor daquelle. A semente foi lançada em terreno fértil, e, portanto, devia dar bons frutos.

De 1847 a 1871 foi pouco considerável o desenvolvimento da colonisação particular, apesar do effeito que deveria ter produzido no espirito dos fazendeiros a promulgação da lei de 4 de Setembro de 1850, que traz á nossa memoria o nome do grande estadista Euzebio de Queiroz, então ministro da Justiça, lei que extinguiu o trafico de escravos africanos, até então fonte quasi unica de supprimento de braços á lavoura caféeira.

Maior influencia, porém, exerceo a lei de 28 de Setembro de 1871, que recorda o nome de outro glorioso estadista o visconde do Rio Branco, e a qual poz termo ao nascimento de escravos no Brasil.

Essas duas leis de 4 de Setembro de 1850 e 28 de Setembro de 1871, — estacando as fontes de supprimento dos braços, que até então existiam na maioria das fazendas, contribuíram efficazmente para o desenvolvimento da colonisação particular. Os fazendeiros convenceram-se de que estavam contados os dias da escravidão.

Data dessa época o começo do grande desenvolvimento da colonisação particular. Coube então, como sempre succede em São Paulo, á iniciativa particular, efficazmente auxiliada pelos poderes publicos, o principal papel no desempenho da patriótica missão de amparar a lavoura caféeira do golpe que a teria ferido de morte ou pelo menos gravemente, sem a sua acção nesse sentido.

Duas sociedades se fundaram para a introdução de imigrantes; uma durante a presidencia do Conselheiro Costa Pinto, ex-ministro do imperio e grande fazendeiro, outra na administração do barão de Parnahyba, Antonio de Queiroz Telles Filho, também grande fazendeiro, e que foi a *Sociedade Promotora de Imigração para S. Paulo*, presidida por Martinho Prado Junior, a qual só ella introduziu mais de 100.000 imigrantes.

Ao mesmo tempo o governo imperial, sendo ministro da Agricultura um paulista, celebrava os grandes contractos para introdução de imigrantes, os quaes elevaram essa introdução, de 15.890 de 1880 a 1884 a 420.290 de 1895 a 1899.

Para se avaliar a importancia prestada por este conjuncto de esforço para a protecção da lavoura caféeira paulista devemos considerar o seguinte: Quando foi promulgada a lei de 13 de Maio de 1888, abolindo a escravidão, trabalhavam nas fazendas, dos 107.000 escravos matriculados nesse anno, cerca de 60.000; o numero de imigrantes nellas existentes não excedia da terça parte desse numero. Ora, dado o facto previsto do abandono do

trabalho pelos escravos libertados, qual seria a sorte da lavoura e da grande propriedade, que era então e será sempre a base angular da lavoura cafeeira de S. Paulo, sem o concurso da imigração, que, no periodo de 1885 a 1899, forneceu a S. Paulo ... 928.280 immigrants?

Se foi este o papel da colonisação particular no periodo em que se realisou a transformação do trabalho empregado nas fazendas, é preciso considerar que foi na grande propriedade que ella se estabeleceu, se desenvolveu, e nella está principalmente localisada.

E' discutivel se a lavoura cafeeira de S. Paulo se teria desenvolvido na pequena propriedade como se desenvolve na grande. Parece que as condições geographicas e topographicas do Estado não permittindo a cultura do cafeeiro senão em zonas limitadas, nos logares altos e de terra fértil, não aconselham a divisão dessas zonas em pequenas propriedades, que teriam de utilizar-se de uma parte dellas para outras culturas, necessarias para sua exploração. Seja, porém, como fôr, a grande produção cafeeira de S. Paulo provem da grande propriedade; a sorte de uma, depende da sorte da outra e ambas experimentam actualmente os effeitos de uma grande crise — a falta de braços para o trabalho. A produção tem augmentado consideravelmente e o numero de trabalhadores, se não é o mesmo de 15 annos atrás, não tem augmentado na mesma proporção sendo o augmento pela natalidade contrabalançado pela retirada dos que procuram outras occupações. Explica-se o facto da falta de trabalho não ter prejudicado a produção, e antes coincidindo com o augmento desta, considerando-se que esse augmento provem principalmente das novas plantações que agora começam a produzir e que foram feitas quando a falta de braços ainda não se tinha manifestado com o mesmo character de gravidade. E' preciso considerar também que os primeiros effeitos da falta de trabalho se manifestam apenas pela imperfeição do trabalho de cultura das plantações e pelo defeituoso beneficiamento do producto, vindo só mais tarde a diminuição da produção pelo abandono das plantações. Por ocasião da colheita da ultima safra, já começaram a manifestar-se mais accentuadamente os effeitos da falta de braços, pois, calcula-se que 10 % da produção foi perdida nos cafezaes por não ter sido colhida em tempo opportuno, e 20 % foi muito prejudicada pela imperfeição dos trabalhos nos terreiros.

A crise de 1888, produzida pela abolição, foi efficazmente combatida pela introdução de immigrants em grande escala, provindos principalmente da Italia. Infelizmente a emigração italiana subvencionada para o Brasil e especialmente para S. Paulo está

desde alguns annos suspensa, em vista da decisão nesse sentido do governo daquelle paiz.

A' iniciativa particular caberia agir nesse sentido, se ella pudesse obter o mesmo auxilio dos poderes publicos que delles teve em 1888. Será isso possivel? Vejamos o que se passou a respeito em 1921. O caso é curioso, e, sendo caracteristico da situação, convem referil-o.

Alguns fazendeiros importantes, urgidos pela necessidade de obter trabalhadores para as suas fazendas, resolveram fundar uma associação para tentar o engajamento delles na Italia.

O presidente da associação, então na Europa, entendeu-se directamente com o commissario geral da emigração da Italia, sr. De Michelis, teve com elle varias conferencias, tendo a satisfação de encontrar da parte deste, e, portanto do governo italiano, que elle representa officialmente, a melhor vontade no sentido de ser recommçada a emigração particular para S. Paulo. Dessas conferencias resultou autorisação para a sociedade funcionar na Italia, assim como para o engajamento dos trabalhadores, feito pelo proprio commissariado e a aceitação de um contrato particular de trabalho a ser executado nas fazendas.

Estavam assim resolvidas as difficuldades que poderiam embaraçar na Italia a realisação da idéa dos fazendeiros.

A introdução dos colonos em S. Paulo dependia da concessão á sociedade pelo Governo do Estado do favor estabelecido por uma lei estadual, do pagamento das passagens. O presidente da sociedade, dirigindo-se para esse fim ao Presidente do Estado, declarou este que não pagaria as passagens, porque no contracto particular feito pelos proprietarios com os trabalhadores havia tres clausulas com as quaes não concordava e eram as seguintes: — visita do consul italiano ás fazendas para verificar se os contractos eram fielmente cumpridos e offerecer os seus bons officios no sentido de evitar que as desintelligencias entre o particular e o colono fossem levadas aos tribunaes; ensino da lingua italiana aos filhos menores que acompanhassem os seus paes e, finalmente, a reproducção, no contracto, da disposição da Constituição que estabelece a inviolabilidade de domicilio.

Em vista de semelhante deliberação do Governo do Estado, ficou perdido todo o trabalho feito na Italia com o engajamento dos trabalhadores, engajamento já realiado e do qual devia resultar a introdução em S. Paulo de algumas dezenas de milhares de trabalhadores, ficando os fazendeiros a vêr navios... que, em vez de trabalhadores, traziam automoveis destinados a desenvolver o automobilismo em S. Paulo!

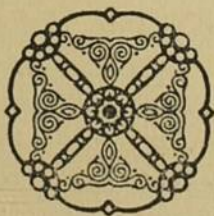
Disse-se então, para justificar o acto do Governo do Estado, recusando dar execução a uma lei estadual de concessão de favores

á introdução de immigrants, que elle assim procedia porque o presidente da sociedade usurpara attribuições governamentais celebrando o contracto de trabalho de combinação com o commissario geral da emigração italiana; que, assim procedendo, sacrificara a dignidade nacional, e, portanto, devia ser tido como traidor da patria. A verdade, porém, é que o contracto por elle feito era um contracto particular, sem envolver nenhuma responsabilidade do Governo do Estado.

Disse-se mais que a questão do restabelecimento da immigração italiana para S. Paulo estava confiada ao estudo e decisão do Governo do Estado, e que, em breve tempo, estaria satisfactoriamente resolvida. São passados, porém, tres annos e a Italia mantém os seus portos mais que nunca fechados á emigração para S. Paulo.

Ha um facto que impressiona quem procura verificar o que ocorre em S. Paulo a respeito da immigração — é a abundancia da legislação a respeito, contrastando com a improductividade desse serviço. E' preciso confessar que as leis e regulamentos sobre o assumpto são excellentes, graças á incontestavel competencia do pessoal auxiliar da administração. A machina é perfeita, está bem montada, com todas as suas peças devidamente ajustadas e promptas para funcionar; entretanto ella é posta de lado e fica á espera de quem queira ou tenha competencia para fazel-a funcionar.

ANTONIO PRADO.





A ORCHESTRA

HA sempre, dentro de cada um de nós, toda uma grande e tumultuosa orchestra. Orchestra extranha! Orchestra como nenhuma outra, em que, lado a lado soam, martelando, vibrando, silvando, todos os instrumentos de todos os tempos, mesmo os de povos desaparecidos. Orchestra em que nunca os instrumentos obedecem de todo á batuta do regente e ha dissonancias e cacophonias horriveis, apesar das quaes ás vezes se eleva uma harmonia superior.

*

* *

Selvagens, outr'ora, quando tinham de emprehender excursões bellicosas, dansavam, á noite, diante das fogueiras crepitantes, preparando-se desse modo singular para as luctas que iam travar. E essas dansas eram aggressões figuradas contra os das outras tribus. Havia nellas a mimica feroz da setta que se lançava, da setta que se cravava no inimigo, da setta que o fazia rojar-se por terra, sangrando, estrebuchando de dôr. E os esgares barbaros da dansa diziam o contentamento do vencedor subjugando o vencido, diziam o prazer de tortural-o e matal-o.

Durante todo esse tempo, os tregeitos dos selvagens eram fortemente rythmados pelo ruido monotono do tan-tan.

Hoje as luctas nos tempos normaes não parecem ter essa fúria. São polidas e elegantes. Menos se diriam pelejas que meneios de cortezias. Mas tudo isso é apparencia enganosa. Dentro de nós,

muitas vezes, nessas ocasiões, o tan-tan sôa acompanhando, marteladamente, a dança selvagem. Selvagem, o odio se accende em nossa alma. Sorrisos, que então se entreabrem graciosos, são os mesmos esgares ferozes de outr'ora, apenas disfarçados. E quando sabemos o inimigo aniquilado, é como si no nosso cerebro alguém dansasse, jubiloso, — jubiloso por vel-o soffrer, jubiloso por vel-o prostrado, succumbido.

*
* *

Trompas de caça! O hallali dos que perseguem os animaes, ao galope dos cavallos em furia, não pela necessidade de os matar, mas pelo prazer de lhes assistir á agonia.

Trompas de caça! Os caçadores soltam os cães na perseguição dos animaes e correm atraz dos cervos meigos e timidos, que no desespero da fuga, se atiram, loucos, devorando o espaço...

Trompas de caça, ellas soam ainda na orchestra que ha dentro dos homens e das mulheres de hoje. E quando algumas destas, divinamente bellas, procuram attrahir os incautos fingindo amal-os só para depois os ver aniquilados, perdida a dignidade, perdida a honra, perdido tudo o que faz o incentivo da vida, as leves e graciosas palavras com que ellas assistem a esse miseravel fim, são feitas de uma alegria cruel. E as trompas guerreiras cantam dentro dellas o hallali dos caçadores victoriosos.

*
* *

E enquanto esses instrumentos — o tan-tan e as trompas de caça dos homens de outros tempos — mostram que o espirito selvagem do odio e o desejo de ver o soffrimento alheio, não morreram dentro de nós, — a acompanhar outros sentimentos alguns delles purissimos e nobilissimos, indisciplinada e incoherente, continua sempre a sôar, no intimo de noss'alma toda uma grande e tumultuosa orchestra.

*
* *

Sôam harpas... A harpa diz o sonho branco da virgindade e da pureza. Braços formosos, parecem passar diante das cordas tensas, que mãos delicadas dedilham. E a harpa canta a indecisão dos desejos de um amor em que nada possa haver de grosseiro, um amor ethereo, um amor diante do qual revoadas de anjos pai-

rem, pasmos, entreabertos os labios em sorrisos candidos, batendo as azas de vagar para não perturbar a harmonia da musica celeste.

Sôam harpas; mas quasi que se não ouvem. A orchestra louca, em que cada um toca á parte o seu instrumento, soffoca-lhes quasi sempre o brando, o leve, o delicado som.

Mais forte, o violino faz vibrar suas cordas. E' que elle canta o grande amor completo, em que ha a paixão integral. Elle exprime a doçura dos longos beijos, cujo rumor se faz ouvir, voluptuoso e quente. Elle exprime os deliciosos enlaçamentos, em que, de dois corpos se parece fazer uma só chamma estuante de paixão e de goso. Elle exprime o que é todo o bem e todo o mal da vida: o peccado divino, pelo qual nós já renegamos uma vez e renegariamos de novo, se necessario, qualquer paraíso em que elle fosse impossivel. E as cordas do violino vibram, ás vezes tão fortemente que supplantam o conjuncto de todos os outros sons.

*
* *

Gemem flautas, não raro, no meio de orchestra infernal, a saudade de alguém que partiu; alguém que lá por longe nem pensa talvez nessa saudade, que assim está cantando... E as flautas gemem, docemente, tristemente, num enlevo tamanho, que nem se apercebem do barulho infernal dos outros instrumentos.

*
* *

Em algumas almas femininas vibra, festivo e grave, ao menos uma vez na vida, o rumor solemne e magestoso de um organ que toca uma marcha nupcial. Evoca-se, ouvindo-a, a igreja em festa, os altares illuminados, os santos e santas hieraticamente immoveis nos seus nichos a multidão anciosa para ver os noivos que entram. A noiva, essa, é um enovelamento branco de gazes e de flores de laranjeira. E ha por baixo disso um rosto feminino, acceso em um sorriso extactico de felicidade, embevecido num sonho de ventura, sonho que quasi nunca se realisa...

*
* *

Tan-tans e trompas, violinos e organs... Como é extravagante essa mistura de cousas tão diversas. Mas a orchestra tem mais, muito mais instrumentos!

Tem os clarins que proclamam os triumphos dos vencedores, num excelso clamor de gloria.

Tem sinos e guizos — mescla extranha do que é funebre e do que é louco. E não raro, quando os clarins vão gritando mais alto a gloria de vencer, a alegria da superioridade em todos os dominios, os louros conquistados na guerra ou nas lettras, — dobres de sino rebentam de subito, sobrepujam tudo. Sinos de morte, desde o lento sôar dos grandes bronzes, que são entre os instrumentos o que é o cantochão entre as vozes humanas, até as pequenas sinetas dos cemiterios, que, annunciando quando chega cada enterro, parecem gritar zombeteiramente: “Vermes! Outro! Outro que chega para o vosso festim!”.

Mas ainda quando é mais grave, mais demorado e mais triste o badalar sonoro dos bronzes da morte celebrando mortes alheias, ha sempre num canto qualquer do cerebro um bater de guizos, em pandeiros alegres de loucura despreoccupada. Elles estão a dizer que a morte dos outros pouco importa e que, emquanto a nossa não chega, é preciso ser alegre. Os que choram num dia riem no outro. Os mortos mais pranteados tornam a morrer dias depois no esquecimento. E a orchestra, sempre incoherente, segue misturando sinos e pandeiros, tan-tans e trompas de caça, violinos, harpas, clarins, e tudo, tudo, tudo.

*
* *

Ha só uma vez em que não se ouve sinão um instrumento: é quando a todos sobrepuja o grito rouco das sereias.

A bordo, nos dias em que a bruma é espessa ou o vapor corre perigo de naufragar, as sereias uivam em meio da cerração. E' um pedido de soccorro: “De pressa! De pressa! A agua já vai invadindo os porões e o navio aderna e se afunda” — A sereia ulula: “Soccorro! Soccorro!”

Nessses instantes, toda a nossa grande e tumultuosa orchestra se cala. O instincto de conservação quasi nunca consente que nada perturbe o appello despedaçador da sereia, que vai pela noite a fóra, a supplicar que nos salvem...

Mas vem sempre um dia em que esse apello é vão... O navio, os porões cheios de agua, já inclina os mastros que começam a mergulhar... A's vezes, nessas occasiões, vendo que a morte é irremissivel, o que vae para sempre fechar os olhos, pensa na sua infancia e, ao lado dos uivos desesperados da sereia, ouve-se o leve bater de um chocalho infantil, o primeiro brinquedo que a

criança agitou, pequenina, nas pequeninas mãos tremulas... Ultima incoherencia da orchestra louca...

O navio já está de todo sob o oceano. E como o oceano é grande! Como elle é profundo e escuro! Somem-se agora rapidamente mesmo as pontas dos mastros mais altos... Faz-se no mar durante um momento — só um momento — um torvelinho: num ultimo sorvo, as ondas engolem a náu perdida, dentro da qual enfim se cala completamente aquella grande e tumultuosa orchestra, que vibrou dentro de nós durante toda a vida...

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.





A RECEITA

SUBIU a escada muito devagar como que arrependido da resolução tomada.

Vendo, depois, num relance, que a sala estava repleta, tomou-se dum desanimo hostile; mas, entrou, passando entre pessoas que ali estavam e resignadamente se poz á espera da sua vez.

Estava mal vestido propositalmente, e a barba crescida de alguns dias ainda mais avivava o feitio decidido desse homem que se expõe aos medicos por bisarrissimo sarcasmo...

Aquillo era, pois um consultorio... Começou então a observar, de soslaio, com um mysterio maldoso no olhar, toda aquella gente que ali esperava o papel miraculoso da receita.

Havia uma familia compacta, de ar alvoroçado, num feitio tacito de algarismos de estatistica.

Sereno, quasi ironico, um velho conversava sosinho, todo tremulo, olhando na parede o retrato de Voronoff; olhava o sabio, inchava as bochechas e deglutia gostosamente o ar pelo vão vermelho das gengivas decrepitas. E, em frente d'elle, esguia como um desenho moderno de Benito, uma mulher, trajando um vestido exotico, genero Tut-Ank-Amen, estava sentada num sofá, folheando com lassitudes baudelaireanas uma revista de cinematografia. Ella possuia, seguramente, na sua bellesa frivola o cunho dessas doentes paradoxaes que fasem via sacra pelos gabinetes medicos narrando extranhos fenomenos pessoas de esphera morbida freudiana...

A porta do consultorio de quando em vez se abria deixando passar cidadãos aliviados: sujeitos magros, desnutridos de attitudes indecisas; typos em convalescença, com largas satisfações no modo grato de diser adeus; senhores rotundos que enchiam a porta como aneddotas ambulantes, desses que têm procuração para substituir senhoras impossibilitadas de comparecer.

Novos clientes subiam, mudando o scenario monotono da saleta.

Chegou a hora do homem que se costuma expor aos medicos por bisarrissimo sarcasmo.

Entrou.

O medico o recebeu com apupos sonoros e encorajamentos retumbantes. Fel-o sentar. Emmaranhou-o na rede minuciosa de confissões extranhas, retrospectivas, desde o tempo infantil. Obrigou-o a passar para um salão onde o ascultou numa intimidade primitiva de indagações materiaes.

Depois, lavando com esforços maniacos, ambas as mãos num jacto de alcool, entrou a falar com energia, dando convicções apostolicas a voz.

O homem ironico, sorriu, mas devagar e com certa tristeza.

Pela vigesima vez subia ao consultorio de sumidades scientificas para ouvir pleonasmos maldictos...

O medico, tal como os outros tambem lhe falou em cura de repouso, em mudança de clima, em pneumothorax.

Elle ali estava, deante do espelho, nú e cambaleante comicamente desgraçado, com o esqueleto a flor da pelle. E aquella barba, oh! como ella tornava quasi uma caricatura aquelle homem assim grotescamente curvo como uma interrogação de cartaz!...

Vestiu-se lentamente, perdendo aos poucos o modo fraglantemente barbaresco de ha pouco. Recebeu o papel immaculado da receita. Tossiu, com enorme esforço; quiz perguntar ainda, mais por mania do que por necessidade, qualquer cousa. Gaguejou; cheio de redundancias explicou particularidades, com uma precisão doentia e aguda. Depois, zozzo, desilludido, sahiu.

Fóra, na cidade era a loja abjecta da burguesia contar o dinheiro, antes de recolher á casa.

A multidão passava sob a massa hostil dos quarteirões.

Elle atravessou as ruas febris e as praças estagnadas de gente e enveredou pelas calçadas, parallelamente a multidão. Ia triste, com uma amarga indisposição para com tudo. Passavam, irritando-lhe os nervos, velhos omnibus derramando luses tremulas no asfalto molhado. Fachadas se aclaravam, com annuncios luminosos, dum vermelho yankee.

Vozes apregoavam, nas esquinas, complicações internacionaes. Mulheres lepidas, de silhueta honesta, mettidas em tailleurs modernos crusavam deante de senhores circumspectos que fazião horas... Sussurro compacto. Fechavam-se as ultimas vitrinas e as ruas transversaes de commercio iam ficando desertas. Grupos de homens entravam, sahião e se aglomeravam á porta de cafés conversando sobre cambio, mulheres, titulos e telegrammas.

O homem ironico, sumiu, galgou a parte silenciosa da cidade, caminhou junto aos muros onde o operariado tinha gravado signaes dubios.

Por fim entrou em casa. Soube que a mulher ainda não tinha chegado. Chamou então a mãe para um canto da janella e, deante dum jardim trivial de arrabalde pobre, lhe narrou a historia toda como se ella a ignorasse. Depois, com ar imperativo, como que abrindo um parenthesis com os braços, juntou:

— Será bom, pois separar tudo quanto for de meu uso.

Depois occultou a ideia de uma estação de clima; falou até em arranjar um emprestimo com um amigo.

Quiz, depois, chorar... Mordeu os labios, disfarçou e ficou olhando o trecho pacato da rua.

Aquella era a hora habitual da febre; já começava a sentir as mãos grossas e pesadas; a testa se lhe empapava de suor e um sub delirio lhe avinagrava as ideias.

A mulher ao chegar teve um calmo e comedido espanto.

Elle se sentou junto a mesa a brincar com as pontas dum lenço, calado, pensativo, com rugas sinistras ao canto dos olhos humidos.

A mãe velhinha, á cabeceira da mesa, com meiguices brancas no rosto encovado tinha tacitas benções no modo de o aureolar com a sua bondade exuberante e tremula.

Um relógio tocou oito badaladas vulgares. A mulher calçou de novo as luvas; poz o chapéu, explicou que ia á sessão de Caridade, que voltaria para darem juntos um geito áquillo...

Elle ainda ficou, num meio extase; ergueu-se, voltou a contemplar a perspectiva suburbana da rua, e o canto triste do jardim...

Ideias fixas lhe enxameavam a cabeça. Pensou com particularidades vivas, no suicidio; mas afastou essa intenção, por que lhe repugnavam escandalos melodramaticos.

Tomou o chapéu, sahiu e começou a descer a rua, lentamente. Um sereno estupor lhe boiava na fisionomia macillenta de tuberculoso.

Aonde ia? Sabia lá! Fumou um cigarro, outro, e outro. Viu luses tremulas num casarão escandaloso, a cuja porta crianças mastigavam gulodices. Uma orchestra infernal paramentada de librés encarnadas, tocava uma marcha de revolução.

Aquillo era um circo...

Cartazes em profusão exhibiam informações coloridas de todo e qualquer numero...

Um circo...

Casaes simplorios, de ar honesto, entravam conduzindo creanças e creadas ingenuas.

Então, com a sua pobre e innocente filosofia provisoria de desgraçado elle voltou quasi a correr, até a casa; tomou pela mão a mãe já velhinha tremula e atarantada e sahiu apressado, anhelante, alegre, quasi como um resuscitado, voltou até á porta do casarão escandaloso e, como quarenta annos antes, entrou com ella na archibancada plebea daquelle circo feliz.

Rio, 924.

JOSE' GERALDO VIEIRA.





ESTUDINHOS DE PORTUGUÊS

Brasil ou Brazil

Infelizmente, o Brasil é um povo que não sabe escrever seu proprio nome!...

Em notas do Tesouro, em moedas, em sêlos e em todos os papeis officiais, o Estado manifesta o seu requintado indiferentismo pelas cousas da patria lingua, escrevendo erradamente o nome do país, o que é, positivamente, um crime de leso-patriotismo; na imprensa, no commercio, em toda a parte, nota-se, com tristeza, o lamentavel descaso dos brasileiros, que se não importam de conhecer ao menos a exata ortografia do nome de sua terra!...

Os que pintam *Brazil*, com *z*, sustentam que a palavra vem de *brasa*, como escrevem; outros entendem que o vocabulo tem a origem no sanscrito *bradschita*, adjetivo que significa *brilhante*.

Ora, é sabido e incontestavel que a denominação de nosso pais vem da afamada madeira, muito empregada na tinturaria e cujo conhecimento remonta ao seculo IX, — *brasil* —; este substantivo, conformemente a opinião autorizada de *Du Cange*, (*Gloss. me. et inf.*, vb. *brasile*), vem naturalmente de *brasa*, por alusão á côr avermelhada do *pau brasil*.

Dizem, alguns etimologistas de pechisbeque que *brasa* tem origem no grego *brásein*, palavra já transfigurada em *brásis* no moderno grego e que significa *ferveura*. *Brasa* diz-se *pruna*, em latim classico, *antrakis* em grego classico, e em grego moderno, *carbunia*, assevera o padre Teofilo Bento.

Brasa vem do antigo alto alemão *bras*, (fogo), segundo os mais eruditos etimologos, como F. Adolfo Coelho, Candido de Figueiredo, etc., não obstante Wilson, *Diccionario Sanscrito-Inglês*, ter affirmado a sua origem do sanscrito *bhrasa* (*luzir*), ou ainda de *bhras*, (*resplandecer*), conforme Bopp, em seu *Glossario Sanscrito-Latino*.

Brasa, carvão ardente, escreve-se em português com *s*, assim como o é em provençal e castelhano; escrever *braza*, com *z*, é grande pequice, que sempre deve ser evitada.

Si *Brasil* vem de *brasa* claro é que não admite a intromissão do *z*.

Em francês, escreve-se *Brésil*; em italiano, *Brasile*; em espanhol, *Brasil*; em provençal, *Bresilh*; em latim, *Brasília*; em latim barbaro, *Brasile*; em alemão, *Brasilien*; em inglês, *Brasil*; em holandês antigo, *Brasyl*; em sueco, *Brasilien*. O inglês e o holandês também admitem a grafia com *z* intervocalico.

Candido de Figueiredo, *Lições Práticas da Língua Portuguesa*, vol. III, p. 164, ensina: "... e temos, além de tudo, a nossa primitiva ortoepia, conservada nas províncias do norte, onde o beirão e o transmontano nunca disseram *Brasil*. Transmontanos e beirões, lidamos representantes do nosso falar antigo, nunca pronunciaram como *Z* o *S* intervocalico. E' difficil representar essa pronuncia, mas imaginem o *S* intervocalico, igual a um *S* final. De maneira que, em *rosa*, o *S* sôa como o *S* de *dois*; e assim diríamos: *rós...a*. E' o que lá sucede com o *Brasil*, que se pronuncia *Bras... il*.

Ora, esta ortoepia é um grandissimo elemento para dirimir duvidas no emprego do *Z* e do *S* intervocalico."

Escreveu Pero de Magalhães de Gandavo, em 1576:

'Por onde nam parece razão, que lhe neguemos este nome, nem que nos esqueçamos d'elle tam indiuidamente por outro que lhe deu o vulgo mal considerado, depois que o pao da tinta começou de vir a este reino. Ao qual chamaram *brasil*, por ser vermelho e ter semelhança de *brasa*, e daqui ficou a terra com este nome *Brasil*." (*Historia da Provincia de Sancta Cruz*, p. 7, r. e v.).

Além de Pero de Gandavo, escreveram *Brasil*, com *s*, escritores eminentes e eruditos filólogos, como frei Luís de Sousa, Domingos Vieira, Amador Arraiz, Constancia, Rui Barbosa, Silvio Romero, Simão de Vasconcellos, Antonio Vieira, Gonçalves Viana, Julio Moreira, Heraclito Graça, Eugenio Vernek, Gaspar da Madre de Deus, Inocencio da Silva, Melo Morais, Frederico Diez, A. Herculano, Adolfo Coelho, Aureliano Pimenel, etc.; adotam atualmente a mesma ortografia os seguintes filólogos e respeitabilissimos mestres: José Leite de Vasconcellos, Alfredo Gomes, Carlos de Laet, Mario Barreto, Silva Ramos, Laudelino Freire, Carlos Góis, Said Ali, d. Carolina Micaelis de Vasconcellos, C. de Figueiredo, Basilio de Magalhães, Lindolfo Gomes, Maximino Maciel, Paulino de Brito e tantos outros que longo fôra enumerar.

A grafia correta do nome de nosso país é, conseqüentemente, *Brasil*.

CARECER

Erra-se costumadamente o emprego do verbo *carecer*, do baixo latim *carescere*, incentivo de *carere*., dando-lhe a significação de *precisar*, *ter necessidade*. Embora alguns lexicografos autorizem tal emprego, infelizmente generalizado entre nós, a filologia moderna condena-o, taxando-o de barbarismo, não obstante o tivessem perpetrado escritores de primeira agua, como Herculano, Camilo, Arnaldo Gama, J. de Alencar, etc.

O verdadeiro sentido do verbo *carecer* é o de *não ter*, *estar fulto*, *estar sem*, e nunca se constrói prescindindo da preposição de que indica o que se não tem.

Dizemos, acertadamente *Minas carece de um porto de mar*; *a casa do pobre carece de conforto*, etc.; o que significa dizer que *Minas não tem um porto de mar*, *a casa do pobre não tem conforto*, etc.

Emprega-se *carecer* de sempre que possa ser substituído por *não ter*. Seja ou não seja *precisa* uma coisa *carece* dela quem a não possui.

Oiçamos o que dizem os mestres, amigos que em nossa casa topam sincero gasalhado:

"O pique é de mestre; mas a censura *carece* de fundamento, salvo..." (Heráclito Graça, *Fatos da Linguagem*, p. 445).

"*Careci* de piedade, é certo; mas tu, que me trouxeste á existencia, divindade perversa, (Prometeu), foste a causa original de tudo." (Machado de Assis, *Varias Historias*, p. 290).

"Não ha tempo em que melhor se julgue, e entenda o bem da paz, que quando se *carece* dela." (João de Barros, *Panegirico a el-rei D. João III*, p. 30).

"...D. Quixote vai pelos campos e pelas azinhagas... buscando viúvas... que *careçam* de amparo..." (Olavo Bilac, *Conferencias Literarias*, p. 182).

"A cidade... *carece* totalmente de edificios publicos..." (Silveira da Mota, *apud* C. de Figueiredo).

"... é emenda artificial subjectiva, e portanto *carece* de autoridade" (Gonçalves Viana, *Palestras Filologicas*, p. 121.)

"... *necessidade* porém, quando para exprimir uma idéa *carece* de termo a lingua" (Dr. Castro Lopes, *Neologismos Indispensaveis*, p. XII.)

"*Carecemos* de autoridade para essas considerações". (Solidonio Leite, *Rev. de Ling. Port.*, vol. III, p. 111).

"Esta *carece* de toda a realidade". (Gil Vicente, *Obras*, v. III, p. 388).

"Os juizos e proposições do sr. Duque Estrada são arbitrarios, por *carecer* de testemunhos ou provas". (Mario Barreto, *Fatos da Lingua Portuguesa*, p. 313).

"*Carece*, pois, de fundamento a paixão que..." (Carlos de Laet, *Microcosmo*).

"Tal conclusão... *carece* de base scientifica". (C. de Figueiredo, *o que se não deve dizer*, tomo I, p. 218).

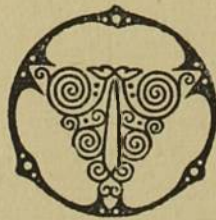
"... a regra dos gramaticos relativa ao modo de escrever a preposição á *carece* de bom fundamento." (José de Alencar, *Iracema*, p. 245).

"As flores que anoiteceram secas e murchas, por que *carecem* de vozes, posto que lhes não falte melodia para louvar a quem as fez tão formosas..." (Antonio Vieira).

Emfim, o erudito frei Francisco de S. Luís, *Glossario das palavras da lingua francesa*, condenando a construção *bom tom*, escreveu: "Parece-nos expressão afetada, de que podemos *carecer*."

Belo Horizonte.

JOSE' PATRICIO DE ASSIS.





O MERGULHADOR

*O Poente perpendicular
treme, á beira da planície.
E' um mergulhador que vacilla,
antes de atirar-se ao mar.*

*Vacilla... E no grande scenario,
eis que repentinamente
muda-se o quadro azul da tarde
pelo da noite serena.*

*E nesse quadro incomparavel
que é o fundo do mar escuro,
por entre as massas de agua azul,
vê-se o nadador passar.*

*Passa... E vae afflicto, e vae rapido,
e lucha e corre e se fêre
e estende em vão os braços pallidos,
á caça fria das perolas.*

*Depois... nas manhãs refrescadas,
todo molhado apparece,
agitando joias claras
sobre os jardins que adormecem.*

CARLOS ALBERTO DE ARAUJO.

OS CANTORES POBRES DA CIDADE

*Artistas pobres, tristes cantores,
que de instrumentos fatigados
ainda arrancaes, por entre dores,
delicadissimos bailados.*

*Aquelle violino tristonho
como um poeta decadente
tem a alta impressão de quem sente
a volúpia de um lindo sonho.*

*Nas mãos dos cegos o violino
parece uma creatura humana,
fallando á vida quotidiana
tristes cousas de seu destino.*

*Em suas notas ha matizes,
ha subtilezas coroadas,
que fallam de cousas passadas
e de uns homens muito infelizes...*

*Ha uma suavidade que deixa
na alma da gente que passa
a cinza de uma vã desgraça
sobre o tecido de uma queixa.*

*Aquella musica frequente
de cavatinas dolorosas
canta na voz do homem que a sente,
apagando todas as rosas.*

*Linda musica descuidada
sem pretensões a formosura,
mas onde ha uma grande finura
completamente abandonada.*

*Amo-a, por que não hei de amar
os dons de cada instrumento,
onde ha muito mais sentimento
do que cordas para tocar?*

*Vejo naquellas partituras,
cantos da vida transitoria,
passarem como creaturas
todos os artistas sem gloria.*

OSWALDO ORICO.





BLAISE CENDRARS

*"Then to turn destruction into creation
Is not enough:
But out of this turmoil a Self must be won:
And he only wins Self who loses it in another."*

JAMES OPPENHEIM.

NÃO falemos da snra. de Noailles. Veio a guerra. O tumulto permitiu aos poetas esquecerem-se de Mallarmé. Não falemos do snr. Paul Valéry. "Puis l'époque: construction, simultanismo, affirmation Calicot: Rimbaud: changement de propriétaire. Affiches. La façade des maisons mangées par les lettres. La rue enjambée par le mot. La machine moderne dont l'homme sait se passer. Bolchevisme en action. Monde". Toda a critica, e a melhor, de Cendrars deu-a êle mesmo nessa carta de 1920.

Logo depois da guerra publicava o "J'ai tué". Conto. Fazia ainda impressionismo. Aliás toda a sua obra de escritor é trabalho de impressionista. Mas dentro do impressionismo se distinguirão duas fases. A primeira, continuação e consequencia do romantismo: fim de trajetória, dissolução. Manet, Degas, Vuillard. A segunda, tendencia ascencional para novo classicismo: sistematização, aparelhamento, construção. Início de nova trajetória. Seurat, Rousseau, Cézanne. O impressionismo destrutivo da primeira fase espraia-se num lago fechado, sem continuidade estetica. Abuso de liberdade; individualismo absoluto. O "fauve" da pintura e o "dada" das artes literarias o representam. O impressionismo construtivo da outra fase é continuidade natural, humana e social de evolução. Permite desenvolvimento; organiza a liberdade, cerceia o individuo. Dirige-o para a humanidade. Em vez de análises pessoais dispersivas, sintetiza as comoções dentro duma ordem mais geral e clássica.

Em "J'ai Tué" (1919), Cendrars emprega mesmo o pontilhismo. "Tout pète, craque, tonne, tout à la fois. Embraselement général. Mille éclatements. Des feux, des brasiers, des explosions. C'est l'avalanche des canons. Le roulement. Les barrages. Le pilon. Sur la lueur des départs se profilent éperdus des hommes obliques, l'index d'un écriteau, un cheval fou. Battement d'une paupière. Clin d'oeil au magnésium..." Ou no magistral ataque á trincheira inimiga: "... Voilà le groupe qui stimule les autres. Le fanfaron se fait petit. L'âne brait. Le lâche se cache. Le faible tombe sur les genoux. Le voleur vous abandonne. Il y en a qui escomptent d'avance des porte-monnaies. Le froussard se carapate dans un trou. Il y en a qui font le mort. Et il y a toute la bande des pauvres bougres qui se font bravement tuer sans savoir comment ni pourquoi. Et il en tombe! Maintenant les grenades éclatent comme dans une eau profonde. On este entouré de flammes et de fumées. Et c'est une peur insensée qui vous culbute dans la tranchée allemande".

No "Profond Aujourd'hui" (1917) o poeta já prènnunciara o processo. Página excelente êsse "Profond Aujourd'hui"; Um pouco *perimée* pela adoração da máquina, da sciencia e do movimento, mas em que o artista teve a maestria de fugir do manifesto, embora lhe bordeje nas aguas.

Este começo de seculo, talvez o caracterizem mais tarde como a epoca do manifesto. Epoca terminada. Aragon teve o espirito de lhe dar o golpe de misericórdia com o impagavel "Manifeste du Scandale pour le Scandale". Acabou.

Devo esclarecer o que disse mais atrás: Não comparo o pontilhismo pictural com o processo de Cendrars. Servi-me de palavra capaz de expressar o que quero dizer. A prosa de Cendrars tem outro caracter que o pontilhismo dissolvente e envolvente dum Signac ou Previati. Cada palavra, cada frase curta, de significação exacta, essencial, concorre, por juxtaposição, em sintese sistematica, para uma arquitectura extraordinariamente equilibrada e franca. E assim rapida, cinematica, crea vida intensa — ultrarealismo de objectivação dramatica, ainda não visto nunca na comedia e esterilizada prosa de França. Sinceridade de expressão que toca ás vezes a secura. Ingenuidade primitiva, voluntariamente pobre, Cendrars descobriu o sêgrêdo de certas frases musicais de primitivos, selvagens, ou populares e a rigidez crua, plastica, saxeia das lendas negras que tão bem soube reunir na "Anthologie". Frases musicais ou lendas que através de gerações e gerações vieram se construindo, estratificando, condensando, para finalmente adquirir sobria concisão, como que indiferente e estoica, mas que no fundo guarda a dor continuada, a fôrça em luta aberta, a alegria intercadente dos homens em successão. O que não quer dizer que Cendrars seja definitivo. Mas eu creio que, principalmente nos poemas, realizou a definitiva expressão do decenio 1910-1920.

Ainda em "La fin du monde" o mesmo artista se encontrará. Nos dois outros livros de prosa publicados depois da guerra, tanto no "Monganni Nameh" livro inferior, como em "L'Eubage", Cendrars é já menos energetico e mais deleitoso. Isso em parte se justificaria pelo assunto... Livros de fantasia um pouco facil, onde se reconhecerão, eivando o mineiro puro da personalidade Cendrars o calcareo de outras fontes. E da mesma forma que o espirito, nestas obras o estilo fraqueia. Mais agradável porventura... O fulgor abundante das imagens scintilla. Já não é o Cendrars da prosa incontestavelmente forte das outras obras. Compare-se:

"L'Eubage", cap. 1.º: "Après avoir levé l'ancre, nous quitâmes la Terre pour entrer dans cet océan de lumière solaire qu'est notre atmosphère respirable. Ayant atteint ses extrêmes limites, nous nous engageâmes résolument dans les rapides de la région de l'ozone. Nous allions si vite que nous ne pouvions estimer la vitesse acquise et qu'il nous semblait

rester immobiles. La Terre était invisible dans notre sillage et devant nous les astres n'existaient plus. Enfin nous fîmes la grande chute dans le vide, éclaboussés par une écume d'étoiles. Nous louvoyâmes devant la Grand' Ourse durant sept siècles d'horloge, passant souvent sous des arcs-en-ciel noirs; puis, ayant doublé le cap d'Orion, nous piquâmes droit devant nous dans la direction du Sud qui est le Nord du Ciel. Nous pêchions des êtres interstellaires qui nous ébahissaient tant ils nous semblaient étranges, mais dont la chair exquise nous régalaient et était un précieux adjuvant à l'ordinaire de l'équipage... "A frase se alonga, sensual. Cadencias. O adjetivo não é imprescindível: colore e harmoniza.

Mas eis o cap. 1.º de "La Fin du Monde": "C'est le 31 Décembre. Dieu le père est à son bureau américain. Il signe hâtivement d'innombrables papiers. Il est en bras de chemise et a un abat-jour vert sur les yeux. Il se lève, allume un gros cigare, consulte sa montre, marche nerveusement dans son cabinet, va et vient en mâchonnant son cigare. Il se rassied à son bureau, repousse fiévreusement les papiers qu'il vient de signer et ouvre le Grand Livre qui est à sa droite. Il le compulse un instant, note des chiffres au crayon sur son bloc-notes, souffle la cendre de son cigare qui est tombée entre les pages du livre. Il s'empare soudain du téléphone et téléphone furieusement. Il convoque ses chefs de rayon. "Plena síntese. Objectivação directa. O adjetivo funciona bem. O contador desaparece. Vida. Movimentação do leitor. Colaboração.

Aliás o que mais desagrada nos livros de plena fantasia é a absoluta observação passiva a que sujeitam o leitor. Eis porquê pouco aprecio Lautréamont. Prefiro Julio Verne e Sue...

"Et ce n'est pas le moindre mérite que de citer le roi des Voleurs".

Deverá procurar-se essa dosagem bem medida entre a fantasia sentimental e a verdade vivida, que está em "Une Saison en Enfer", em "Le Poète Assassiné", em "Le Panama". Então a obra-prima aparece.

Como prosista, Cendrars me interessa principalmente pela maneira com que trabalhou a palavra. Aprecio sobretudo o problema da forma de que deu as duas soluções diversas, caracterizadas sobretudo por "L'Eubage" e "J'ai Tué". Prefiro de muito a acção rápida dêste á divagação colorida daquelle. A prosa francesa é branca... Não me lembro de quem o disse. "Profond Aujourd'hui", "J'ai Tué", "La Fin du Monde" são brancos.

Mas em Cendrars o poeta é maior que o prosista.

Redrado o solo da poesia de França por êsses précursores que foram Rimbaud, Laforgue e Lautréamont. Fortificado pelo adubo americano de "Walt Whitman, a Kosmos, of Manhattan the son", despargido principalmente pelo belga Verhaeren, nela surge uma árvore mágica: Guilherme Apollinaire. Não se discutirá a influencia dêste sobre a poesia moderna francesa. Remy de Gourmont é a unica influencia aceita por Cendrars sobre sua personalidade... Respeite-se a opinião do poeta. Mas chamei Apollinaire de árvore mágica. Para poder agora afirmar que as suas sementes produziram árvores diversas dêle. A influencia de Gourmont será também exacta... Mas imperceptível, antes virtual. E, mais ainda que a sua crítica psicologica e iluminada, creio que a grande, maxima influencia nos veio da propria psicologia experimental, que permitiu penetrar nos arcanos do processo com que Rimbaud genialmente construiu as "Illuminations". Foi a psicologia experimental que nos descobriu as verdadeiras nascentes do lirismo puro.

E Cendrars aproxima-se do lirismo puro mais do que nenhum outro poeta moderno. Nunca a subconsciencia foi posta a nú com tanta exactidão e sinceridade como nos "Dix-neuf Poèmes Elastiques" (escritos em 1913 e 14). Si ainda nas "Pâques a New-York" (1912) uma certa organização intelectual e consciente (geminação de versículos rimados, certa logica na

concatenação das ideias) se percebe; (desconheço a "Légende de Novgorode", 1909, e "Séquences", 1913, inteiramente inachaveis); si nas obras-primas do poeta "Prose du Transsibérien" e "Le Panama" a propria designação do assunto obriga a um esforço de atenção dirigente que intelectualiza um tanto êsses poemas; já nos "Dix-neuf Poèmes Elastiques" o lirismo subconsciente é expresso quasi de modo integral. Só um espirito despedido de qualquer vaidade literaria e de retorica pode atingir essa expressão por assim dizer completa do lirismo puro. As proprias metáforas perdem aquele encanto de transposição e de fantasia com que, em geral, a intelligencia as reveste; e as imagens correlatas aparecem, despidas de todo embelezamento intelectual, em toda a sua eficacia e cristalina pureza. Em *Journal*:

"J'ai passé une triste journée à penser à mes amis
Et à lire le journal
Christ
Vie crucifiée dans le journal grand ouvert que je tiens les bras tendus
Envergures
Fusées
Ebullition
Cris
On dirait un aéroplane qui tombe.
C'est moi".

Do *Mardi Gras* veja-se êste final:

"Il y a des heures qui sonnent
Montjoie!
L'olifant de Roland
Mon taudis de New-York
Les livres
Les messages télégraphiques
Et le soleil t'apporte le beau corps d'aujourd'hui dans les coupures des
journaux
Ces langes"

Mas na realidade êsses poemas se livraram das metáforas. Ha nêles a simplicidade que vem da incomparavel sobriedade mecanica. A' primeira impressão desagradam quasi. Sempre sobra em nós, por mais esforços feitos, uma certa dose de retorica e de convencional, a que tal sinceridade repugna. Ultrarealista.

Não se negue: o subconsciente é eminentemente realista. Liberta-se, na sua maneira de agir, dessas funções (chamadas cognocitivas, ah!) de intelligencia: a razão, a consciencia, a compreensão intellectiva (milhor: a apreensão), e principalmente a imaginação que desvirtuam a realidade. O subconsciente (Delwshauvers) lida apenas com as sensações memoriadas as associações de imagens propriamente ditas, a distração, a cenestesia que o tornam exacto espelho do exterior, humano ao contrario de pessoal, e realista. O mesmo Cendrars o observa e aplica quando escreve em *Titres*:

"Formes sueurs chevelures
Le bond d'être
Dépouillé
Premier poème sans métaphores
Sans images
Nouvelles
L'esprit nouveau
Les accidents des féeries
400 fenêtres ouvertes..."

Exemplo magistral:

"Je suis un monsieur qui en des express fabuleux traverse les toujours
mêmes Europes et regarde découragé par la portière

Le paysage ne m'interesse plus
 Mais la danse du paysage
 La danse du paysage
 Danse-paysage
 Paritatitata
 Je tout-tourne"

de *Ma Danse*

Nessa aplicação poetica do lirismo puro está a grande importancia de Blaise Cendrars, ao mesmo tempo que a grande comoção dos seus poemas.

Como base espiritual construtiva, já disse, seu princípio generico é o emprêgo mais aproximado possivel do subconsciente. E disso vem toda a sua poetica. Sobre esta nada ha que dizer. Ou por outra: ha demais. Apenas, por se utilizar da liberdade aparentemente vagabunda das partes profundas do ser, não ha como organizar sobre essa poetica um tratado ou apenas resenha de leis de versificação. Verificar-se-á tão somente a bela desordem da mais convicta liberdade. Mas liberdade de que não abusa como o alemão Becher, como o americano Sandburg, que organizam num só verso, frases e periodos de 5, 7, 12 linhas e mais! O proprio Whitman, aliás. Em *Salut au Monde* está o verso: "I see them raised high with stones by the marge of restless oceans, that he dead men's spirits when they wearied of their quiet graves might rise up through the mounds and gaze on the tossing billows, and be refresh'd by storms, immensity, liberty, action. "Verificar-se-á tão somente, eu dizia, nos poemas de Cendrars essa bela desordem que o não é. Porquê se supreende a ordem misteriosa do subconsciente associando e coordenando as sensações; legitimando a distração; dirigindo a scisma; enca-deando realidades, comoções, lembranças num todo harmonioso e coerente.

Certos poemas seus, notadamente a "Prose du Transsibérien", onde está o famoso passo das associações de imagens:

"Tric-trac
 Billard
 Caramboles
 Paraboles
 La voie ferrée est une nouvelle géométrie
 Syracuse
 Archimède
 Et les soldats
 Et les galères
 Et les vaisseaux
 Et les engins prodigieux qu'il inventa
 Et toutes les tueries
 L'histoire antique
 L'histoire moderne
 Les tourbillons
 Les naufrages

Même celui du Titanic que j'ai lu dans le journal..."; certos poemas de Cendrars são lindissimas, lições praticas sobre o eu profundo.

Nos dois anos de intensa produção lirica, 1913 e 14, o poeta, sempre fugindo cada vez mais do esclarecimento analitico intelectual, foi-se concretizando, sintetizando até conseguir o ascetismo de expressão dos "19 Poèmes Elastiques". Seu verso se encurtou, resumido muitas vezes na palavra. Tambem os poemas passaram daquela eloquente prolixidade de "Paques", da harmoniosa compleição do "Panama" e da "Prose du Transsibérien" para o pequeno poema de poucas linhas, verdadeiramente esquematico. Não os chammou êle de *elásticos*? Mas jamais Cendrars, por sobrio que se tornasse caiu na segura, safara e rebarbativa já, de alguns poetas da Sturm. Ain-

da no último número da revista holandesa "Het Overzicht" transcrevia-se este poema de Thomas Ring, pertencente ao grupo dirigido por Hervarth Walden:

"Rat vüsted Weh
und
wehe wüste
wüsted
wüst
o
weh
o
rot
weh
o".

Só um poeta alemão soube atingir na síntese fraseológica a justa medida alcançada por Cendrars: Kurt Heinicke.

Essa justa medida, que poderia dizer-se clássica, dos "19 Poemas Elásticos", onde dominam, verdadeiras joias, *Journal, Tour, Portrait, Atelier, Ma Danse, Aux 5 Coins, e Construction*, representa já Cendrars na posse total da maneira de exprimir que procurara. Com amiga ironia poder-se-lhe-ia observar que, atingindo os antipodas da retórica, ele caíra numa retórica pessoal. Sim. "19 Poemas Elásticos" representam já a sistematização de meios expressivos individuais.

A mais pura e perfeita manifestação que Cendrars nos deu da verdadeira liberdade está nas duas obras-primas: "Prose du Transsibérien" e "Le Panama". Aqui, a correspondência exacta entre a expressão formal e o lirismo puro, se liga (principalmente pelo esforço da atenção) o equilíbrio entre a manifestação subconsciente e a consciencia.

E nesses dois poemas se tornou o mais verdadeiro dos poetas cósmicos. Amplo, palpitante, com sonora grandeza:

"Les catapultes du soleil assiégent les tropiques irascibles
Riche Péruvien propriétaire d'une exploitation de guano d'Angamos
On lance l'Acaraguan Bananan
A l'ombre
Les mulâtres hospitaliers
L'oiseau?secrétaire est un éblouissement
Belles dames plantureuses
On boit des boissons glacées sur la terrasse
Un torpilleur brule comme un cigare
Une partie de polo dans le champ d'ananas
Et les paletuviers éventent les jeunes filles studieuses
My gun
Coup de feu
Un observatoire au flanc du volcan
De gros serpents dans la rivière desséchée
Haie de cactus
Un âne claironne la queue en l'air
La petite indienne qui louche veut se vendre à Buenos-Ayres
Le musicien allemand m'emprunte ma cravache à pommeau d'argent et
une paire de gants de Suède
Ce gros hollandais est géographe
On joue aux cartes en attendant le train
C'est l'anniversaire de la Malaise
Je reçois un paquet à mon non, 200.000 pésétas et une lettre de mon,
sixième oncle:

Attends-moi à la factorie jusqu'au printemps prochain
Amuse-toi bien bois sec et n'épargne pas les femmes

Le meilleur électuaire
 Mon neveu...
 Et il y avait encore quelque chose
 La tristesse

Et le mal du pays. "Cendrars surpreendeu e captou nos seus versos o grugrullo vasto do universo. Agora sim: inteiramente isento de retorica, pois que livre até de si mesmo e de seus proprios processos. E' poeta que não olha para trás., a semear achados, ou embrionarios nas obras dos antecessores, ou inventados por êle mesmo. Não economiza, não conserva, não desperdiça. Como o selvagem vai, deixando-se levar ao sabor das associações, das sensações, dos raciocinios, conjugados apenas pela intenção do poema, vai, movido pelo cosmico entusiasmo, mostrando, como com tanta realidade jamais foi mostrada, a vertiginosa eloquencia da vida contemporanea.

Sua maneira directa de expressar, a naturalidade irresistivel, como inconsciente, com que maneja a humanidade inteira nesses poemas, é a poesia mais representativa da Babel universal. Não pesa sobre tais asas uma abstracção, uma filosofia politica, um idealismo quimerico de concordia universal. E' o mundo apanhado do vivo, concreto. Algumas vezes mesmo êsse mundo rasga as carnes do peito. E escuta-se o palpar do imenso coração:

"J'ai vu

J'ai vu les trains silencieux les trains noirs qui revenaient de l'Extrême-Orient et qui passaient en fantômes.

Et mon oeil, comme le fanal d'arrière, court encore derrière ces trains
 A Talga 100.000 blessés agonisaient faute de soins

J'ai visité les hopitaux de Krasnoïarsk

Et à Khilok nous avons croisé un long convoi de soldats fous

J'ai vu dans les lazarets des plaies béantes des blessures qui saignaient à pleines orgues

Et les membres amputés dansaient autour ou s'envolaient dans l'air rauque

L'incendie était sur toutes les faces dans les coeurs

Des doigts tambourinaient sur toutes les vitres

Et sous le pression de la peur les regards crevaient comme des abcès

Dans toutes les gares on brûlait tous les Wagons.

Et j'ai vu

J'ai vu des trains de 60 locomotives que s'enfuyaient à toute vapeur pourchassées par les horizons en rut et des bandes de corbeaux qui s'envolaient désespérément après

Disparaître.

Dans la direction de Port-Arthur." (Prose du Transsibérien).

Cendrars estava no ponto de se enternecer. Mas em geral êle repele a comoção contada. Não tem a coragem alemã de ser sentimental. Nisso é bem francês. Muito discreto. Demasiado discreto. Fica-se a desejar um pouco mais de.... De que?... Não sei. Sobra-nos sempre esta sensação de insaciedade, que talvez seja um dos segredos da sua arte. E' preciso criar á margem desses poemas em que o mundo palpita, a glosa das nossas proprias palpitações. Assim, recordando a morte do pai:

J'avais un beau livre d'images

Un grand lévrier qui s'appelait Dourak

Une bonne anglaise

Banquier

Mon père perdit les trois quarts de sa fortune

Comme nombre d'honnêtes gens qui perdirent leur argent dans ce crach

Mon père
 Moins bête
 Perdait celui des autres
 Coups de revolver
 Ma mère pleurait
 Et ce soir-là on m'envoya coucher avec la bonne anglaise."

(Le Panama)

Com rapidez, a elasticidade e a psicológica certeza da sua maneira de lidar a frase, Cendrars representa o ponto culminante do verso livre. Realizou-o na sua exacta variedade, na liberdade possível, energético e eficaz.

O verso-livre adquiriu hoje definitivamente direitos de existência. E' a terceira metrica; e levou meio século para implantar-se. Mas não creio se fique nêle. Sendo o mais primitivo e natural dos meios de versejar, é ao mesmo tempo o mais erudito. Requer a rica educação das elites. Não se popularizará. O povo, a grande maioria dos leitores (sempre povo) pede aquela ritmica fácil, em que a volta das mesmas medidas e a regular coincidência dos acentos ajudam a compreensão, despertam a memória e embalam sensualmente. A poesia não pode circunscrever-se ao verso-livre, que ao mesmo tempo exige o despreconceito do selvagem e a fina estesia dos de grande nobreza intelectual. O poeta não pode ficar nêle sem que se singularize e se torne raro. O verso-livre não satisfaz a burguezia das massas. Nunca será a expressão preferível da poetica.

Si Cendrars é já humano em sua expressão psicológica; si como índice de classicismo se poderá determinar o equilibrio entre a comoção particular e o interesse geral, que nos seus poemas se verifica; por outro lado o verso-livre, de que faz emprêgo sistematico, é a consequência final da exasperação romantica.

Não é mais possível já a um poeta circunscrever-se a êsse versejar. Dever-se-á obedecer á pressão virtual das necessidades humanas.

Eu pretendia publicar na íntegra um dos poemas de Cendrars para que melhor se aquilatasse do imenso valor do poeta que agora nos visita. Desisti. Reconheço que falam de modo incompreensível e de coisas irreconhecíveis para a infinita maioria dos brasileiros leitores. Defeitos da nossa semi-cultura. Aceite-se embora que um brasileiro se desinteresse e mesmo os ignore, pela Europa de hoje e pelos esforços que esta faz, envelhecida e tropega, por se libertar de si mesma... Mas então que êsse brasileiro, atento, se volte para si proprio e para os progressos e possibilidades da terra onde vive. Isto justamente não se dá. A semi-cultura, a grandissima, interminável pandemia que nos infelicit, aos sulamericanos, transporta-nos para uma Europa já morta, Europa de ficção, e nos leva a um fetichismo pelo passado europeu, que não pode mais ser a manivela tradicional da nossa evolução, nem o sistema circulatório de nosso corpo aventureiro e novo. Isto seja dito em perfeita calma de espirito. Não se trata de insultar coisa alguma; nem parnasianos, nem arcados. Que se reconheça a existência das ondinas do Reno bem como a magestade de Zeus no acume dos degraus do Olimpo. E' sabido que essa criatura dos dóricos tirou de si mesmo filha dilectissima e nobre protectora de helenos, Pallas Athenas, deusa da sabedoria. Mas havemos de concordar que si Sabedoria existir para nós, terá de tirar-se de nós mesmos; não será nem a Pallas Athenas, grega nem a Saravasti indiana. Para nós, que evidentemente começamos agora a esboçar na argamassa caotica das nossas aventuras e circunstancias a consciência nacional, sabedoria consistirá em observarmos com maior entendimento de nós mesmos as nossas forças presentes, e apenas ajuntar-lhes do presente dos países europeus, ha mais tempo lidados pelas pesquisas do espirito e pelas necessidades da vida, aquela parte da verdade que, transplantada para os nossos tropicos, poderá continuar nêste solo o caminho das suas raízes e produzir frutos

fecundos e actuais. Temos de seguir o exemplo dos chefes do Brasil colonia que, como observa Oliveira Vianna, tudo criaram pelas necessidades do povo e acidentes da terra. A desintelligencia entre a verdade e o ideal, eis a grande causa dos nossos depauperamentos e pobreza. E foi em grande parte a inata macaqueação vinda do nosso temperamento preguiçoso e pachorrento que nos levou á copia de constituições como de escolas literarias. Existe uma ridicula desintelligencia entre o brasileiro e o Brasil. Emquanto isso perdurar seremos um povo de infelizes.

Na poesia, parte geratriz dêste artigo, si fôra servil, mesmo torpe imitarmos a Cendrars, é certo que o exemplo dos seus poemas nos facilitará a criação da poesia livre, forte, vibrante, audaz e colorida que tem de ser a da nossa raça em formação. Porquê si nossa raça não for livre, forte, nem vibrante, audaz e colorida será fatalmente melancolizada pela incompreensão da propria terra, esquarterada pela inadaptação, definitivamente vencida, morta.

Como amar sem interesse? Odiosa a porfia desumana dos platonicos. Nada é bom, nem mesmo belo, que não derrame os seus beneficios, muito embora sejam êstes de desinteressado prazer, sobre mim, em tudo o que sou: ser nacional, humano. Por isso amo sobretudo, da poesia viva de França, Blaise Cendrars, porquê o mais rico de beneficios para mim. Ele me libertou da incompreensão do passado, pelo qual eu não vivia na terra do meu pais e do meu tempo. Eu existia sem viver. Livrou-me do ritmo impessoal, dando-me, não o seu, mas o meu ritmo; tão diferentes êstes! Descobriu para mim as puras nascentes do lirismo, muito mais que escritos de estetas e experiencias de laboratorios. Porquê sempre foi caminhar estrada mais certa, em vez de cartas geographicas, ter um prático sarado e sacudido por companheiro de viagem. Eu escutara a prédica alemã do universalismo. Era já porém como um eco do sumptuario idealismo do Whitman... Em vão as páginas unanimistas de Romaine e companheiros me seduziram. E muitas vezes forte comoção me prendia mesmo, como no "Bourg Régénére", como no "Livre d'Amour". Mas eram sempre ideas, sistemas de pensar, abstracções. Admiti o universo como teoria. As patrias eram teses por discutir. A dialectica reinava. Foi Cendrars que me revelou o universo. Si do mundo aqueles me tinham dado uma *filosofia*, Cendrars deu-me o *conhecimento*. E, poeta francês, libertou-me da França.

Esse é o homem que S. Paulo hospedará por alguns meses. A' sua chegada deu-se um incidente grandioso. As autoridades de Santos quizeram impedir-lhe o desembarque, porquê era mutilado. Tudo se arranjou; felizmente para nós que possuiremos o poeta por algum tempo. Mas o acto policial me enche de sincero orgulho. Que vêm fazer entre nós os mutilados? O Brasil não precisa de mutilados, precisa de braços. O Brasil não precisa de recordações penosas sinão de certezas joviaes. Numa descida de vapor a policia não podia pesar as riquezas espirituais que Cendrars nos trazia. Impediu-lhe a entrada. Fez muito bem. Inteirada depois, permitiu que passasse. Fez todo o bem. Essa tem de ser a nossa forma habitual de proceder. Nada temos que aprender com o snr. Henri de Regnier, poeta de França. Temos muito que aprender com Cendrars, poeta do mundo. O snr. de Regnier é mais mutilado que Cendrars para as necessidades do organismo nacional.

Um tempo nós tambem, os famanados modernistas brasileiros, acreditamos que a França resumia toda a arte. Era ainda a herança má dos mestres, quasi que só voltados para a lingua do *oui*. Muito esforço pessoal foi preciso para que alem do "jaune, la fiere couleur des romans de la France à l'étranger" percebessemos que outras grandezas presentes havia e novas expressões. Esse conhecimento nos permitiu nos integrassemos na consciencia do nosso país, porquê nos tornamos os homens livres que hoje somos. Brasileiros, sem quasi nenhuma tradição artistica, sem a tremenda herança de

seculos e seculos de intelligencia crítica, é como homem livre, sem ligação de escola alguma francesa ou italiana, alemã ou portuguesa, como selvagem, que saúdo o poeta francês. Ele escreveu no *Hamac*:

"Apollinaire

1900—1911

Durant 12 ans seul poète de France".

Continue-se o poema:

"Blaise Cendrars

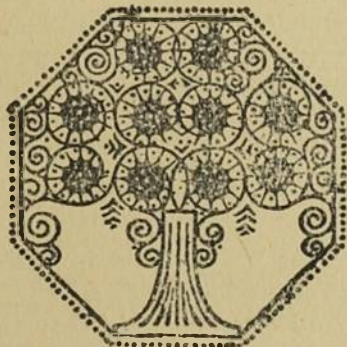
1912—1924

Durant 12 ans grand poete de France."

Não falemos do snr. João Cocteau.

Fevereiro—1924

MARIO DE ANDRADE





A VOLTA A' MUSICA PURA

NUM dos seus artigos enviados para a *America Brasileira*, Camille Maclair, estudando o movimento musical francês na sua tendencia anti-romantica, nelle encontra uma reacção, em que se occulta o desejo da volta a uma tradição nacional. Sem dúvida, desde Debussy que essa tendencia se manifestou victoriosa e, apesar das influencias russas, ainda hoje evidentes, principalmente através de Strasvinsky, e dos rythmos americanos do prodigioso *jazz*, a musica francesa se esforça para volver ás origens de simplicidade e clareza, evitando todo o vago e todo o fantasmagorico wagneriano. Tenho com o illustre critico que o humorismo não pode ser o fundamento de uma esthetica, no que se refere ás tendencias do grupo dos *seis*, mas creio que, neste momento, será talvez uma das pedras angulares da construcção nova. Ademais, não sabemos a que destino nos conduzirá essa rebeldia contemporanea, mas acreditamos estar mais do que nunca proximos dos verdadeiros classicos, de Bach e de Mozart. Procurando-se o prazer da arte pura e abandonando-se a musica de programma, que findou por se tornar o mais intoleravel dos preconceitos e sobretudo o mais anti-musical, volveremos ás fontes puras da musica. Não o som pelo som, como prazer sensorial apenas, mas o som pela suggestão intensiva da idéa e da emoção. Os romantics, culminando em Wagner (para não falar nos sub-productos), fizeram da musica o desenvolvimento das longas historias, raciocinios, doutrinas e philosophias, que findaram por dominar a musica, tornando-a uma simples expressão sem valor intrinseco. Os modernos procuram exactamente reagir contra essa deturpação musical e aspiram a intensa volupia da musica pura, em que a sonoridade tenha o grande prestigio de suggerir e exaltar, livremente, sem significar *isto* ou *aquillo*. A musica cria ambientes, onde a emoção se exalta no mais puro goso esthetico.

A esse proposito, o sr. Mario de Andrade, num magnifico artigo publicado em *Ariel*, nesta admiravel revista, com que o maestro Sá Pereira honra a nossa cultura, escreve com justeza que teremos para amanhã "um novo periodo de hegemonia da Arte Pura, tal como a praticaram Scarlatti, Hayden e Mozart, em que os prenomenos sonoros são tomados pelo seu

aspeto puramente musical, sem programma, mais pela sensação artistica, desinteressada que produzem que pela sua relação dêles com a vida individual". E' a musica sem schemas. Assim, ao ouvil-a, não precisarão os de amanhã de se incommodar, levando ao theatro os livros dos Lavignacs, para seguir o drama, como é bonito fazer nas operas de Wagner... A musica não tem que contar, nem desenhar, nem modelar. Não é descriptiva nem plastica. A musica é suggestão apenas e deve permittir um ambiente de interpretação, em que a alma humana, liberta e exaltada, sinta a vida na mais intensa plenitude. A essencia da musica é a musica, pairando acima das coisas, dominando-as e elevando-as pelo prestigio do som, incompreensivel e mysterioso. E' certa a palavra de Wagner: quando as outras artes dizem — *isto significa*, a musica diz — *isto é*, porque penetra na realidade e cria, pela emoção, um mundo sensivel mais alto e mais integral. As demais artes, insiste Nietzsche, são as artes da apparencia, do phenomeno, do sonho. A musica surpreende e traduz o *noumena*.

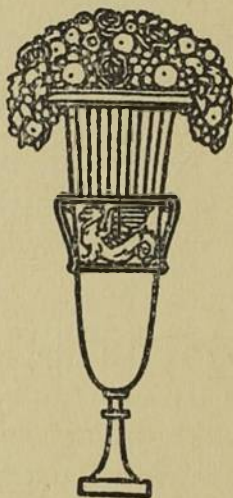
A grande ansia dos modernos é o prazer dessa musica pura, que não seja literatura, philosophia, ou pintura, mas musica. Admiravel a expressão de Cocteau: "Ni la musique dans quoi on nage, ni la musique sur qui on danse: DE LA MUSIQUE SUR LAQUELLE ON MARCHE." Os verdadeiros classicos nos deram exemplos maravilhosos e, se hoje temos sobre elles vantagens immensas (no nosso ponto de vista) e descobrimos thesouros formidaveis, poderemos igualal-os. Em arte não se ultrapassa ninguem, são grandes todos os criadores, e estes são os homens livres e que vivem nas contingencias do seu tempo. Approximando-nos da sensibilidade de uma época, não vamos imital-a, ao contrario, só depois da realização é que verificaremos as affinidades. Imitar o passado é o apanagio dos espiritos menores e das épocas infecundas e, fóra do seu tempo, as obras não vingam e tudo será *pastiche* inutil e perdido. Os modernos são admiraveis sempre, porque são livres e realizam á sua maneira. Estão com a sua época e desafiam todos os reaccionarios e conservadores. Interessante é que os defensores de Wagner e Rodin, quando esses eram negados e vaiados, tomem agora a posição daquelles contra os quaes combatiam hontem. Venceram na vespera, mas serão vencidos hoje. Os homens, na sua variação, com que buscam enganar a fraqueza da especie, não se commovem na contemplação apenas, querem a acção redemptora. Mutilarão a obra do passado, se isso lhes causar um prazer forte e integral e assim darão a seus filhos direito de imital-os.

Não andaram errados os musicos do seculo passado, desviando-se da musica pura, para a musica intencional, pois esta é que convinha á sensibilidade do seu meio e do seu tempo. Dahi um Beethoven e um Wagner. Não os poderíamos acompanhar e a nossa admiração delles nos afasta, pela consciencia de que, não mais sentindo como elles, deturparíamos a sua grandeza. A emoção moderna exige novas fórmulas e novas audacias e não se discute se somos maiores ou menores, puerilidade que atormenta muito cavalheiro de bom senso. Nós somos nós — e isto basta. A arte não se cria para prazer dos vindouros, que nos devem ser tão indifferentes como os passados, mas para nos dar, no momento, o prazer esthesico, em que o homem se exalta e a vida se justifica. A arte é pois uma função do tempo. Stravinsky ou Satie são musicos, criam; Strauss, um artifice, admiravel por vezes, mas trabalha em materia já amassada, dahi a sua obra não ter inedito e a arte é um mysterio perenne.

Porque havemos nós de imitar e com a aggravante de buscar os modelos em outros meios? Temos ao alcance de nossas mãos um prodigioso material, no qual ellas modelarão com volupia a obra criadora e maravilhosa. Não temos que ser modernos á Milhaud, ou á Schoenberg, mas modernos dentro de nossas forças e da nossa sensibilidade. Trair o meio

seria tão funesto quanto trair o tempo. Sejamos modernos á Villa Lobos, cuja independencia é uma victoria magnifica do espirito brasileiro, no mais largo universalismo, de cuja fusão ha-de resultar o surto da nossa arte. Não temos de nos enquadrar em esteril regionalismo, mas, sentindo a cultura universal, de nos integrar no seu rythmo, dentro da vibração intensa do nosso espirito. Só assim seremos humanos e dominaremos os entraves das contingencias locaes, onde estiolam os que se alargam nessa plenitude, deixando-se absorver nos limites do meio em que germinaram. A cultura é uma fórmula de equilibrio. Nosso destino se traça nessa conquista do espirito universal, mas possuidos de um possante temperamento, que se affirma para obter esse equilibrio almejado. Do contrario tudo será dominação e todo esforço perdido, de corrompida sensibilidade.

RENATO ALMEIDA





O FUTURO DOS POVOS

§ III — *Immigração e natalidade.* § IV — *O futuro povo americano*

III

Conhecida a porcentagem, em cada decennio, da natalidade sobre a mortalidade, num paiz, tem-se o coeeficiente do crescimento de sua população e até o quanto de tempo necessario para a sua duplicação. Mas, para um resultado seguro, na America, parece, não bastam as formulas demographicas:

$$N = \frac{n \times t}{P} \text{ ou } P = \frac{n \times t}{N} \text{ ou } T + P = \sqrt[n]{2} \text{ sendo } n = \frac{\log 2}{\log (T + P)}$$

Porque ha dous uteros aqui: — a immigração em massa, como jamais se viu em povo algum, — com a natalidade excepional do italo e do teuto (elementos ja agora predominantes na America), — e o *habitat* inegalavel no mundo pelas suas condições vegetativas, assombrosas. Faz-se mister uma outra ou outras formulas — ante a extensão territorial massiça, o factor triplice — natureza, abundancia e clima-americanos — multiplicando a fecundidade, — e ante a avalanche de povos que nos inflecte o immenso leque aberto das linhas de navegação de Hamburgo e

Liverpool a Nova York e Panamá, a Rio de Janeiro e Buenos Aires.

Que formula poderia explicar este prodigio?

	População	
	Em 1824	Em 1924
Est. Unidos	8.000.000	120.000.000
Mexico	7.000.000	20.000.000
Brasil	4.500.000	34.000.000
Chile	1.600.000	6.000.000
Argentina	700.000	11.000.000
Uruguay	200.000	3.000.000
Total		194.000.000

Lespagnol, em seu livro "L'Evolution de la Terre et de l'Homme" (Paris, 1917) diz que a população do globo em 1810 calculada em 680 milhões era de 1 bilhão 743 milhões em 1913; e accrescenta que a dos Estados Unidos attingiu em crescimento a proporções inacreditaveis: 4 milhões em 1790, — 8 em 1822, — 39 em 1870, — 62 em 1890 e 92 em 1910! Canadá e Norte America, Argentina e Brasil recebem a forte floração humana da Inglaterra e Allemanha, da Italia e Hespanha. São estes os maiores nucleos emigracionaes. Mas, perguntar-se-á, na constituição da raça futura absorverão os caracteres anglo-germanicos — os italo-hespanhoes? E' provavel que sim. Allemanha e Austria, em face da actual pressão dos alliados e do bolchevismo da banda oriental, tendem a triplicar a sua emigração em massa para a patria americana da liberdade. Os escandinavos para o Canadá e Norte dos Estados Unidos avançam numa proporção media de 50 mil por anno. A' Irlanda e Hespanha quasi se despovoam...

Hickmann (Estat. 1913) diz que a America, no decurso de 40 annos (1870 — 1910), recebeu só nos Estados Unidos 21 milhões de immigrants (numeros redondos) na Argentina 4, no Canadá 3, no Brasil 3 e no Uruguay quasi 1 milhão. A guerra europeia de 1914 e as revoluções della decorrentes farão sem duvida o dobro ou triplicação desse numero... A Italia fecunda se renova constantemente e tem na America o seu ninho predilecto. Outros pontos do globo, onde pollulam rebentos fortes de civilizações decadentes, nos projectam esses voluntarios do trabalho, — sonhadores de um futuro melhor e que por isso ousam pobrissimos transpor o Atlantico. E o jovem continente da promessa os recebe a todos paternalmente, com a segura consciencia de sua superioridade e de seus altos destinos. Outr'ora era a "invasão de

barbaros" (estrangeiros) do norte da Germania, do fundo da Escandinavia, do Danubio e dos confins da Asia Menor precipitando-se frementes, — de armas em punho — no coração latino, dentro da Europa. Hoje — é o jacto de energias ethnicas, a migração pacifica e vigorosa de alem-mar na America, como desafogo ás populações sem liberdade e sem pão e que nos buscam, graças ao clima, aos tratados de commercio e á politica, internacional moderna. A Historia nos traduz o quanto de benefico ás instituições da Europa foi a migração dos germanos do Rheno, dos normandos da Escandinavia e até dos serranos da Asia... Pois nosso scenario é mais promissor.

A America nada tem de sombria ou feudal: é a mais liberal e humana das civilisações no planeta; reveste-se de caracteres proprios, originarios, naturaes.

Tem a maior area terrestre no globo e o maior viveiro humano conhecido em relação á sua idade historica; e si, como affirma J. Korosi (Chefe de Estatistica em Budapest) "o augmento da população está na rasão inversa de sua densidade (lei de Sadler) quanto maior o territorio mais favorecida fica a fecundidade humana".

Proust (Traité d'Hygiene, 1898) nos apresenta este quadro da população no globo:

	<i>Superf.</i>	<i>Popul.</i>	<i>Densid.</i>
Asia	44.000.000	841.000	19
America	39.140.000	141.000	3
Africa	30.000.000	180.000	6
Europa	9.700.000	400.000	40
Oceania	9.000.000	6.000	0,6
Reg. polares	4.500.000	—	—

Outro é o quadro de Lespagnol (1913):

	<i>Popul.</i>	<i>Densid.</i>
Asia	920 milhões	21
Europa	450 „	44
Africa	144 „	4
America	176 „	4,8
Oceania e polos	153 „	—
	1 b. 743 „	

Bem se vê que nosso século não é ainda o da estatística... E' um calculo de probabilidade muito vago... Pois só o total da população em 1924 dos seis paizes que apresentamos ultrapassa o computo de 176 milhões para a America toda! Mas o que está bem fóra de duvida é que temos os mais vastos massiços florestaes, os mais saudaveis planaltos, a mais rica rede hydrographica, participamos de todas as latitudes terrestres entre os dois maiores mares com o Panamá inter-oceanico, servindo de pharol a todas as gerações da Terra. O Mississippi — Missouri e o Amazonas não teem similares no mundo. Tristes figuras as do Transiberiano e do Metropolitano ante os gigantes de aço do Canadá (de Montreal a Vancouver) com 4.700 klm. de percurso, a Central Pacifico de Philadelphia a São Francisco e dentro em breve a Transcontinental Panamericana com 16.000 klm. de Nova York a Buenos Aires! A Argentina tem o seu Trasandino de Santiago a Assumpção e breve terá o Brasil a Internacional Santos — Recife — Arica. Das 500 estações radiographicas do mundo 300 estão na America, cabendo á Europa apenas 100 e as restantes á Asia, Africa e Oceania! Em 1910 o movimento postal nos Est. Unidos apresentou um total de 22 bilhões de cartas, cartões e impressos contra 4 bilhões na Allemanha, 3 na Inglaterra e 2 na França. (Archio fur Eisenbahnwesen.) Nesse mesmo anno só a America possuia 550.000 klm. de estradas de ferro assim especificados — em relação ao resto do planeta:

Est. Unidos	400.000	Klm.
Amer. Ingl. e Latina.	150.000	"
Europa.	339.000	"
Asia.	105.000	"
Africa	40.000	"
Australia	32.000	"

Donde: as fontes de nosso progresso e as causas da preferencia da emigração estrangeira.

A Argentina tem mais de um terço de europeus, o Brasil, 10 %; e suas arterias no Rio Grande e Santa Catharina, em Paraná e S. Paulo se robustecem cada vez mais com a fecundidade extraordinaria e esthetica do italo e do teuto. No Rio Grande, onde ha para uma população de 2 milhões mais de 1 de origem estrangeira — o coeﬀiciente vegetativo é de 20 % nunca verificado em nenhum outro nucleo do Brasil meridional.

IV

(Conclusão)

Não ha propriamente patrias: ha nação. Estado pode ser o governo politicamente organizado, — mas nação o conjuncto de povos da mesma raça, embora sob bandeiras differentes... E' o principio sociologico das nacionalidades: a unica formula legitima para a organização de povos ou formação de verdadeira democracia. Nem ha sinão uma grande Hespanha das fronteiras do Mexico aos confins da Patagonia ou um só Brasil que atravessa o Atlantico e vai morrer nas montanhas do Douro, embora, contra isso clamem os nossos preconceitos de origem religiosa e monarchica... A fixação arbitraria de fronteiras, riscadas a espada ou por effeito de tratados inexequiveis, é que corta a harmonia das raças, porque estabelece barreiras internacionaes e outras restricções — geradoras de conflictos — onde, ás vezes, tudo é common: interesses de raça, o habitat semelhante, o intercambio inevitavel, a lingua e até os costumes.

A guerra ou a paz armada surge nesse caso como um engurgitamento ou hemorragia por embaraços oppostos á circulação internacional. Viemos do *periodo quérreiro dos thronos* e estamos no da luta industrial das raças. Qual destas vencerá? Em nosso seculo, predominam tres agrupamentos raciaes apreciaveis á civilisação: a) os mongoes, slavos e turcos, em geral, b) povos chamados latinos e c) povos de origem germanica. A hegemonia mundial caberá a um dos dois ultimos grupos, que menos assimilar as normas do primeiro. Poderá, tambem, dar-se o apparecimento de um quarto grupo — oriundo dos latinos e germanicos e que bem poderia chamar-se o povo americano. Verdadeiramente, ainda não temos essa federação de raças, que a teleologia social convencionou appellidar — humanidade: essa confraternisação não existe, — apenas vagos delineios de um grande esboço, que aos poucos se condensa. Falta o entrelaçamento politico e economico: Por isso muito tem de lutar a sonhada Sociedade das Nações...

Falta-nos approximação entre os Estados, faltam o mesmo nivel de cultura, as mesmas characteristics de educação, e o que é mais, aquella possivel identidade physica, racial por assim dizer, entre os differentes typos humanos, que como animaes ainda se repellem por causa do pello differente! Dahi a causa de, nas sociedades — o orgulho entre os individuos; e entre povos — as prevenções e os preconceitos...

De facto, muito variam as tendencias moraes e as necessidades estheticas entre o industrioso sueco, o fidalgo inglez, o religioso espanhol e o bulhento americano, mas essas arestas, dissidios ou discrepancias... na assembleia das nações poderiam ser aplainadas ou extinctas quando ahi se representarem — não interesses politicos de Estados, disfarce sob o qual se esconde a figura pessoalissima do monarcha — mas os interesses vivos das nacionalidades, os interesses nacionaes das raças, attendendo-se a fronteiras, mas a fronteiras economicas e commerciaes, onde as populações irmãs ou semelhantes crescem e querem prosperar. Tal pleito só poderão exercel-o pro-homens de reputação mundial, sociologos que longe dos politiquismos regionaes de camarilhas, e fóra da influencia do dogma Estado-soberano, sabem interpretar os dictames da politica scientifica (e não pessoal) e podem ditar scientifica e não politicamente as coordenadas geraes para a estabilisação da ordem interna e solução dos conflictos internacionaes. Só os super-homens podem coordenar os ideaes anarchicos ou divergentes da humanidade, e substituir os Estados — politica pelos Estados — nação. O passado foi a guerra, no interesse do tyranno; o presente é a paz, no interesse dos Estados sem systema representativo; mas o futuro será a justiça da sociedade internacional, no interesse da confederação das raças. Os homens teem sua *politica*, a humanidade outra! As raças teem um norte: seguem a marcha das civilisações — do oriente para o occidente. Da Asia vieram os sacerdotes e guerreiros cujos descendentes povoaram a Europa, e desta — os navegantes e exploradores que depois colonisaram e civilisaram a America. Aqui, segundo as coordenadas historicas, reinará o futuro povo-americano. Quaes projecções do velho tronco commum, celtas e iberos do norte e do sul da antiga Europa estão hoje se reproduzindo no yankee e no americano-latino: Inglaterra, Hespanha e Portugal renascem hoje respectivamente nos Estados Unidos, na Hispano-America e no Brasil: habitat maravilhoso onde resplandecerá a futura America, como metropole das nações, sede das riquezas e cerebro do mundo. Hoje a Suissa não é sinão uma synthese aperfeiçoada — uma Germania franco-italiana; — e a Belgica — uma Franconia flamengo-vallonica.

Em consequencia de sua má politica perderá a barreira militar da Russia para confundir-se com a Asia corrupta: assim foi no Egypto dos pharás, na Grecia de Alexandre, na Roma dos Cesares e na Berlin do Kaiser. A grande guerra de 1914 marcou o ultimo dia da existencia politica do Velho Mundo: não mais se restabelecerá o predominio historico de Petersburgo a Lisboa e de Dublin a Constantinopla.

Ahi já está a fortuna se diluindo em sangue e miseria... O antiquado regimen burguez-feudal, hostil a reformas, esboroar-se-á no anarchismo multiforme da burguesia parasitaria e do proletariado faminto e sem instrucção: Europa e Asia então, em longas convulsões tetanicas, abraçadas irão morrendo aos poucos... E' ante essa medonha perspectiva, que dali fogem ja as emigrações emancipadas e sedentas de liberdade: é o sangue novo e seleccionado que reflue para as arterias da America. Lá — o amarello amoldavel e idealista dominará o preto e suas sub-raças — fazendo emergir um novo pelle-vermelho (branco-amarello) como o antigo inca e asteca da America Central. Cá — formar-se-á a raça-synthese (branco-vermelha) de typos altos como o norte-americano, alvos como o argentino e de cabellos negros e fartos — como os do brasileiro. Esse futuro povo vencedor — resumo de raças seleccionadas pelo habitat virgem e enérgia da transplantação — gosará a flora paradisiaca e nella a mais alta civilisação do globo. Só os povos viris moldam civilisações. Hoje em todo o palco da Historia tres povos distinctos apparecem: a Asia, como expoente da religiosidade, a Europa — do militarismo e a America — da democracia.

O asiatico resa, o europeu declama e o americano — trabalha. Lá — a inversão dos animos, a atrophia dos instinctos, a oppressão das autocracias; cá — as conquistas do direito, a cosmopolis do operario, o berço da liberdade. Na Asia moram o mysticismo e o mandarmato, na Europa — o canhão, a agua benta e a diplomacia secreta, e na America — o livre pensamento, o codigo civil, internacional, etc. Nós — os americanos do norte e do sul é que operamos a civilisação verdadeira: temos maior extensão territorial, sólo e sub-sólo mais ricos, mais affinidade com o progresso e poder assimilativo quanto ás demais raças. Fundiremos num só typo as raças universaes: — a futura especie america — una e integral, sob o substracto commum do indio americano. Seremos o formoso typo caucasico do porvir, erguido em pedestal sob a massa informe do gorilla e gibbon, do papua e negro, do amarello e vermelho! Vaticina-o de sobejo, o liberalismo de nossa politica e de nossa philosophia, em que aliás já se desenhavam as supremas conquistas da moral, da arte e das sciencias. A belleza, a abundancia e a paz — vertices do triangulo sociologico, em que repousam seguras — as columnas do direito e do progresso social — farão daqui o sonhado paraíso terreal da legenda christã, em que — indigenas e immigrants seleccionados constituirão a nova formula humana solidarizada e feliz — em lares mais abençoados e governos mais cooperativos.

E a America irmanada — com suas classes mais identificadas pelo trabalho e interesses economicos será a *Pacifica* pela con-

sciencia de seu poder e a *Respeitada* pelos triumphos da sciencia de Edison e da moral positiva. E a Eurasia e Oceania?

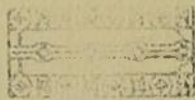
— Adquirirão mais consistencia — e argamassadas e fundidas — precipitarão na massa luminosa do Novo-Mundo! Aqui no supremo olympto da humanidade com a radiotelephotographia levando as palavras e os retratos a distancia, a electroductylographia copiando ideias e multiplicando-as em raciocinios, o radio illuminando as cidades, o Niagara e o Iguassu' movimentando as industrias e os transportes! Não mais nacionalismos, sectarismos nem partidarismos: apenas a consciencia mais clara dos valores humanos e das cousas, — estas pelas suas utilidades praticas e aquelles pelo seu character moral e capacidade de realisação.

Os Clovis pensadores valerão mais que os Ruys imaginosos. Os Japões militarizados menos que a Hottentotia esteril... Os altares da Asia menos que as ruínas de Pompeia.

E para vivo indicio ahi estão as linguas asperas de alem-mar se adelgaçando e se suavizando ao contacto do continente da America, as intolerancias politicas e os despotismos religiosos conquistando eras de paz e de harmonia, as raças se confraternizando, o trabalho, a propriedade e o capital mais socializados que nunca, fecundando e prosperando e se multiplicando.

Na ampulheta immensa da America (do Norte e do Sul) yankees e latinos, europeus e asiaticos passam e repassam, mesclam e se fundem, caldeando as raças universaes. America! Novo Mundo! como a propria palavra indica — não é um paiz com thronos e canhões, muralhas e fronteiras, mas o continente livre, terra de promissão, onde todos os povos se abrigam, livre como os mares que o rodeam e rico como as cordilheiras que o guardam!

VILLAR BELMONTE.





A BOTANICA NO DICCIONARIO

C. DE FIGUEIREDO

DADA a vastidão dos conhecimentos humanos, não é mais possível a um simples mortal, por mais encyclopedico que seja ou se julgue, salvo no caso de uma vaidade que toca as raias da sandice, metter-se a fazer sósinho um dicionario. O de Webster, que pode ser tomado como modelo, representa o trabalho de uma pleiade de scientists, cujos nomes o seu organisador lealmente declina no prefacio da obra.

Em hespanhol, temos o Diccionario de Alemany em cujo frontespicio se lê que foi publicado "bajo la direccion" de D. José Alemany y Bolufer. O Sr. Candido de Figueiredo, porém, não quis saber de historias, achou que os seus conhecimentos philologicos eram sufficientes para empresa de tão grande vulto e impingiu ao publico o seu dicionario, que é um repositorio de erros, inexactidões, tolices e disparates. Esqueceu-se o Sr. Figueiredo, com toda a sua candura, de que para fazer um diccionario é indispensavel uma solida cultura scientifica, coisa de que s. s. não possuem nem tintas.

Confessa o autor, na "Conversação preliminar" da sua obra, que a Botanica lhe deu muito trabalho (o que não admira, porque não conhece dessa materia nem as mais rudimentares noções) e que andou pelos museus e jardins botanicos, nos relatorios de agronomos, nos jornaes de agricultura e no trato directo com a

gente do campo a *cavar* nomes para figurarem no seu dictionario e que os anteriores, com grande gaudio seu, não registavam. Esfalfou-se inutilmente o Sr. Candido, pois muito mais acertado e facil teria sido encarregar dessa parte da sua obra qualquer dos grandes botanicos portuguezes, felizmente, ainda vivos. Talvez s. s. ignore que Portugal possue duas autoridades no assumpto, os Srs. D. Antonio Xavier Pereira Coutinho, da Escola Polytechnica e da Escola Superior de Agronomia, de Lisboa, e o Sr. Dr. Julio Henriques, da Universidade de Coimbra. Mas essa ignorancia é indesculpavel, tanto mais que ambos são autores de obras consagradas e numa dellas vem um copioso vocabulario botanico, que o Sr. Candido nunca compulsou, como claramente o demonstram as deficiencias, erros, tolices e disparates do seu dictionario.

Rapidamente vae o leitor ficar convencido da veracidade do que affirmamos.

Diz, por exemplo, o Sr. Candido que *achlamydas* são algas, cujos filamentos são desprovidos de segundo envoltorio, quando são as flôres desprovidas de periantho, como as de *Saururus*, que só são algas na fertil imaginação de s. s.

Diz que *aculeo* é o *espinho* de certas plantas, quando qualquer principiante de botanica sabe fazer a distincção entre uma coisa e outra.

Define *anthelo* como a inflorescencia dos juncos, quando é a cymeira com indeterminado numero de ramos sob cada flôr e da contorno geral indeterminado. Não é só a inflorescencia dos juncos, como não o é de todas as especies do genero *Juncus*.

Colloca o nosso *ararilá* na familia das rubiaceas, sendo ella uma leguminosa do genero *Centrololium*.

Baga, para o Sr. Candido, é pequeno fruto redondo e carnudo. Se lhe déssem uma banana, como a classificaria o illustre dictionarista? Parecer-lhe-ia pequena e redonda uma banana, anã? Vê-se que s. s. é muito exigente. E um tomate "Ré Umberto" também não lhe enche as medidas? Não será bem *carnuda* a romã?

Ao *cacho* chama conjunto de flôres ou frutos sustentados por peciolos e dispostos em escádeas num eixo commum. Primeiramente, cacho, em botanica, é inflorescencia, e, por isso, não pode ser conjunto de frutos; em segundo logar as flôres das inflorescencias são sustentadas por pedunculos ou pedicellos e não por peciolos. Para quem sabe botanica, a differença é grande. E, além de tudo, a definição está errada.

Ao *cambium*, cabio, ou camada geradora, que é a camada de tecidos formada entre a madeira e a casca das plantas exogenas, chama s. s. "succo mucilaginoso", que se observa, tirando, na pri-

mavera, a casca de uma planta dicotyledonea, e que parece ser a seiva elaborada". Contem mais asneiras que virgulas!!

Não diz o que é *bainha* nem *capsula* e define erradamente *capitulo*.

Depois de definir o que é *caqui*, diz, entre parenthesis: "Nos jornaes, vejo *kaki*, cuja razão ou pretexto desconheço." Quer isto dizer que s. s. confessa a sua ignorancia, o que já não é máu. A razão é simples: é o nome botanico de uma das especies do genero (*Diospyrus kaki*), arvore frutifera da China e do Japão, em cuja lingua *kaki* quer dizer amarello. E' tão simples para quem estuda...

O Sr. Candido é infeliz com os frutos: diz que o nosso *cajú* é o mesmo que *cajueiro* e *acajou*! Que trapalhada, santo Deus! *Acajou* é o nome francez de uma arvore, o magno, do genero *Swetenia*.

Não define *carpopharo* e diz que *caryota* é genero das palmeiras que dão tamaras! Que pena que não haja palmeiras que dêem palmadas... A tamareira, Sr. Candido, é do genero *Phœnix*. Bonita é a definação de *casca*: involucro exterior das plantas! Deficiente, tola e errada. Zuo de involucro exterior lembra a historia do camarão recheado por fóra!

Vejamos se na *copa* s. s. é mais feliz: a parte superior e convexa da ramagem da arvore. Por aqui se vê que a parte inferior da ramagem não faz parte da copa e que o nosso pinheiro (*araucaria brasiliana*, Rich.), na adolescencia, não tem copa, porque a sua ramagem é concava, em forma de candelabro.

A definição de *cotyledone* está errada, como errada está a de *cyma*, que s. s. dá como typo de inflorescencia, caracterizada pela presença de flôres (teria graça se o fôsse pela ausencia de flôres), que limitavam superiormente cada eixo.

Em todas as inflorescencias, as flôres limitam superiormente os eixos. Na *cyma* ou *cymeira* o que a distingue é ter o eixo principal pouco desenvolvido em relação aos eixos lateraes.

O Sr. Candido é tão desastrado nas inflorescencias como nos frutos. Assim, diz que *espiga* é parte de plantas cerealiferas, que lhes termina superiormente a haste e contem os grãos e que é tambem estame de varias flôres.

Ora, espiga é a inflorescencia grupada, com as flôres sesseis, dipostas sobre um eixo mais ou menos alongado. Tambem se denomina espiga o conjuncto dos esporacigeos, das cryptogamicas vasculares.

Achará o Sr. Candido que as cryptogamicas vasculares são plantas cerealiferas? O *plantago* tambem o será?

Espim — Diz-se de uma variedade de uva.

Ora, por amor de Deus! Uva-espim é o *Berberis vulgaris*, planta hospede das Puccineas e que nada tem que vêr com a videira. s. s. ouviu cantar o gallo e pensou que era gallinha a pôr ovo!

Espique — Caule lenhoso de certas plantas.

Quaes são essas *certas*? Estará neste caso o caule lenhoso do casinlho? do eucalypto?

Foliolo — Folhinha ao lado do peciolo.

Não, senhor; é um dos limbos parciaes das folhas compostas ou recompostas. A tal *folhinha* ao lado do peciolo é *estípula*.

Galha — Fruto globular de arvore glandifera, não contendo semente.

Quanto disparate! Galha é uma excrescencia provocada pela acção de um parasita. S. s. ouviu falar em noz de galha e, como noz é fruto, zás... tollice no caso. E' das arabias este sr. Candido!

Gluma — Involucro da flôr dos gramineas a que serve de calice e de corolla.

E' a bractea da inflorescencia, e não da flôr, das gramineas e das cyperaceas.

Guaraná — Planta sapindacea do Brasil. Resina da mesma planta. Substancia alimenticia preparada pelos guaranis do Uruguay e do Pará.

Tudo errado. E nem sei como o sr. Zanotta não processa o homem!

Leguminosas — Ordem de plantas, caracterizada pela frutificação em vagens.

Não serão leguminosas as *andiras*? O nosso *alecrim* (*Holocalyk Glajiovii*) não será leguminosa? Serão vagens os seus frutos?

Samara é fruto indebiscente, secco, monospermico e não debiscente como affirma s. s.

Sorose — Fruto formado pela reunião de muitos num só, como a amora, o ananaz, etc.

Fruto formado pela reunião de muitos num só é o que se chama, em botanica, infrutescencia, sr. Candido.

Sycone — Inflorescencia em que o receptaculo envolve as flôres, como succede no figo.

Tambem, é de mais! Nem, ao menos, acerta no figo, Sr. Figueiredo! *Sycone* não é inflorescencia, mas sim infrutescencia.

E por ahi afóra, que é nunca acabar.

Não define *estivações*, *protonema*, *circumnutações*, *flecha*, *galocha*, *noveta*, *sclerenclima*, *galbula*, *rhytidoma*, *cutina* e mil outras coisas.

Erradas são também as suas definições de *perisperma*, *cone*, *amentilho*, *pernicula*, *thypso*, *prefolheação*, *periantho*, *mergulhia*, *aderno*, *almecegueira*, *bastio*, *fuste*, etc., etc.

Pensará o leitor engenuo, como eu já pensei, que a infelicidade do Sr. Candido se limita á botanica e que nas outras materias s. s. é um bicho. Dê-se do trabalho de folhear o *notavel* dictionario da lingua portugueza do homenzinho e verá como se esboroa essa idéa — Para panno de amostra, e para lhe aguçar o desejo, porque vale a pena e é de a gente se fartar de rir, aqui lhe indico algumas e não das melhores:

Aeroplano — Apparelho aerostatico, movido a vapor, e sustentado sobre planos ou laminas, postos em acção por um motor da força de um cavallo. Inventado recentemente, em 1896, por Langley.

Boldrame — termo brasileiro — Alicerce de alvenaria. Base de parede ou muralha.

Capoeira — termo brasileiro — Mata, que se roça ou é destinada a roçar-se.

Cupi — termo brasileiro — Genero de insectos da região do Purús.

Estiva — termo brasileiro do Norte — Ponte, feita de um só madeiro, sobre forquilhas, em terrenos alagadiços.

Estrada de ferro — termo brasileiro de Minas. Especie de jogo de azar.

Florianista — Admirador ou rectaris da feição literaria de Florian — Cf Rui Barbosa., *Cartas de Inglaterra*, 38.

Invernada — termo brasileiro — Curral de novilhos para engorda.

Jequitiranaboia — termo brasileiro — Borboleta venenosa dos sertões.

Não é borboleta, não é venenosa e não é dos sertões. No certo, a definição é admiravel! Faz lembrar a historia do caranguejo, *poisson rouge*, *qui marche à reculons!*

Laca — Resina ou fecula vermelha, estrahida das sementes de algumas plantas leguminosas.

E' a incrustação resinosa depositada pela femea de um insecto (*Tacahrdia lacca*) sobre os renovos de certas plantas, taes

como o *Ficus religiosa* e a *Zizyphus jujuba*, nenhuma dellas leguminosa.

Lua — Satellite, que gira em volta da terra e que a illumina de noite.

Pianola — Maquina, que se applica aos pianos, para os fazer tocar automaticamente.

“Basta, basta”, como diz o incomparavel Zaconi, na “Morte Civil”!!

Rio Claro, Fevereiro de 1924.

ED. NAVARRO DE ANDRADE.



Li sou um menino
Gordo e corado
devo tudo ao
Biotonico
Fontoura



BIOTONICO FONTOURA



O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE

Biotonico Fontoura

O MAIS COMPLETO
FORTIFICANTE



Torna os homens vigorosos, as mulheres
formosas, as crianças robustas

CURA A ANEMIA,
A FRAQUEZA MUSCULAR E NERVOSA



AUGMENTA A FORÇA DA VIDA — PRODUZ
SENSAÇÃO DE BEM ESTAR, DE VIGOR, DE
SAUDE — EVITA A TUBERCULOSE



MODO DE USAR:

BIOTONICO elixir

Adultos : 1 colher das de sopa ou meio calice antes do
almoço e antes do jantar.

Crianças : 1 colher das de sobremesa ou das de chá,
conforme a idade.

BIOTONICO pastilhas

Adultos : 2 antes do almoço e 2 antes do jantar.

Crianças : 1 pastilha.

BIOTONICO injectavel

Injectar o conteúdo de uma ampola diariamente em in-
jecção intramuscular.

COM O USO DO

Biotonico

NO FIM DE 30 DIAS OBSERVA-SE:

- I — Augmento de peso variando de 1 a 4 kilos.
- II — Levantamento geral das forças com volta de
appetite.
- III — Desapparecimento completo das dores de ca-
beça, insomnia, mau estar e nervosismo.
- IV — Augmento intenso dos globulos sanguineos e
hyperleucocytose.
- V — Eliminação completa dos phenomenos nervosos
e cura da fraqueza sexual.
- VI — Cura completa da depressão nervosa, do aba-
timento e da fraqueza em ambos os sexos.
- VII — Completo restabelecimento dos organismos de-
bilitados, predispostos e ameaçados pela tuber-
culose.
- VIII — Maior resistencia para o trabalho physico e
melhor disposição para o trabalho mental.
- IX — Agradavel sensação de bem estar, de vigor e
de saude.
- X — Cura radical da leucorrhéa (flores brancas) a
mais antiga.
- XI — Após o parto, rapido levantamento das for-
ças e consideravel abundancia de leite.
- XII — Rapido e completo restabelecimento nas con-
valescenças de todas as molestias que produzem de-
bilidade geral.

O Biotonico Fontoura
julgado pela probidade
scientifica do professor
Dr. HENRIQUE ROXO

Attesto que tenho pres-
cripto a clientes meus o

Biotonico Fontoura
e que tenho tido ensejo de
observar que ha, em geral,
resultados vantajosos. Par-
ticularmente, mais proficuo
se me tem afigurado o seu
uso quando ha accentuada
desnutrição e occorrem ma-
nifestações nervosas, della
dependentes.

Rio de Janeiro, 10 de
Setembro de 1920.

(A.) Dr. Henrique de Brito Belfot
Roxo

Professor de molestias
nervosas da Faculdade de
Medicina do Rio.

O que diz o preclaro Dr.
ROCHA VAZ, professor
da Faculdade de Medicina

Tenho empregado cons-
tantemente em minha clini-
ca o

Biotonico Fontoura
e tal tem sido o resultado
que não me posso mais fur-
tar á obrigação de o recei-
tar.

Rio de Janeiro, 10 de
Agosto de 1920.

Dr. Rocha Vaz

Professor de Clinica
Medica da Faculdade de
Medicina do Rio de Ja-
neiro.

O Biotonico Fontoura
consagrado por um grande
especialista brasileiro

Attesto ter empregado
com os maiores resultados
na clinica civil o preparado

Biotonico Fontoura

Rio de Janeiro, 12 de
Julho de 1921.

A. Austregesilo

Professor cathedratico
de clinica neurologica da
Faculdade de Medicina do
Rio de Janeiro.

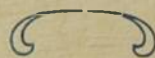
Palavras do eminente
cientista Exmo. Snr.
Dr. JULIANO MOREIRA

Tenho prescripto a
doentes meus e sempre que
lhe acho indicação therapeu-
tica o

Biotonico Fontoura

Rio de Janeiro, 20 de
Julho de 1920.

Dr. Juliano Moreira



Preparação especial do "INSTITUTO MEDICAMENTA"
FONTOURA, SERPE & Cia. - S. Paulo



A MAIS BELLA

ATE' os quinze annos a Joanninha Pivatelli gastara o tempo no meneio da casa, ás voltas com os cosinhados e com as roupas brancas, além da trabalhadeira de vender pinga ao balcão da tasca, enquanto a mãe, corcova e ranheta, acarinhava o pello de uma gata preta, e o irmão andava á tuna, ou se divertia a jogar malha, de parceria com o visinho carnicheiro.

O carnicheiro, esse mesmo, deu-lhe um dia de namorar a taverneira. E dahi avante, ao entardecer, o maroto se ostentava, de par com o poste, na esquina mais proxima, de arte que a italianinha, de cotovelos ao balcão, ou aprumada ao limiar, lhe reparasse no laço de borboleta da gravata e na pirotechnia da bengalinha de junco, indecentes cuidados que já ninguém levava a sério, sabido que elle buscava sensibilisar corações imprevidentes, por simples gosto de obsequiar a propria vaidade. Mas vae daqui um recadinho, e vem de lá um presentinho, a comedia acabaria em casamento, se o jornaleco da terra não desviasse o curso das duas existencias.

O *Correio de Santa Monica* — eis o caso — instituiu de primeira mão, na localidade, essa coisa nefanda, hoje tradicional, que se chama um concurso de belleza. Então o carnicheiro, ou melhor, o José Antero, ambicioso dos fóros de galanteador afortunado, entendeu de intervir directamente na apuração, em favor da namorada. Para tanto não se correu de insinuar ao jornaleco o recurso

venal dos votos adquiridos pela impressão extra das cédulas que o *Correio* estampava às quarta-feiras, no teor que segue:

VALE UM VOTO

A mais bella de Santa Monica :

Residencia

O director do periodico oppôz-lhe embargos aos intuitos escandalosos, um pouco por dignidade e outro tanto por pirraça. Mas o interessado voltou a carga, a persuadir o outro de que no mundo tudo se resume a compra e venda. Se porventura estivessem em jogo suffragios de verdade, ainda bem! Que instituição, porem, ficaria ameaçada, se a Pivatelli levasse a palma, em belleza, a Luisa Godoy ou a Suzanna Cerqueira? E estribado em dialectica dessa estofa, a mais consentanea ao espirito de um açougueiro, tanto apertou a consciencia do homem do periodico, que este lh'a vendeu peremptoriamente.

Graças á astucia, o Zé Antero acumulou mais votos no nome de Joanninha que duas vezes o numero de habitantes de Santa Monica não o conseguiria no pleito de um deputado. "Como foi isto, seu jornalista?" — perguntava a gente, tomada de extranheza. O jornalista, engasgado, coçava as melenas. A's vezes appellava para as localidades circumvizinhas, querendo suggerir que a fama da Pivatelli se espalhava a olhos vistos.

No dia da apuração dos votos, prenoticiada pelos nuncios officiosos, houve na redacção solennidade grossa, com vinhos e brôinhas de milho. Foi uma commissão á eleita, buscal-a para o brinde que o padeiro alli do lado engatilhara de vespera. Appareceu ella — pobrezinha! — de faces vermelhas, mingoadas, sob um vestido caseiro, tão malgeitoso e surrado, que, franqueza, mettia dó! Por cumulo teve de recorrer-se do emprestimo mais á mão, se não quiz passar pelo desprazer de exhibir tamancos no dia de seu festival.

Não obstante, Joanninha emergiu á nata social de Santa Monica, com o fragor de uma revelação, arrastando após si o enthusiasmo e a rhetorica de elegantes marmanjos tão imaginosos como sentimentaes. Veiu gente de toda parte — de todas as classes, de todos os feitos, e até doutores! — para admirar na menina os bellos quadris que rebojavam, os olhos azulados e espertos, os bastos cabellos alourados, com immensa satisfação do carniceiro, que até se embebedava, entusiasmado!

Em consequencia, a Joanninha nunca mais se mostrou a den-

tro do balcão. Pepino, o irmão, tomou a sua conta os encargos da baiuca, para desencompatibilisar a rapariga com aspirações de mais vulto. E com effeito, pondo reparo na louçania das contemporaneas, ella entrou de cuidar dos atavios com que fazer jus aos salamaleques de uns elegantes de Santa Monica e notadamente aos de um bacharel de Ituverava, ainda imberbe, ainda idealista, de quem recebera recado para um baile de espavento, em regosijo ao resultado do concurso. De sorte que, ao entrar, pela primeira vez, num salão de baile, apertada no vestido mais gracioso que jámais se apresentava em humilde sociedade, os demais convidados se entreolharam, boquiabertos, como a indagar se era possível a uma simples locandeira, affeita ao cheiro de bacalhau e da cachaça, apurar o olfacto á flagrancia dos finos perfumes emanantes de seu collo, e sentir-se tão a commodo num meio de complicadas convenções. Joanninha fez a contento geral o papel de rainha dessa festa. Vieram fragalhotear em volta della rapazolas de chiste que á competencia lhe arrendavam a attenção, ao passo que a diabrete, muito empertigada, muito atrevida, com ares de enjoamento, como quadra a meninas de imaginação, se alienava de todos os galanteios para se concentrar numa unica pessoa — o bacharel imberbe e idealista. Seguiu-o, com os olhos accesos, por todos os cantos. Se o amou logo, isto não faz ao caso. Mas propalou-se que numa contradança ambos juraram fidelidade eterna, consoante a praxe. E tanto é possível que ella se encapellou toda quando uma rival lhe deu entender mimicamente que o pobre Zé Antero, refugiado ás danças por desprezo de seu baixo officio, implorava lá fóra, de olhos fitos numa das janellas, um pouco de condescendencia para o laço de borboleta da gravata.

— Está mesmo de encommenda! — gritou a vendeira, briosamente — Pois não vê que o Zé Antero é um simples carnicheiro?

Assim, pois, a tempo que o pobre diabo desmedrava na consideração da mocetona, ella e as partes salientes davam brado em toda a cidade. O laço de borboleta e a bengalinha de junco perderam o encanto das novidades. Joanninha amava o bacharel. E o bacharel, empolgado com a belleza de Joanninha, por suggestão do concurso, combinou com ella que iria contractal-a apenas recebesse, em Ituverava, o beneplacito do velho.

A Pivatelli andou alguns dias açodada em enfeitar o casebre de festões, cortinas, alguns berloques meio esborcinados, meio poidos, coizinhas, enfim, mais á mão nas urgencias de um apresto. Mas passaram os dias com odiosa lentidão e, porque o doutor não viesse cumprir a promessa, a Joanninha, meio chorosa, meio irritada, acreditava em perfidias, e, não contente com injurial-o, protestou entre si que, se tardasse uma semana a realização do ajuste, nunca mais daria confiança a typo de semelhante igualha.

Nunca mais se viu esse moço em Santa Monica. A propria Joanninha, farta de esperar a execução do projecto, assestou as atenções para um sujeito esgrouviado, commerciante de quinquilharias, em quem se invejava o herdeiro de um tio finorio e avarento que imaginava no fundo de sua fazendola, a urdir dolosos expedientes a pról de seus haveres.

A rapariga ia-lhe, ás vezes, ao negocio, a titulo de vêr uma bularinha chegada na vespera. Trocavam olhares fugidos. Mas, acanhado como fresta de janella, o toleirão não se animava nunca a confessar-lhe nada. E era a tremelicar que a informava dos preços, sobrio de palavras, riscando o balcão com a unha do pollegar, como se temesse perder a cabeça, olhando-a de frente.

O negociante perdeu Joanninha por excesso de candidez. Mais tarde, quando comprehendeu que era preciso reagir contra a sua parvoice e dizer-lhe, de fito a fito, que a desejava para mulher, já a sujeita andava ás beijocas com o Justino Roque, sob promessas de casamento.

Desordeiro, rico, estroina, — esse Justino Roque completou a desmoralisação em que, de resvalo em resvalo, se achafurdara a infeliz Joanninha, agora relegada da consideração das mesmas familias que a recebiam dantes ás honras da sala.

— Aquillo acaba mal — dizia o desvelo popular.

E tanto acabou que algum tempo depois ella se confortava em casa pittoresca, com varanda na frente e um parasitismo fresco que, grimpendo pelos corrimãos da escada, guarnecia a plati-banda e se confundia com as heras entrelaçadas pendentes dos beiraes.

O proprio Justino é que lhe arranjava o *ninho* em sitio afastado e propicio aos extases. Lá passou elle os melhores dias de sua vida, segundo assoalhou, com chocarreira malicia, intentando espicaçar o despeito aos mocos de imaginação e sentimento, que de certo lhe cubicavam a amante malaventurada.

Todavia o arrependimento começou cedo a entenebrar a existencia de Joanninha. Não lá propriamente pela questão de honra! Mas o Justino, logo no começo da vida em commum, faltou á palavra quanto aos arranjos da casa. Elle se obrigara a formar uma habitação de gosto, onde os caprichos da companhia encontrariam um luxo meticuloso e difficil. Pois nada disto. Tudo lá era mediocre como o José Antero.

E, para maior gravame, o sujeito desconversava sempre que a Joanninha trazia á balha o problema do casamento.

— Então, Justino, você não casa commigo?

— Que duvida! E' pinhão cosido.

— Mas quando, homem?

— Quando? Mais tarde... Eu vou tratar disto...

E sahia a pretexto de "tratar disto" para voltar a dez horas, cheirando a cachaça.

Depois não se tocou mais no assumpto. Porque a Joanninha passara a reparar num acrobata algo geitoso, que fôra atolar-se com seu circo em Santa Monica após uma peregrinação dolorosa pelos confins do Estado, acossado pelos credores e pelas vaias. Vira-o, da bancada, numa noite de representação, quando elle fazia giros na barra fixa. E de tal geito a impressionou a desenvoltura caprina e mais a elegancia athletica do artista, que ella não soube parte de si. Ao voltar a casa entrou de gyrar-lhe tambem na imaginação, sob a forma de barra, uma idéa fixa virginal: seguir o nomada, pertencer ao elenco da parandula. E então, quando, numa tarde, passou o artista, sorumbatico e abstracto, como cão desilludido, pela casa do Justino Roque, ella suspirou fundamente. Suspiro tão preguiçoso foi esse, que o acrobata voltou-se, meio desconfiado. Mas a Joanninha aventurou um sorriso gracioso e desembaraçado, como a insinuar-lhe que deixasse lá de ceremonias... O moço sorriu tambem, tambem alegrete. E á noitinha, sem mais preambulos, os dois se encontraram ao pé da casa, trocando idéas temerarias.

O José Antero soube disto e perdeu a cabeça. Que o bacharel de Ituverava e o tal das quinquilharias namorassem a Joanninha, vá! Já a custo se compadecia com que justamente a bisca do Justino se antecipasse na conquista a quem tudo contribuíra pelo triumpho da rapariga, desde o dinheiro com que sitiou os escrúpulos do jornalista, até os esforços em favor da cabala. Mas vá lá tambem, que o Justino inda tinha proposito. Era seu conterraneo, seu freguez de carne... Mas um acrobata! Um forasteiro! A troco de que? Se direito assistia a alguém de possuil-a, era a elle, Zé Antero, que se esfalfara e gastara dinheiro a mancheias para furtal-a á sordidez de uma taverna.

E concluiu, amargurado, cheio de remorsos:

— Que grande idiota eu fui!

Um dia, porque lhe coriscasse no cerebro a idéa de apoderar-se de Joanninha e porque o Justino se ausentasse de Santa Monica, empenhado, então, a uma hespanhola de Itaqui, mundana e bonita, o carniceiro penetrou em casa do rival. A rapariga só teve um ah! de espanto ao deparar-se-lhe a phisionomia descomposta do antigo namorado.

— Que quer você? — perguntou ella.

E o Antero, com muito sentimento:

— O' Joanninha, eu te amo, eu te quero — Vem, vem comigo...

— Fóra, fóra! — gritou a mulher, recuando. — Que pensa que eu sou, carniceiro dos quintos?...

José Antero parou, aturdido. Raio de carcamana! Porque não tinha ella daquelles brios, quando andava ao balcão, exposta ás gaiatices de negralhões fedorentos? Era assim que se falava com gente de qualidade?

— Joanninha, Joanninha!...

— Fóra, fóra!

O açougueiro não se conteve e atirou-lhe um murro na face. E como a rapariga cambaleasse até a rua, a chamar soccorro, precipitaram-se os curiosos em massa. Que era? O Zé Antero invadira a casa de Justino Roque! Pobre magarefe! Estava alli, estava morto! Terror de Santa Monica, o amante da Pivatelli supportaria com menospejo uma cosedura de faca a um valentão, que a mais simples affronta a um carnicheiro. Antero sabia-o bem. Por isto, perseguido pelo temor, entocou-se no seu quarto, no fundo do açougue, a curtir as angustias de sua sorte miseravel. Muitos dias passou o pobre diabo sem se mostrar ao cepo, onde esquartejava a sua mercadoria. Substituia-o no mister um negroide, o Zéca Sauva, com recado de ignorar o paradeiro do amo.

E ficou nisto. Justino voltou de Itaqui, soube do escandalo e, ao reverso do que se esperava, nem sequer pediu noticias do açougueiro. Elle tinha lá os seus planos. Farto já da italianinha, as intenções do devasso voltaram-se para a mundana de Itaqui. Para tomal-a a sua conta, precisava, porém, que alguém o salvasse da Pivatelli. E quem mais, senão o Zé Antero?

E vae dahi, vem attender aos protestos de fidelidade da amiga, Justino lhe discoseu a reputação e sahiu a rua annunciando que sua casa estava sendo frequentada por extranhos. Isto assim phantasiado levava tambem em mira ferir as pretensões da Pivatelli mãe, que, havia muito, reclamava ao Justino a indemnização de praxe pelos damnos materiaes causados com a perdição da meninota, — uma ninharia, que talvez se pudesse arredondar em cinco contos de reis. O Justino não achava o preço exorbitante. Cinco contos por uma rapariga bonita até lhe affrontava a liberalidade... Explicou, em certo encontro com a interessada:

— Eu estava disposto a dar a somma. Isto é, dava até de lambugem outro tanto. Mas agora, velha, nem mais um déreis, entende? Se quizer a indemnização converse com o Zé Antero. E deixe de lambança.

— *Ma signore...*

— Nem chêta, já disse. Você o que quer é exploração... Cinco contos, dinheirinho limpo, hein? Você está solta... Não acha, Zé Antero?

Era que o carnicheiro, facilitando mais a sua liberdade, se animara a passar naquelle momento pela casa da italiana mãe,

a vêr se dos olhos della surtiriam algum alvitre... Ao ouvir a pergunta, muito perturbado, muito frio, declarou com o ar mais ingenuo deste mundo que não achava coisa nenhuma.

— Eu estou dizendo aqui a esta madama que a Joanninha é um peixão!

Antero sorriu, escusando-se de uma opinião acêrca de assumpto tão melindroso; mas julgava-se autorizado a confessar que *dona* Joanninha era mesmo bastante graciosa...

— Um peixão! — confirmou o Justino.

Antero engorolou mais algumas attenciosas sandices, despediu-se respeitosamente do sclerado e passou, respirando forte, desopprimido.

Afinal, no dia seguinte, Justino entrou em casa, disposto a pôr na rua a sujeita. Não a encontrou.

Ao passar, porem, pela sala de jantar, os seus olhos cahiram sobre um papel cuidadosamente dobrado sobre a mesa. Abriu-o e leu o bilhete que vae reproduzido, sem a orthographia do original:

“Amigo Justino. — Fui contractada pelo circo para fazer a galã n’*Os bandidos da Serra Monica*. Adeus, eu me lembrarei de você algumas vezes. — Joanninha.”

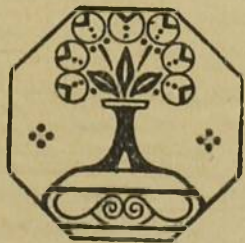
O homem deixou-se cahir sobre uma cadeira, devêras aniquilado.

— Ah, cadella escachada! — rugiu elle, ameaçando o vacuo, com os punhos cerrados — Porque não fugiu hontem, desgraçada?

E sahindo dalli, furioso, ás cegas, atropelando poeira — foi dar uma surra ao Zé Antero...

Piracicaba, 16—10—23.

IAGO JOE’





A “ROUGHNESS” EM NEW-YORK

UMA ocasião, na Regent Street, em Londres, tive que recorrer a um “policeman” para obter uma informação. Elle, depois de ouvir-me com atenção, esboçou benevolente sorriso e respondeu — “I am sorry”.

Eu que sou triste por temperamento, e que sei quanto é triste a tristeza, não quiz incomodar mais o homem grande e gordo que contra toda a expectativa, estava triste como os magros, em vez de estar alegre como os gordos.

Ao meu primeiro encontro com o meu professor de ingles, narrei-lhe o facto. E’, explicou-me elle, que na Inglaterra, fica-se triste quando não se pode auxiliar o seu semelhante, naquilo que elle deseja ser auxiliado; por isso, o policial não sabendo dar-lhe a informação pedida, ficou triste.

Alguns annos depois, fui obrigado a interromper um “policemen” new-yorkino na celebre Broadway, para fim identico. Elle ouviu-me com a cabeça erguida, e, ao terminar eu a minha pergunta, respondeu-me com displicencia: “Help yourself”, continuando em seguida a empurrar a sua formidavel pança para a frente, com a importancia do jacarim em galinheiro.

O “help yourself” da Broadway, não podia deixar de rememorar ao meu espirito o “I am sorry” da Regent Street, e esses dois efeitos tão dispaes de uma mesma causa, ao defrontarem-se em contraste, mal deixavam perceber que o primeiro nada mais era que degenerescencia ou involução do segundo. O “help yourself” da Broadway, feriu-me os ouvidos como o ruido abafado da queda de massa de chumbo, destinada a descer sempre calcando-me para os logares mais baixos da existencia; e então instinctivamente, apeguei-me ao “I am sorry” da Regent Street, que soou-me aos ouvidos como acordes de instrumento super-afinado pela ação juxtaposta de milhares de gerações successivas: a sua harmonia limpida e evocativa, pareceu-me enlevar a alma para as regiões sem fins do Belo e do Bom.

Um mesmo facto, um pedido de informações por um estrangeiro que desconhecia a cidade, provocou tristeza no londrino e desdém no newyorkino.

Desdenhar de quem pede um auxilio, constitue traço forte de energia; mas de energia mais animal que humana. O animal homem, só começou a ser humano, quando compreendeu a necessidade da vida em sociedade; a característica por excelencia da vida em sociedade, é o auxilio mútuo, é a interdependencia que transforma o homem em célula desse organismo abstrato que não se pega com a mão, mas se percebe com o cerebro, organismo ao qual se deu o nome de humanidade.

O "I am sorry", é planta de jardim, com a delicadeza e as blandicias que a humanização lhe imprimira; o "help yourself", é a mesma planta, porém egressa do jardim, restituída á robusteza e á rusticidade do mato de terra virgem.

O desdém newyorkino, representa pois retrocesso, involução, volta do já humano ao ainda animal.

Essa involução é digna de meditação, e talvez comporte tímida hipótese no sentido de fixar-lhe a verdadeira causa.

Quem atenta para o regimen de trabalho de uma grande fabrica, percebe logo duas categorias de operarios — a dos que se occupam mais com a perfeição técnica do producto, e a dos que se occupam com o seu aperfeiçoamento artistico. Os productos de uma fabrica, depois de dados por prontos pelas oficinas técnicas, passam, antes de serem lançados ao mercado, por oficinas artisticas, onde recebem os necessarios arremates — o lixamento, o polimento, o brunimento, a pintura, o envernizamento, a galvanização: destas oficinas saem elles lustrosos e embelezados, agradaveis á vista e macios ao tacto.

Ora, pensando bem, a Natureza não passa de uma grande fabrica, de proporções desmedidas, assentada em moldes finalisticos, em cujas oficinas associando-se e dissociando-se perenemente, vae produzindo essa estonteante variedade de productos, dos quais o homem é certamente o mais bizarro e caprichoso.

Mas essa grande industrial que é a Natureza, parece desinteressar-se por completo do aperfeiçoamento artistico desse importante producto da sua fabrica: ella fabrica o animal, contenta-se com o animal — á evolução do animal a humano, ella conserva-se estranha.

De sorte que somos obrigados nós mesmos, a prover os nossos proprios arremates, a nossa propria galvanização, ou melhor, a nossa propria fuga á animalidade.

Ser operario de officina artistica destinada ao aperfeiçoamento de producto tão estranho ao homem como sôe ser o proprio homem, é realmente missão delicada e complexa.

Pode dizer-se que essa missão se desdobra em duas partes bem distintas: a instrutiva e a educativa; a que fala ao cerebro e a que segreda ao coração; a que illumina a razão e a que edifica o character; a que amplia a intelligencia, mostrando, em quantidade, o que ella pode, e a que restringe, mostrando, em qualidade, o que ella deve poder.

Para a primeira parte dessa missão, afigura-se-me que o homem é mais capaz que a mulher; outro tanto porém, não pode dizer-se da segunda parte.

A missão de nos formar o coração, de nos falar directamente ao sentimento, de nos acompanhar dia a dia, instante a instante, na tormentosa viagem pela vida, sensível aos nossos desvios, como o é a bussoa ao dos navegantes; a missão de nos incutir qualidades que mais se adquirem pelo contagio que pela persuasão — essa missão, só á mulher pode ser confiada com probabilidade de exito completo. E isso é bem explicavel. A estima que votamos ás coisas, é função do preço que por ellas pagamos. O que a mulher paga em sacrificios pela evolução do genero humano, é bem mais do que o pago pelo homem. E' pois bem natural que ella seja mais habil

e mais zelosa que elle, sempre que se tratar da conservação e do aperfeiçoamento das qualidades em que essa evolução culmina.

As oficinas da especie considerada, não podem dispensar o concurso da mulher, da operaria do sexo feminino.

Quero crer que em New York, as oficinas dessa especie estão em crise por falta de operarias desse sexo: em New York, as operarias são todas do sexo masculino.

Em tais circumstancias, poderão aí nessa cidade, ser devidamente arrematados os toscos produtos humanos da grande fabrica da Natureza?

O futuro nos dirá, ou melhor, dirá ás futuras gerações.

E' realmente interessante que a transformação das operarias do sexo feminino, em operarias do sexo masculino, tivesse acarretado a transformação do "I am sorry" em "help yourself"; mas essa é a minha impressão; essa é a hipotese que eu timidamente submeto ao juizo dos entendidos no assumpto, depois de meditar muito sobre esses belos produtos newyorkinos, privados de um acabamento artistico proporcional ao seu impecavel acabamento tecnico.

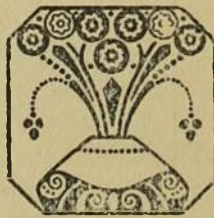
Em New York, encontra-se por toda a parte o viço sadio das florestas, mas é raro o perfume suave dos jardins.

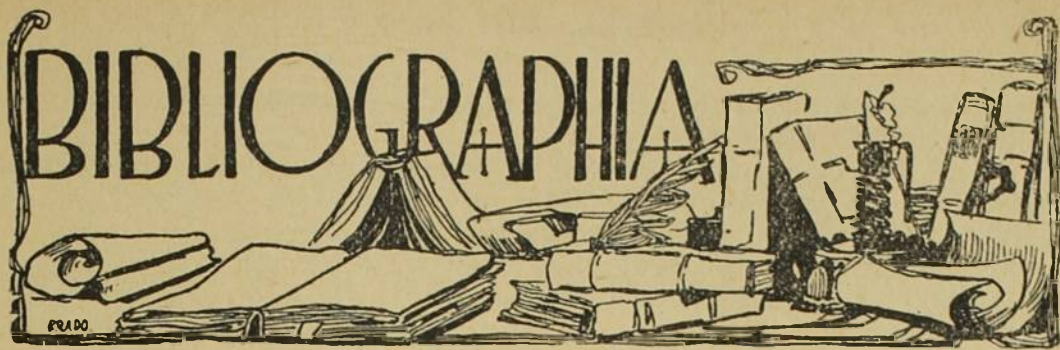
Bemaventuradas as terras em que a mulher se sente bem como operaria do sexo feminino, e compreende que a luta contra o inelutavel, é uma luta da qual se sai sempre vencido, e por isso, degrada, degenera, deprime; bemaventuradas as terras em que a mulher compreende que, no lar, mais vale o seu papel de metade que o de unidade.

E bemaventurada a mulher que assim procedendo, não fica devendo o facto de não haver caído no ridiculo, ao facto de não poder provocar o riso, aquilo que provoca piedade.

Rio, 12 de novembro de 1923.

ORLANDO MACHADO





MENTIRAS E... RETICENCIAS MEDICAS, dr. Lauro de Oliveira. Porto Alegre.

Merece ser assignalado esse livro, no qual o autor reune varias conferencias sobre assumptos clinicos, de grande interesse entretanto para qualquer leitor. O livro empresta o titulo á primeira conferencia, que é, quem sabe, tambem a melhor da collectanea. Consolar e alliviar são os mais altos destinos da medicina, diz o Dr. Lauro de Oliveira, apoiando essa affirmacão com exemplos, e explicando-a pelos methodos mais recentes da suggestão e da psychanalyse.

NATALIKA, por Guilherme de Almeida. A Candeia Azul — Rio de Janeiro.

De Guilherme de Almeida só conheciamos até hoje livros de poesias. Como poeta, sua fama já é grande e justificada. Desde *Nós* vem elle seguindo uma róta ascendente e deslumbrante. Cada um de seus novos livros é um passo para a frente. E' hoje um dos maiores poetas brasileiros, ninguem o póde negar.

Como prosador, agradou-nos tambem com *Natalika*, conferencia cujo assumpto, a Arte, é de constante actualidade.

Guilherme de Almeida é um homem espirituoso. Malabarista da phrase, brinca com os paradoxos, sorri, convence. Junta á elegancia de Oscar Wilde a novidade de suas proprias concepções.

Para o leitor distrahido, *Natalika* é um "badinage". Para nós, é uma obra seria. Entre os jovens da litteratura elle é quem, com menos pretensão, escreve as mais deliciosas verdades.

E' pena que Guilherme de Almeida não seja jornalista. Com Ronald de Carvalho e Paulo Silveira, formaria um trio perigoso e temido. Espirito, erudição e bom humor. Trez factores importantes na conquista do publico.

Sob o ponto de vista didactico, *Natalika* será, para muitos, um livro difficil e irreverente. Sob o ponto de vista literario, será, para todos, um livro adoravel.

Guilherme de Almeida usa de uma maneira muito pessoal para falar de arte. A fabula, o paradoxo, o trocadilho, são trunfos que emprega com habilidade. Como no pocker, o leitor póde "filar". E' um prazer que poucos escriptores nos dão.

Como todos os bons livros, *Natalika* necessita e supporta varias leituras. O que primeiro encanta, é a verve, o espirito; depois, a fabulação,

a maneira; depois, o estylo; enfim, a erudição disfarçada, escondida debaixo da escriptura displicente.

Não temos espaço para analysar essa conferencia. Cada capitulo é uma affirmação, e o desenvolvimento dessa merece um estudo especial. E cada capitulo pôde dar origem a polemicas violentas.

Sei que ha espiritos facilmente irritaveis. Esses fulminarão Natalika com a má fé e a inveja dos impotentes. Inutil! Natalika, a pequena deusa que resistiu ao tempo impiedoso, não teme a colera dos criticos. Mesmo sepulta num montão de escombros, ressurgirá um dia, perfeita e pura.

A apresentação typographica do livro, muito agradavel, é obra da Can-deia Azul, nova casa de edições do Rio de Janeiro.

E' o primeiro volume de uma série que comporta, entre outras cousas interessantes, o *Domingo dos Seculos* de Rubens de Moraes.

REVUE DE L'AMERIQUE LATINE — Rue Scribe 2 — Paris —

A revista da America Latina, que se publica em francez, é das que mais interessam o leitor sul-americano.

Ao par de todo o movimento litterario, economico, politico e social da America e da França, essa revista é um traço de união indispensavel entre Paris e nossas capitaes. Tendo por collaboradores uma elite de escriptores dos dois continentes, cada novo numero é um novo successo litterario.

Recommendamos calorosamente aos nossos leitores essa excellente publicação.

*L'HOMME DE LA PAMPA — Jules Supervielle — Nouvelle
Revue Française — Paris*

Jules Supervielle, esse homem de 2 metros de altura e de mais talento ainda, viveu longos annos no Uruguay e no Brasil. Já no seu livro de poemas "Débarcadères" haviam allusões ás paisagens tropicaes do rio Paraná. A nostalgia levou-o a escrever esse romance de psychologia sul-americana.

A mentalidade do rico fazendeiro da Pampa, Juan Fernandez de Guanamirú, que é a mentalidade media de todos nós, tentou-lhe a inspiração. Escreveu o melhor romance francez de 1923. E, escrevendo-o, achou o que faltava na literatura de seu paiz: o assumpto. Envolve o seu livro uma atmosphéra de liberdade, de ar puro e de rejuvenescimento. Voronoff das letras francezas!

CHOLE'RA — Joseph Delteil — Simon Kra — Paris.

O dadaista Joseph Delteil publicou ha tempos um romance intitulado "Sur le fleuve Amour" cuja acção se desenvolvia na Siberia bolchevista. Psychologia de mascate, estylo rebuscado, sensualismo mystico, eis o que era esse livro que muito nos desagradou. *Choléra* causou uma surpresa geral. Ha, ainda, na literatura de Delteil, muito recheio e muito desse espirito vulgarmente chamado gaulez.

Mas, ao lado dessas doenças do temperamento, incuraveis talvez, encontram-se, em seu novo livro, a truculencia e a verve de Rabelais. A imaginação desenfreada do autor nos conduz, através do mundo das sensações e do subconsciente, á região da blague e, por vezes, do mysterio.

Alice, Corne e Choléra são as principaes personagens desse romance que o não é.

Joseph Delteil, muito moço ainda, promete tornar-se um dos melhores romancistas da geração actual franceza. Falta-lhe tão sómente a coragem de abandonar a quinquilharia das chapas modernistas (já existem) e não mais se deixar tentar pelo espirito grosseiro e facil do defunto Rio-Nú.

RECEBEMOS MAIS:

Rassegna de Coltura n.º de Dezembro de 1923 — Milano — Via Clerici, 10.

Historia de Agaba — J. C. Ferreira de Mello — Itabayana — Parahyba.
Vozes de Petropolis n.º de Fevereiro.

Revista do Instituto Archeologico Historico e Geographico Pernambucano — Recife.

Veranos Marplatenses de 1887 a 1923 — Dae — Buenos Aires.

Revista do Instituto Historico e Geographico da Bahia — Imprensa Official do Estado — Bahia.

Renovación — numeros de Dezembro e Janeiro — Buenos Aires.

Almanach do Ceará 1924 — José Alano — Fortaleza.

Journal des Débats — Janeiro 1924 — Paris.

Pegaso — Novembro e Dezembro — Montevideo.

La Revue Bleue — Janeiro 1924 — Paris.

La Revue Hebdomadaire — Janeiro 1924 — Paris.

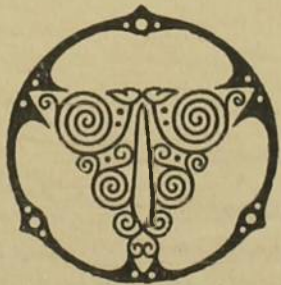
Rassegna Nazionale — Janeiro 1924 — Roma.

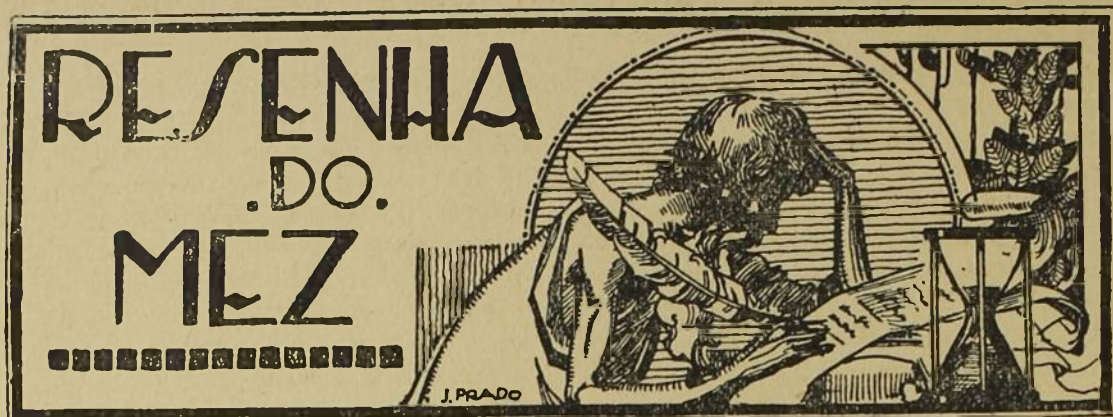
Synopse do recenseamento realizado em 1 de Setembro de 1924 — Typographia da Estatistica — Rio.

Boletim da associação commercial da Bahia — Dezembro 1923 — São Salvador.

La Grande Revue — Janeiro 1924 — Paris

Archivo General de Economia — Barcelona.





MAURICE BARRÉS

A França, quando lhe foi raptada a Alsacia-Lorena, já era uma nação de vencidos. O cataclysmo inicial produziu-se nos fins do século dezoito, mas a sensação do vácuo, a impressão do desalento, veio à plenitude depois do novo abalo de 48. Os grandes espiritos francezes tornaram-se desde esse tragico momento artistas da destruição. Renan esforçou-se por desenraizar o catholicismo. Taine por matar a metaphysica, aniquillar a lenda napoleonica e entorpecer o genio militar da raça, Flaubert revelou o bovarysmo, que é a caricatura do idealismo creador e escarneo do romantismo, de que Napoleão III fôra uma fugaz apparição politica. Zola excedeu-se em patentear num paroxysmo realista a decomposição das cellulas sociaes. Quando os prussianos, barbaros e depredadores, invadiram a França, onde a força para resistir-lhe? Não havia mais nada, exclamou-se cobardemente na hora da capitulação. O sentimento patriotico indomavel e perenne, refugiára-se nos abysmos da nacionalidade. Desse amago obscuro surgiu Maurice Barrés, inspirado pelo espirito da desforra. Para reconstruir moralmente a França affirma, no pensamento e na literatura, alma de vencedor. Escriptor estranho e decrepita urdidura tradicionalista, não se reproduz nelle a figura classica de um joven deus mythologico, de um Dyonisos infante, bello, surprehendente, desdenhoso a sorrir na perpetua alegria. Maurice Barrés representava a imagem de

um passaro esquivo, intratavel e bravio, sempre aggressivo, uma aguia infantil, um falcão adolescente. Permaneceu até o fim, raro e singular. A sua voz guardou o som agudo, guttural e estridente, que dilacerava a trama subtil da velha linguagem franceza. Todo elle era anciedade e vigilancia. A ave selvagem debatia-se em gritos violentos, como se a estivessem afogando num pantano de cobardia e imbecillidade. Os olhos agudos fixaram-se perpetuamente no inimigo. Maurice Barrés deu o alarme para o permanente combate e postou o seu eu irreductivel deante dos Barbaros, em desafio a todas as barbarias. Cumpria-se uma longinqua predeterminação. O neto de um soldado de Napoleão, o descendente de enraizados antepassados auvernezes, o loreno, filho de loreno, encarnava assim o espirito das raças, que formavam a nação e aticavam nesta o victorioso sentimento da perpetuidade.

A unidade da França se fez por aggregação. As regiões as mais diversas, trabalhadas pela historia, foram pouco a pouco se desfazendo da primitiva rudeza e annullando as separações até se amoldarem nessa homogeneidade politica, que se imagina hoje inteiramente ininterrupta e inquebrantavel. O auvergne, sendo geographicamente o centro do paiz, é tambem o centro da resistencia, onde pulsa o coração. A terra foi vulcanica; é activa e solitaria. Maurice Barrés reflectia essa sobranceira; era arredio, apesar de

político e patriota, e trazia na alma esse fogo secreto do solo, que lhe aquecia a tempera e explodia em erupções intellectuaes. A Lorena é a terra indecisa entre a Gallia e a Germania. E' varia e incerta, lutando pela sua personalidade ameaçada de successivas invasões e absorpções. Dessa formação lorena, provém, por singular infiltração allemã, o individualismo de Barrés. Percebe-se á primeira vista, no doutrina nacionalista do reconstructor do pensamento francez, a iniciação germanica Maurice Barrés confessa a procedencia de Fichte. Podia remontar a Leibnitz, á theoria da mónada, de onde dimana o conceito do Estado, como o grande individu, o grande Eu. Desse conceito individualista deduziu Barrés a concepção da patria como a categoria do *eu*. Quando o subjectivismo allemão avassalou o espirito de Fichte, já havia extrahido o mundo real da idéa pura. O *eu* de Fichte tornou-se universal e preparou o Estado universal de Hegel. Em Barrés o *eu* colectivo, a Nação, contra hui-se, tornou-se restricto. A Patria é uma limitação e para Barrés, que era loreno, oriundo de uma incerta e pequena patria, situada na fronteira dos Barbaros e cujo espirito se formou sob o terror da invasão do inimigo e sob a esperança da desforra, a Patria devia ser uma cidadella defendida pela energia do *eu*, dentro da tradição, cuja argamassa é feita pela lingua, pela historia, pela religião que se nacionalisa até os limites do schisma. Para esse sentimento patriótico o estrangeiro é o inimigo. Dentro dos muros não ha culto mais fervente do que o dos mortos, tutelares da continuidade. Volta-se ao conceito primitivo da patria, que se inicia em torno dos tumulos e cuja formula exclusiva tem a estrutura de uma religião.

Antes de systematisar a sua doutrina do patriotismo, Maurice Barrés, instinctivamente levado pelo espirito da desforra e pelo pensamento da victoria, fixou o seu *eu* deante dos Barbaros. No fundo do seu nacionalismo descobre-se o conceito dualista gerado na consciencia humana pelo terror metaphysico, "eu e o universo", "eu e os outros". E' a formula de Fichte. O culto do *eu* concretisa-se na reacção systematica do ser individual contra tudo o que procura domi-

nal-o e esmagal-o. A força physica ou moral, hostil ao *eu*, é o que Barrés chama "o barbaro". O dever primordial é defender o *eu*, eleva-lo, engrandecel-o. Ao egoismo dos outros oppor ao nosso próprio egoismo, e mesmo no Amor não se deixar obsorver. E por isso o Amor no sentido barresiano não attinge jámais a altura em que a fusão integral dos Amantes realisa a unidade com o Universo.

Se para o escriptor metaphysico o barbaro é tudo o que resiste ao *eu*, para o joven loreno essa resistencia se corporifica no Prussiano, que é o barbaro por excellencia, tangivel e ameaçador. O conhecimento desse barbaro, desse inimigo hereditario, revelou a Maurice Barrés a patria, que assim surge do sentimento racial. Maurice Barrés alargou a categoria do *eu*, que de individual se tornou a collectiva. A nacionalidade é a somma e a summa dos infinitos *eu* da mesma progenie, da mesma idealidade, da mesma projecção no futuro. A Patria, categoria do *eu*, oppõe-se ás outras patrias e o antagonismo persiste como a profunda e successiva expressão do dualismo inicial. Por um momento o conceito barresiano, movido pela metaphysica allemã, como instatanea desforra do barbaro, alarga-se para fundir o *eu* no Inconsciente. Sem demora o espirito loreno reaparece, recompõe o mysticismo individualista, não permite essa elasticidade vaga, essa posse do Universo. Ao contrario, o *eu* retráe-se, torna-se nacional, volta ao conceito pragmatico da patria deante dos barbaros. Para Barrés a patria é a continuação do Passado, tem a sua cidade invisivel povoada de sombras, que inspiram os vivos na missão primacial de zelar pela tradição. O mysticismo anarchista destróe todas as restricções, que possam limitar o surto do individuo. O mysticismo patriótico de Barrés enraiza o individuo na terra dos antepassados e o encerra dentro das muralhas da nacionalidade. Por esta formula Maurice Barrés rompe definitivamente com o idealismo de Fichte, que o estimula no principio, e repelle a theoria hegeliana que considera os povos, as sociedades humanas como reflexo e dominio do Estado e moveu a Allemanha para o pan-germanismo. No conceito barresiano a patria franceza tem a suprema missão de defender-se dos Barbaros germanos, de fortalecer-se dentro dos

seus limites naturaes e historicos e entreter o espirito numa perpetua vigilia contra toda invasão physica e moral, sem sobrar-lhe tempo para as aventuras da conquista. A doutrina nacional de Maurice Barrés é uma contradição ao imperialismo allemão.

Quando essa doutrina nacionalista se crystallizou, a França vencida, ultrajada, não offerencia resistencia ás vagas do anarchismo, que vinha com a sua ideologia completar a dissolução dos alicerces da nacionalidade. Por esse tempo os governantes estavam ao serviço de uma burguesia cupida. A França foi o campo de rapina, onde tudo foi lama, sangue e morte. Nos destroços da catastrophe moral, veio do subterraneo da nação um sobresalto, que a salvou. Maurice Barrés incorporou o seu idealismo á acção politica e tornou-se um dos reconstructores do paiz. A base da reconstrucção está na idéa da patria, qua a fortalece e se organisa em culto. A idéa faz-se sentimento para ter vida. Essa força ideal foi a que em primeira linha se oppoz aos Barbaros e os venceu. A' victoria, que foi uma desforra, Maurice Barrés consagrou-se integralmente. A sua actividade combativa foi um maravilhoso espectáculo. Reagiu contra o scepticismo. Reagiu contra Renan, patriarcha da indifferença. Ao cynismo que exclamava: "a França morre, não perturbemos a sua agonia", Barrés oppõe a violenta therapeutica da fé. Disciplinou-se para disciplinar. Já nos seus primeiros livros individualistas aspira a uma disciplina, que lhe dissipasse o torpor doloroso, em que se entibiava o seu espirito. Clama por essa força, pelo "Mestre", que seria um axioma, uma religião, um principio ou uma doutrina. Encontrou no nacionalismo a sua disciplina e desde então passou a servir o seu "mestre". A finalidade do seu nacionalismo era a desforra, que libertaria a França da humilhação de 1870 e restituiria na aureola de victoria a integridade gloriosa. "Eudgo, exclamou, que Metz e Strasburgo nos voltarão um dia... Que dia será esse?... Os Francezes serão vencedores no dia em que serás homem", assegurou Barrés a seu filho. E Philippe Barrés collaborou para cumprir-se a prophesia do pae; soldado da grande guerra, deu o seu sangue para que Metz e Strasburgo

voltassem á França fosse restaurada a velha Lorena, geradora desse egotismo patriotico immorredouro.

A construcção barresiana assentada no nacionalismo rejeitou toda a libertação para manter o espirito subordinado á tradição. Impregnou-se da formula que não limita o patriotismo ao amor do sólo, enraiza-o no amor do passado. Voltou-se para este e o defendeu nas suas expressões mais definitivas, na religião, na hierarchia politica, no genio militar e no culto dos mortos. O excesso da disciplina levou Barrés ao automatismo. Parece que procurou na energia um remedio ao seu temperamento, independente e vago, de descendente renegado de Rousseau, de herdeiro da melancolia de Chateaubriand. Para curar-se do traiçoeiro veneno do romantismo innato, para libertar-se do sentimentalismo, empregou a disciplina de Loyola e de Goethe. Subordinou o mundo e o proprio *eu* á vontade. Desta faz um cilicio, em que constrangi a liberdade. E por um singular paradoxo, nos seus livros de iniciação, ha tanta vontade, tanta disciplina para libertar dos barbaros o joven Philippe, que este se torna um automato, um mecanismo, um homunculo fabricado pela Intelligencia.

E' na funcção cerebral que reside o segredo de Barrés. Tudo, universo, sensações, fórmulas, sentimentos, tudo transfigura em idéas. E' a operação secreta da sua sensibilidade. Esta apura-se, estrema-se e de tão vibrante, torna-se seductoramente intellectual. O encanto barresiano, que se infiltra pela literatura franceza, vem do mysterio romantico, da hyperesthesia egotista que, domada pela disciplina, torna-se sortilegio. Os espiritos, avidos de metaphysica para fugir ás torturas do relativismo scientifico, encontram no estylo de Maurice Barrés a repercussão procurada e entranhada dos seus proprios desejos de libertação. A phrase barresiana tem ás vezes uma secura interior, e da sua vibração resulta uma sonoridade aguda e irritante. Não é a fonte de melodia que se transmuda em ondas doces e correntias. E' uma musica dissonante, cuja volupia cerebral é deliciosamente attrahente.

Que resta dessa musicalidade? Barrés foi o primeiro a corrompel-a pela volta ao sentimentalismo. Uma invasão de sen-

sibilidade deturpou grande parte da magia altiva e aspera do primeiro estylo. O rythmo permaneceu o mesmo, mas a sonoridade estava viciada. O cheiro da morte infectou a atmosphera. A morbidéz degenerou em compaixão. Tudo tornou-se triste neste homem, soberano de desdém e orgulho. Aquelle fremito febril que, na aurora da espiritualidade, se compiaz na pestifera Veneza, vem no crepusculo excitar-se da phosphorescencia dos cadaveres, alimentar-se da morte. Ama o que é sombra e mysterio. O creador do enthusiasmo patriotico, o sarcastico dominador da vida, consagra-se ao culto dos mortos. Procura defender tudo o que passa e exprimir tudo o que morre. Quando lhe faltam expressões do seu idioma, o nacionalista pede aos idiomas estranhos a palavra piedosa... Assim transportou para a sua phrase melancolica a mais triste das nossas palavras, saudade. Encadeiou os vivos aos mortos. O Oriente perfido lhe revelou que o filho é o segredo do pae. Descobriu Barrés que o Occidente, sobrecarregando o conceito mystico, accrescentára: "Nossos filhos são a imagem dos nossos pensamentos os mais profundos". Dessa falsidade psychologica concluiu a formula, com que resolve o mysterio da tradição, e revendo a sua sentença contra Renan, termina por absol-

vel-o do scepticismo religioso em face do sacrificio dos netos, martyres da guerra, cheios de fé e de illusão christã. Neste auge de piedade patriotica, que tudo incorpora ao patrimonio moral da França, morre o encantador e entra serenamente na communhão dos mortos. Desde o instante supremo da desforra triumphante, de que fôra annunciador e constructor, estava cumprida a sua bella fatalidade. Veiu da subtil raiz lorena e da profunda fonte auverneza, revelou o seu *eu* na magia de uma musica estranha, encerrou-se no quadro nacional, disciplinou-se, serviu o genio da sua raça, de onde brotou a estirpe que elle continuou e que continuará depois d'elle. "A' ma mort, Philippe, recommendava Barrés, il faudra me conduire dans l'ombre du clocher de Sion et ne point t'attrister, car ma fortune sera comblée si je me confonds dans cette terre riche de toute la continuité lorraine".

Agora abram-se as janellas. A musica barresiana, ao longe, dá o rythmo sepulcral ao silencio das cathedraes e á melancolia dos tumulos. Outra sonoridade, vivaz e victoriosa, vinda da alegria do Universo, enche a França, que se renova indefinidamente.

Graça Aranha.

("America Brasileira").

O CLARO RISO DOS MODERNOS

Na carta que escrevi ao meu querido amigo Jackson de Figueiredo, e á qual o illustre escriptor catholico deu tão nobre resposta, faltou-me espaço para precisar alguns pontos essenciaes do nosso movimento modernista. As suas raizes metaphysicas não são puramente metaphysicas mas também, ethicas. Não é sómente das formas estreitas que nos libertamos, porém, dos preconceitos mesquinhos de um falso espirito inferior, formado e alimentado por um artificialismo livresco, da peor especie.

Herdamos uma voz melancolica: a voz da Terra. Perdido na vastidão da floresta insidiosa, que, a cada passo vem arrancar-lhe os frutos do seu labor, o homem brasileiro reflecte no pensamento a tragedia aspera e continua da sua adaptação ao meio

cosmico. As forças que tentam esmagalo são de tal apparencia que Buckle, e, depois d'elle, Rivet, Lapouge, Lecointe e varios anthropogeographos da escola de Ratzel, ou da corrente de Vidal de La Blache, o condemnaram a um perpetuo exilio no seio da natureza impiedosamente exuberante. Da Amazonia opulenta de Humboldt, e de Constantin, affirma Le Cointre, no "Climat de l'Amazonie", que é "um deserto vestido de verdura, á espera de occasião propicia para resurgir". Desde 1876, Stanley, o celebre explorador inglez, já se referia á enganosa magia das mattas virgens, que deleitam os olhos, mas opprimem a vida humana, reduzindo-lhe as energias, despojando-a dos seus attributos superiores. O homem da zona tropical é um ser destinado ao terror e á humilhação deante da Natu-

reza. Nossa literatura apresenta, a esse respeito, depoimentos celebres. Basta mencionar os Caucheiros e o Judas Ahsverus, de Euclydes da Cunha. Tudo se entredesvora nessa panphagia formidável da seiva barbara. Os rios saltam dos leitos e engolem as terras marginaes: pullulam nas fermentações dos mangues e igapós milhões de insectos, desde a borboleta ao pium sanguedento. A sombra de certas arvores é mortifera, e ha grandes corolas que se abrem como bocas esfaimadas. Sómente o homem se encontra deslocado nesse monstruoso divertimento das forças elementares.

O sentimento confuso dessa luta permanente, vindo través do indio totemista, do africano fatalista e do portuguez nostalgico, povoou de fantasmas a alma brasileira. Ficamos attonitos ante o destino. A dor e a volupia embriagaram o nosso espirito. Foi essa, a herança que recebemos do passado, mesmo daquelles que melhor interpretaram a nossa psyché, a exemplo de Gonçalves Dias, Alencar, Castro Alves e Raymundo Correia.

A historia dos nossos valores é em grande parte, o espelho desse combate entre a terra e o homem. Não direi, de certo, que a situação presente seja totalmente diversa da anterior, mas não é possível negar que o homem brasileiro começa a modificar-se, nesse sentido. Fomos, até bem pouco, um povo de agricultores, vivendo na dependencia immediata dos factores mesologicos, sujeito aos caprichos do clima e da gleba. O fazendeiro era o patriarcha da nação. A existencia politica e economica do paiz girava em torno delle. A vida bucclica das desmedidas sesmarias, onde se concentrava toda a riqueza nacional, vinha reflectir-se directamente nas agglomerações urbanas, porque, das fazendas saiam os dirigentes da raça, os "condottieri", de maior prestigio e influencia. E a terra, naturalmente, os acompanhava. Todo o nosso chamado Romantismo foi feito por essa gente rude, mystica e fundamentalmente conservadora do campo. A melancolia da floresta, o amollecete perfume das roças, languor mysterioso dos vastos horizontes, as sombras humidas das moitas, o monotono rumor das aguas, toda essa concepção idyllica e primitiva das coisas, entrou com alta porcentagem para o nosso pensamento.

Mais uma vez, dominaram os sentidos. "Nihil est in intellectu".

Hoje, porém, ha profundas modificações na substancia nacional. O brasileiro de escol não é mais "filho de fazendeiro", habituado aos longos silencias do sertão, testemunha dos soffrimentos de uma raça escrava, em cujo leite mamou as primeiras duvidas. E o brasileiro, em synthese, não é mais, tambem, o exclusivo producto de caldeamentos limitados a tres grupos ethnicos: o indio, o africano e o luso. O italiano, o allemão, o polaco e o russo trouxeram a machina para a nossa economia. O Brasil industrializou-se, principalmente, ao sul, no Rio, em São Paulo, em Minas e no Rio Grande, nos fócios mais importantes de immigração estrangeira. Tornou-se a vida, portanto, mais activa, mas vertiginosa, mais cosmopolita, menos conservadora, em summa. Essa nova raça de sangue mais temperado vencerá o meio cosmico que os nossos maiores conquistaram, mas não puderam dominar, desmentindo, assim, os postulados levianos de uma pretenciosa anthropogeographia, que, nos impunha a fatalidade dos seus dogmas superficiaes.

Demonstra a sciencia moderna, que a civilização é uma conquista do homem sobre a natureza. O factor mesologico é mais complexo do que parecia aos continuadores de Demolins ou de Semple. O homem deforma, adapta e modifica o seu "habitat", preparando as realidades necessarias ao seu desenvolvimento social. Tudo nos ensina, por exemplo, que não devemos desesperar da Amazonia, "embora o deserto, despojando-se do seu manto de verdura, reapareça". As solidões aggressivas do valle de Texas converteram-se em campos de algodão, de milho e trigo, pelo esforço do norte-americano, cortando aquelles interminos areiaes escaldantes de canaes admiravelmente distribuidos, fazendo o reflorestamento de zonas safaras e mortas, irrigando-as largamente por meio de calculado processo de açudagem.

Ora, o contingente de coragem equilibrada, de saudavel optimismo que a gente de hoje vae transmittir á de amanhã, é irrecusavel. Somos differentes dos nossos avós e da sua mentalidade, formada em ambiente distincto do nosso. Elles fizeram a sua cultura na letra fria dos livros, sob a disciplina dos grammaticos e reitores da antiguidade. Realizaram, assim, aquelle ty-

po do "honnête homme" conselheiral e pedante amigo dos títulos, da anedota pittoresca e da citação vaidosa. Foram elles que nos herdaram esse enthusiasmo facil e esse pessimismo radical em relação a tudo quanto se refere ao Brasil. Todas as suas formulas podem resumir-se nestas: "Paiz privilegiado", mas "Paiz perdido", Lyricos por indole e educação nunca procuraram olhar face a face a nossa realidade. O discurso com a mão no peito, o artigo de fundo com as inevitaveis passagens historicas, o soneto com a chave de ouro e a querela das infecções grammaticaes, eis o que, na verdade, era admirado e applaudido.

Sua influencia ainda se manifesta por muitos modos, e a indecisão nefasta dos nossos dirigentes é fruto daquella therapeutica livresca, daquelle fetichismo do papel impresso que se prolongou até nós. Pagamos em nossa adolescencia o imposto da melancolia. Adoramos os idolos terribes que pesaram sobre a imaginação dos nossos queridos antepassados. Fizemos do mundo um amavel jogo de formas decorativas. Dialogamos com as sombras, nas primeiras luzes da nossa juventude. Philosophamos com a dor. Quem, dentre os modernistas, não teve receio de ser barbaro, não subiu com Rénan as escadas daquelle templo de Athenas, cujo nome o mais rudimentar pudor literario impede que seja escripto até o seculo XXX? Quem, de todos nós, não se revoltou aos vinte annos contra o verso famoso:

"Qui nous delivra des Grecs et des Romains?"

Sómente Graça Aranha, desde o "Chanaan" até a "Esthetica da Vida", riu do nosso pavor. Ao contrario dos nossos inspiradores, que dormiam no leito da melancolia, Graça Aranha foi o primeiro que affirmou: Deveis vencer a natureza pela intelligencia. Sua confiança no Brasil foi um raio de sol sobre essa desalentada lenda regionalista da terra cansada, do homem acovardado deante do destino, que deu tantas metaphoras ás civilizações dos nossos politicos. Os homens novos do Brasil sabem que para ser forte é mister libertar o espirito do culto estreito do passado. Não queremos alimentar-nos de cadaveres, como aquelles Bandjas do Oubanghi, que se disputavam sinistramente os mortos nos cemiterios. Não queremos a gloria nem

a immortalidade: queremos a vida, o turbilhão perigoso da vida.

Tão ridiculo se tornara esse passadismo que se pensava já por schemas. Quando se falava em poesia, brilhava logo na memoria uma determinada forma:

Metrificação

Soneto + Ballada + Ode =

Rima

Critica significava: Taine, Brunetière, France, Lemaitre. Sem conhecer o grego nem o latim, via-se Grecia e Roma através de Paul de Saint-Victor, de Pierre Louys e daquella famosa "Oração"... Da linhagem dos escriptores, os preferidos eram os femininos, como Anatole France, cujo estylo macio e sensual, depois que adormece o espirito, fatiga a sensibilidade, como, em seguida á posse, morre o desejo satisfeito rapidamente. De Barrés ou de Gide, raros se approximaram. Aos nossos passadistas repugna a surpresa. Elles querem o logar-commum, elegante e correcto, aquillo que os não obrigue a pensar. Barrés cansa. Seu estylo é anguloso, varonil, voluptuoso, mas sem lascivia, construido com uma logica interior impossivel de ser ultrapassada. O autor do "Deracinés" usa o adjectivo com aspereza e discute com o leitor, antes de convencel-o. Com os mestres inglezes, allemães e russos, as conversas, em geral, são fiadas. Os fiadores são ainda os francezes. Por isso, temos um Shakespeare mal digerido, um Goethe em molho "Gerard de Nerval" e um Dostoievsky incompleto, quando as versões inglezas e germanicas do romancista russo são excellentes.

E são esses, por via de regra, os que se insurgem contra a arte moderna, em nome da cultura, do bom gosto e do bom senso. A belleza é a verdade, dizem elles gravemente. E citam Platão. Mas o grego subtilissimo, nunca lhes ensinou onde estava a verdade... Confundindo as "palavras em liberdade" de Marinetti, com o "lyrismo simultaneo" de Mario de Andrade, o cubismo de Leger com o dynamismo de Boccioni, os passadistas vociferam tristemente contra tudo que lhes vem quebrar o rythmo lento das digestões cerebraes. Pois se elles só agora haviam chegado a Samain, a Claude Monet e a Debussy!

O fundamento das "palavras em liberdade" está na suppressão total do adje-

ctivo e do adverbio. "Je crois nécessaire supprimer l'adjectif et l'adverbe... L'adjectif et l'adverbe ont une triple fonction, explicative, décorative et musicale, par laquelle ils indiquent l'allure grave ou légère lente ou rapide, du substantif qui se meut dans la phrase... Ce procédé purement explicatif, dénué d'imprévu, imposé d'avance à tous les arabesques, zig-zags et cahots de la pensée n'a plus raison d'être. Il est partant à peu près sur que l'on ne se trompe pas en faisant tout le contraire. Il est indéniable qu'en abolissant l'adjectif et l'adverbe on redonnera au substantif sa valeur essentielle, totale et typique." (Supplément au Manifeste technique de la Littérature Futuriste. F. T. Marinetti. Milan. 11 Aout. 1912).

A technica do lyrismo simultaneo ou simultaneismo lyrico, é perfeitamente o contrario dessa. O adjectivo e o adverbio têm uma larga função no "Dix-neuf Poèmes Elastiques", de Blaise Cendrars, no "Alcools", de Guillaume Apollinaire e na "Paulicéa Desvairada". As imagens são, frequentemente, representadas por um adjectivo ou por um adverbio, que, por vezes, perde até a sua categoria grammatical invariavel, para se transformar em um substantivo.

Quando, nos "Epigrammas", empreguei o verso baseado no rythmo puro, abandonando os systemas de metificação e outras "doçuras" do estylo academico, foi, justamente, para dar á poesia toda a largueza de motivos que ella deve comportar. Alguns homens de boa vontade falaram, entretanto, em "desordem apparente". Mas, que é "ordem", em arte? Será clareza? Então, Shakespeare é irmão da Sybilla. Será medida? Então Rabelais e Miguel Angelo são monstros. Será bom gosto? Então, Wagner é um philisteu. Será bom

senso? Então, o Grecco é um degenerado. Remy de Gourmont quasi resolveu o problema, quando disse que "o genio era uma bella desordem". O artista é, por excellencia, um deformador, um individuo que inventa uma super-realidade. O hexametrio latino, o alexandrino francez, o decassylabo iberico, são deformações, recursos artificiaes de eurythmia. A propria palavra é uma deformação da idéa. Ora, por que chicanar com essa "ordem", e não declarar, desde logo, que ella é uma pura limitação á intelligencia livre do artista? Libertar as fórmulas, é libertar o pensamento. "Sur des pensers nouveaux faisons des vers "nouveaux". Vigny corrigiria o seu conceito.

Sejamos livres. portanto, para affirmar o nosso ser, ou "alegres", como queria Spinoza. Essa alegria ante os preconceitos infecundos, é a que nos mostram Mario de Andrade, fazendo poesia pamphletaria na "Paulicéa Desvairada", ou esse agil Paulo Silveira, rindo como Gargantua no enterro dos nossos manipanços passadistas. Essa "alegria" foi a que sempre nos prégou Graça Aranha, principalmente no symbolico Malazarte, Mephistopheles jovial dos nossos Faustos, mais timoratos que o doutor medieval, porque, não acreditando nem no céu nem no inferno, estão condemnados irremediavelmente ao purgatorio incolor das proprias almas. O nosso riso é a alegria do Brasil.

"Tu te zangas, homem da verdade? Vem ver a mentira... A alegria é o bem, a tristeza é o mal. Tu te diminues na agonia. Vem commigo, vamos desta prisão, fuçamos de tudo isto... Eu te mostrarei outros mundos..."

Ronald de Carvalho.

("O Jornal" — Rio).

UMA GRANDE DESCOBERTA

Nada é mais difficil do que falar em publico ácerca de certa molestia, tida por vergonhosa e a cujo nome é quasi impossivel alludir em certos jornaes.

Espero que os leitores do "O Estado de S. Paulo" me hão de permittir que não use de circumloquios para designar a molestia, tão grave para o individuo e para a

absoluta segurança, tendo tido o melhor exito, sem excepção, as innumeradas experiencias feitas com animaes e as que se praticaram no homem.

A sciencia franceza acaba de descobrir um agente therapeutico que permite preservar a humanidade contra esse mal terrivel, e preservá-la, ao que parece, com

absoluta segurança, tendo tido o melhor exito, sem as inumeras experiencias feitas com animaes e as que se praticaram no homem.

Além disso, esse processo de preservação é de extrema commodidade pratica. Não se trata, realmente, de injeções intravenosas, de execução sempre delicada e que exigem a intervenção de um medico experimentado. E' a simples absorpção, pela bocca, de um medicamento apresentado sob a forma de comprimido, bastante inocuo para ser posto á disposição do publico e que, tomado dois ou tres dias seguidos, depois da exposição ao contagio, basta para garantir com segurança a preservação.

Eis ahi, em primeiro logar, a affirmação. Resta dar-se a prova. Mas, antes de tudo, quero dizer até que ponto nos é preciosa semelhante descoberta e qual a gravidade da syphilis, gravidade insufficientemente conhecida do publico em geral.

E' ella uma doença para o individuo que a tem, para os membros da sua familia, que a todo momento se arriscam a contaminar-se, e para a sua descendencia. Consideravel é o numero de abortos espontaneos, de que é ella responsavel; e não menos o é o das crianças que perecem com tenra idade e o das cuja saúde geral é para sempre compromettida pela heredo-syphilis. Todos os orgams de um homem ou de uma mulher, infectados pelo treponema, podem ser por elle gravemente alterados: o rim, o figado, o coração, todo o systema arterial. A syphilis das arterias do cerebro é a causa de um grande numero de paralysias; a meningoencephalite diffusa ou paralysia geral chamada tambem demencia paralytica, não tem outra causa que não a infecção treponemica; a mais frequente das molestias da medulla espinhal, a ataraxia locomotora, tem invariavelmente a mesma origem.

Vê-se de que formidavel importancia é essa grande molestia, geradora de vinte castas diversas de enfraquecimento organico, sem contar o papel que ella representa certamente na genese de um certo numero de produções cancerosas.

Quanto á sua frequencia, não se póde avaliar senão aproximadamente. Entretanto eis alguns dados: Balaschko affirma que na Allemanha, antes da guerra,

8 por cento dos commerciantes, 5 por cento dos operarios, 25 por cento dos empregados e estudantes, 29 por cento das moças de confeitarias estavam contaminadas; Bayet é de opinião que, na Belgica, 15 por cento das pessoas de mais de 25 annos são infectadas de treponemas, do que resultariam 70.000 doentes para Bruxellas e 400.000 para a Belgica. Os algarismos dados pela sra. Doria Sandberg, para a Russia, são tão elevados que parecem inverosimeis. O que importa considerar é que a syphilis é quasi tão frequente quanto a tuberculose, muito mais frequente que a diphteria, o sarampo ou a typhoide; que os individuos della atacados morrem, segundo as estatisticas de Bayet, em maior numero que os de todas as outras castas de molestias; que, segundo Kasso-witz, um terço dos rebentos oriundos de paes syphiliticos succumbe antes de nascer, que outro terço succumbe no correr dos primeiros mezes de idade. E' um balanço verdadeiramente terrivel.

As prostitutas toleradas e, mais ainda, as prostitutas clandestinas, são a causa mais frequente da contaminação.

Esse lamentavel estado de coisas, common a todos os paizes, ou quasi, está, aliás, em vias de melhorar grandemente graças aos innumerados progressos realizados de alguns annos para cá no tratamento dos doentes. A cicatrização rapida das lesões contaminadoras, que se obtem hoje graças ao emprego rapido do arsenobenzol e do bismutho, supprime, está visto, um grande numero de contagios novos; os consultorios especiaes nos nossos hospitais, nossos institutos de prophylaxia, prestam, deste ponto de vista, os melhores serviços.

Quero louvar aqui os medicos dos hospitais, srs. Queyrat, Jeanselme, Hudelo, Luiz Fournier, Ravant, que organisaram, em seus serviços, consultorios nocturnos, aonde, depois do dia de trabalho, podem ir os doentes, sem perda de tempo nem de dinheiro, e o sr. Vernes, que realisou progressos importantes no Instituto Prophylactico do Boulevard Arago.

Numa bella conferencia feita no mez de Abril ultimo no Instituto Pasteur, o sr. Levaditi dedicava algumas linhas ás tentativas feitas, principalmente na Belgica, para instituir uma prophylaxia moral e educativa pela predica da continencia. E

com razão ajuntava: "Considerar o homem como elle é, e não como se quereria que fcsse, eis o primeiro dever que nos toca aos medicos. E' preciso que contemos muito mais com o instincto sexual, o mais encarniçado inimigo da prophylaxia moral, do que com os effeitos, muitas vezes alleatorios, dessa prophylaxia. Preconisemol-a cada vez que se nos apresente ensejo para isso, mas não deixemos de procurar incansavelmente meios que permitam evitar a syphilis, quando já esteja commettido o peccado de que fala S. Paulo.

Aqui, como em toda parte, é preciso recorrer á prophylaxia individual. Como deve haver memoria, Roux e Metchnikoff preconisaram o emprego de uma pomada de calomelanos, a qual incontestavelmente preserva, com a condição de ser utilizada cuidadosamente. A demonstração da sua efficacia foi feita em macacos e tambem num estudante de medicina, que permittiu que lhe fizessem uma escarificação infectante e que foi preservado por uma fricção prolongada, durante 5 minutos, com a pomada alludida.

Resultados analogos se obtiveram com a pomada de Gauducheau, que contém thymol, calomelanos, cyaneto de mercurio, vaselina e lanolina; e com a pomada de Levaditi e Sazerac, de tartro-bismuthato de sodio e de potassio.

E' sabido que o doutor Magin (de Manchester) tendo-se inoculado pela syphilis, fez uma hora após a escarificação infectante, uma injeccão de 60 centigrammas de Salvarsan, com o que se preservou. No serviço de Cochín, o dr. Luiz Fournier e seus collaboradores Lacapère e Guénot obtiveram, pelo mesmo processo a preservação de 35 mulheres, apesar das relações quotidianas que tinham todas, com maridos doentes. Mas se a efficacia deste methodo não offerece nenhuma duvida, não é elle excellente, do ponto de vista pratico, visto que muitas pessoas expostas pelas suas relações conjugaes ao perigo da contaminação, se recusam a deixar que se lhes pratiquem injeccões intravenosas, quando ainda não apresentam nenhum symptoma.

Chego enfim á descoberta importantissima, annunciada no começo deste artigo.

Ella é devida ao sr. Fourneau, membro da Academia de Medicina, professor do Instituto Pasteur e um dos chimicos mais eminentes da actualidade. Já se havia elle illustrado com a descoberta da "Stovaina". Sua gloria nascente crescerá bem mais ainda com a descoberta do "Storvarsol". (E' sabido que o termo "stove" é, na lingua ingleza, a traducção do termo "fourneau").

Ha alguns annos o sr. E. Fourneau teve a idéa de reencetar, com precisão rigorosa, as grandes pesquisas inauguradas por Ehrlich no Instituto de Francfort, acerca da chimiotherapia e, principalmente, acerca dos medicamentos arsenicaes. Ehrlich e seus collaboradores julgavam que os arsenicos eram dotados de uma especificidade maior contra os parasitas trypanosomas e spirochetas, que os acidos arsenicaes aromaticos, e as pesquisas de Hata, acerca das spirilloses o haviam firmado nessa concepção; emfim, segundo Ehrlich, os acidos arsenicaes ainda tinham, além disso o inconveniente de determinar perturbações oculares no homem e de produzir nos camondongos a agitação giratoria (camondongos dansarinos).

O professor Fourneau começou por mostrar que certas preparações dos laboratorios de Francfort deviam a toxidez e a variabilidade dos effeitos therapeuticos á sua impureza chimica. Tendo estudado com minucioso cuidado um grande numero de acidos arsenicaes (cerca de 300), com seu grau de toxidez e seu poder therapeutico experimental, o sr. Fourneau, auxiliado pelo sr. Navarro Martin, pelo sr. e sra. Tréfouel, decidiu-se pelo acido acetyl-oxyaminophenylarsenico, a que chamou "190" ou "Storvarsol", preparação estável, facilmente manejavel, rica de arsenico e pouco toxica. Este medicamento cura a syphilis, mas não melhor, certamente, do que o arsenobenzo; mas tem uma propriedade particularmente preciosa.

Tomado pela bocca, algumas horas ou mesmo alguns dias depois de um contacto sexual duvidoso, supprime invariavelmente" o contagio nos animaes e no homem. As experiencias feitas nos coelhos, repetidas muitissimas vezes, são absolutamente concludentes: quer seja o treporema communicado por inocuação experimen-

tal, quer por via de contactos sexuaes, não ha nunca contagio quando o medicamento se mistura com os alimentos das femeas empregadas nas experiencias.

No serviço do dr. Luiz Fournier no hospital Cochín, fizeram-se pesquisas, simultaneamente, da maneira mais cuidadosa, e num grande numero de pessoas. Tenho sob os olhos os resultados de duas dezenas de observações feitas com invariavel regularidade. Sempre se verificou a presença do spirocheta no marido, sempre se verificou que a mulher estava indemne e que não tivera syphilis anteriormente. Estava ella sem duvida na imminencia do contagio, e bastou que se lhe dessem, pela bocca, duas grammas de "190", algumas horas depois do contacto, ou 4 a 7 grammas ao cabo de 5 a 6 dias, para que a contaminação se tornasse impossivel.

Ainda ha mais: alguns estudantes se fizeram contaminar pela molestia mediante

escarificações, e algumas doses de Stovarsol os preservaram invariavelmente do contagio, ao passo que nos macacos, submettidos ao mesmo tempo a inoculações semelhantes, o mal teve seu curso caracteristico.

Folgo em honrar os nomes de Fournier, de Fournier e de Levaditi, que tiveram a excellente idéa do tratamento pela via buccal.

Está feita a prova, não é mais possivel a duvida. Quem quizer doravante preservar-se da syphilis, conseguil-o-á de um modo facilimo. A geração que desponta verá desaparecer da face do mundo um dos males que mais desolam a humanidade.

Pariz, Janeiro.

Dr. Maurice de Fleury
da Academia de Medicina

"Estado de S. Paulo".

SUA ALTEZA A CIGARRA

La cigale ayant chanté tout l'été..." diz-nos o velho e bom La Fontaine naquella sua fabula mansa e terrivel, que interessa a um só tempo as cigarras ingenuas, e os homens imprevidentes. E' a lição desse Papa Noël dos bichos e das crianças, que me occorre agora, depois da leitura amarga dos ultimos infortunios de um poeta, num dos bairros de Paris.

As noticias que chegam da Europa descrevem a penosa situação em que se encontra Mr. Paul Fort, principe dos poetas de França, escolhido por unanimidade para deter o sceptro de uma realza ephemera e bella.

Não sei por que a fidalguia se tem tornado, nestes ultimos tempos, uma fórmula de supplicio. Não vale o brasão que ennobrecce os homens o padecimento que os homens soffrem. Andam por ahi, á feição de vagabundos lyricos, rebentos das mais fulgurantes dynastias, transformados em caixeiros viajantes. E qualquer aventureira ou louca, exhausta de soffrer silenciosamente as intemperies, julga-se no direito de empunhar um sceptro falso e vir para a rua, para a grande avenida da publicidade, escancarar as janellas de sua

desventura, sob o disfarce de princeza russa.

Com a corôa de louros de um principado, muito bello sem duvida, mas sem duvida alguma pouco productivo, o poeta das "Ballades françaises" não escapou ao triste destino dos monarchas sem reino. Esse homem totalmente romantico, que eu conheci entre expressões de um grande acolhimento á porta de uma livraria, perto dos seus dominios, dominios que lhe ja não dão, todavia, o tributo generoso que os principes de sangue azul costumam usufruir, está pagando em difficuldades a culpa de não ter comprehendido sufficientemente a sua gloria.

Effectivamente, Mr. Paul Fort desconhece o segredo das victorias modernas. Collocando á frente ampla a grinalda com que o festejaram seus irmãos em Apollo, o rhapsodo francez contentou-se divinamente com o titulo que lhe era concedido e com o sceptro que pertencera a Leon Dierx e Verlaine.

Nada mais quiz, nada mais pediu. Envolto nessa clamyde principesca, sorrindo ás musas com um sorriso de amena felicidade, continuou a cantar com a velha

alegria dos seus antepassados bohemios, certo de que o pão do corpo é tão facil como o pão do espirito e que aquelle que nos dá um nos dá igualmente outro, sem que para alcançal-o tenhamos de despende esforço demasiado e vão.

Enganara-se o poeta. E a prova de seu engano temol-a agora na confidencia com que as informações de além mar distrahem a curiosidade de todos os que se interessam pelo assumpto europeu.

Nunca imaginaram esse romantico, ao receber no templo de Montmartre, refugio das musas bohemias, o sceptro da immortalidade, que annos depois dessa consagração, de que tambem participaram Xavier Privás e Georges Porto Riche, soffreria dentro de sua grandeza nobiliarchica o vexame das privações, o veneno das renuncias, vendo-se quasi mendigo na cidade luxuosa dos grandes prazeres universaes. Coroado em 1912, elle nem sequer tratou de obter o aconchego academico, natural compensação que officialisa os meritos, e que, hoje, mais do que isso, transformado em gorgona generosa, é, por assim dizer, um montepio da intelligencia, uma caixa economica do talento. Escapando da Academia, attrahido pelo dispersivo lyrismo que o elevou á "Collina Sagrada". Paul Fort crystallizou no seu isolamento como uma figura á parte. Os da sua geração fizeram a invasão productiva da sociedade, e foram politicos, diplomatas, elegantes e mundanos. Elle preferiu conservar aquelle typo romantico que todos conhecemos, trajando roupas negras, com um grande chapéu de feltro desabado á testa, como se quizesse esconder os olhos cheios de melancolia á curiosidade profana.

Essa dôr que o afflige, e que o focalisa de uma fôrma nostalgica, faz com que eu medite, com que todos meditemos na obra que elle compoz, uma obra de lyrismo piedoso, aparentemente revolucionario, mas que guarda, no íntimo, a doçura dos santos. E', effectivamente, o autor dos "Idyl

lios antigos" um desses personagens para quem o mundo estava apenas no minuto que lhe inspirava uma ballada. Dentro desse minuto é que elle sentia a vida, sem deter-se á analyse do que ella é, realmente, e do que é preciso fazer para comprehendel-a. Quasi esquecido no infortunio que o persegue, o suave poeta de Reims merece agora que o retiremos, ao menos, desse obscurantismo em que a sua pobreza afogou o seu principado. Na onda dos reformadores, elle emerge elegantemente, e, na vertigem das reformas que têm agitado o jardim das musas universaes, assume um papel de consoladora evidencia. Um dos nossos jovens escriptores, o Sr. Peregrino Junior, que preparou dignamente um logar para o poeta em um de seus livros, disse com felicidade que, vasando as suas emoções e os seus pensamentos em versos polymorphos ou em alexandrinos largos, o poeta das "Balladas" estabeleceu os fundamentos de uma nova esthetica na poesia contemporanea. O seu maior desejo teria sido sempre a maior liberdade, a liberdade absoluta em arte, porque para elle "no jardim da poesia nenhum fruto é prohibido".

Esse é o variado e suggestivo interprete que soffre, nesta hora, os cardos de uma inexperiencia digna de sympathia. Cigarra desprevenida! Como poeta, elle poderia repetir, deante da vida, o verso de Musset: — "Muse, contemple ta victime!" Pobre, sem mais amigos que lhe ensinem a agitar com a elegancia dos dias felizes o sceptro de principe, que em suas mãos é um instrumento de impiedosa ironia, Paul Fort tem ainda, neste instante passageiro de sua gloria atormentada, o carinho da musa que o acompanha e a cuja solicitude se poderia applicar a ponta doirada do Decalogo de Gabriella Mistral: "Tua belleza se chamará tambem misericordia e consolará o coração dos homens..."

Oswaldo Orico.

Do *Jornal do Brasil*.

A MODERNA LITERATURA BRASILEIRA

"*Brutos e Titans*" — Romance por Altamirando Requião.

O illustre escriptor brasileiro Altamirando Requião é uma entidade literaria

das mais ricamente dotadas, entre as modernas gerações do seu grande e prospero paiz.

Simultaneamente jornalista de combate, polemista, cronista, poeta, dramatur-

go, orador, publicou, agora, o seu primeiro romance, *Brutos e Titans*, em que reconstituiu com grande esplendor de tintas e subtil observação, uma vasta e movimentada série de quadros da vida sertaneja do Brazil: — e, de todas estas multiplas modalidades do seu nobre talento ressaltam, luminosamente, facetas brilhantes, pela variedade do saber, pela acuidade da visão critica ou filosofica, pela sensibilidade estetica, pela originalidade, pela nitidez e beleza da fórma.

A dispersão da vida mental de Altamirando Requião força-o a trabalhar vertiginosamente, na febre da improvisação, concedendo-lhe pouco tempo para a meditação lenta da bela obra que vai realizando e em que a sua personalidade se revela a toda a luz. Ainda assim, que paginas cheias de inspiração, espontaneas, rutilantes, offerece dia a dia, ás letras da sua nacionalidade, que já possui uma das mais belas poesias do mundo, depois da inglesa, e que conta individualidades, eminentes no romance, nas scenas historicas e especulativas, na critica, na filologia, no theatro!

Como novelista, Altamirando Requião não é um lirico, mas um dramatico, de forte intensidade, por vezes.

Tambem neste artista, tam pessoal que não trai as mais vagas reminiscencias dos volvidos tempos de iniciação, o colorista, o plastico, o pintor de admiraveis scenographias exteriores é mais notavel, de certo, do que o analista paciente das intimidades moraes e dos singulares estados psicquicos ou o dissecador das paixões humanas. Dispondo de um sentimento muito vivo das realidades envolventes, consegue reproduzi-las com todos os tons e valores e nos seus minimos detalhes. Todavia, se os scenarios em que os seus tipos actuam e se movem são dum esplendor raro, fazendo empalidecer a acção, de quando em quando — sobretudo em certas passagens em que a paisagem adquire o seu desenvolvimento pleno — Altamirando Requião põe de pé as suas figuras, dando-lhes sangue e nervos, transmitindo-lhes, com uma consciencia, uma vida.

Em *Brutos e Titans*, livro que é uma victoriosa afirmação, apparecem duas personagens, totalmente opostas por sua indole, sua feição essencial, seu character — Pedro Romão, caboclo herculeo e bru-

tal, sanguineo, rude, aggressivo, vivendo pela carne e não pelo espirito, que administra, como senhor absoluto e despotico, a "fazenda" em que a intriga do romance se desenrola, e Manoel, um rapaz atraente, chefe das vaquejadas. O que no primeiro é grosseria, violencia, animalidade, é no segundo intelligencia, delicadeza, abnegação. A' sensualidade de Pedro Romão, que Altamirando Requião desenhou com traços vigorosos e incisivos, contrapõe-se o temperamento equilibrado e de saúde normal de Manoel. O cabloco, em face da mulher, não sente erguer-se na alma uma aurora espiritual: — deseja-a, bestialmente, por tudo quanto nele ha de terrestre, de material, de impuro. Manoel, porém, amará essa mesma mulher candidamente, com uma ternura feita de reconhecimento, de gratidão, de alegria, de renuncias dignificadoras...

Através de todo o volume, num permanente contraste de sombra e de luz, passam constantemente estas duas personagens que se hostilizam e odeiam com rancor que não perdôa até ao instante em que uma delas — Pedro — cai, numa lucta formidavel, que impressiona fundamentalmente, pela sua dramatização e pela intensidade do descritivo.

E' no conflicto fulgurante entre estes dois homens que o romancista dos *Brutos e Titans* encontrou o thema de seu bello livro. Tanto um como outro querem Maria Rosa, rustica flôr, de graça angelica, filha unica do fazendeiro: — Romão, por interesse, por calculo, porque, possuindo-a, possuirá, tambem, vastas propriedades, florestas, manadas de gado, ouro; Manoel, castamente, sem que no seu amor — que se occulta, que se esconde timidamente, por pudor de revelar-se — entre qualquer coisa de perverso, de utilidade, de desleal. O moço de "fazenda", humilde e sensível, contempla de longe Maria Rosa, sentindo-se feliz só com isso, porque, para elle, até o soffrimento que lhe viesse da mulher venerada tinha um encanto irresistivel!

Altamirando Requião, traçando a tessitura da sua novela, não se demorou no estudo minucioso das scenas secundarias: — foi direito ao fim apressadamente, atirando pinceladas magnificas de côr para a direita e para a esquerda, num crescendo empolgante do drama que se advinha e

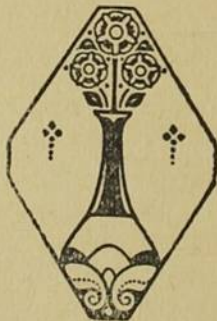
que constantemente nos mostra os dois adversarios frente a frente, de olhos fuzilantes, uivando de colera, ameaçando-se. O brilhantissimo escritor apenas amenizou a sombria successão dos episodios tragicos do seu romance com uma suave, uma doce aguarela de idilio, em que os coloridos resplandecem de luz, ao narrar a paixão amorosa de Luiz, um magistrado que Maria Rosa encontra no seu caminho, quando a crise em que se debatia já ia tornar-se mais aflitiva. Esta encantadora e rapida tela, tocada duma tam fina e humana emoção, é uma florida clareira de repouso na diversidade dos quadros violentos em que perpassam, com esplendor, e impetuosidade, as energias criadoras, as seivas ascendentes duma natureza virgem e de flanco inexaurivel, a selvageria de almas rudimentares e tenebrosas de bandidos e a grandeza de espiritos excelsos que a fatalidade do meio

não deixou expandir livremente até á floração maravilhosa, porque os comprimiu sem treguas!

Brutos e Titans, em que se denuncia uma vivaz e fertil organização de romancista, é uma novela brasileira que não tem as menores influencias estranhas a desvalorisa-la. A sua acção decorre sempre em terras do Brasil: e são ainda brasileiras as personagens que interveem no conflito. O livro, que se destaca soberbamente, por uma realização em que se refletem altos dons artisticos, pela sua forma sempre harmonica, sobria, transparência literaria de saliente relevo e é dum regionalismo que o enriquece excepcionalmente, imprimindo-lhe uma nota bem intensa e carateristica.

João Grave

(Transcripto do *Jornal de Noticias*, do Porto, de 12 de Janeiro cadente).





DEBATES E PESQUIZAS

UMA GRANDE RIQUEZA A EXPLORAR

Recem-chegado do Maranhão, aonde o levára a curiosidade de medir *in-loco* as possibilidades industriaes, commerciaes e agricolas do *côco-babassú*, o engenheiro José Witzler bem que nos poderia fornecer uma interessante reportagem a esse respeito. Amavel em extremo, s. s. realmente nos disse, em torno do assumpto, coisas que merecem, de facto, a mais ampla divulgação, por parte de nossa imprensa, e a maxima e patriotica attenção, por parte do governo do paiz.

— A exploração do *babassú* — começou o sr. Witzler — data de 1915, tendo atingido em 1920, conforme consta das estatisticas officiaes, a cifra de 3.500:000\$, que em 1922 augmentou sensivelmente. A procura desse côco é superior á quantidade que os productores podem offerecer. Primeiramente, a amendoa *babassú* era empregada tão só no fabrico do sabão. Mas depois, ficando provado prestar-se o seu oleo ao fabrico da manteiga e do azeite (elle substitue perfeitamente a manteiga natural e o azeite de oliveira), os industriaes de Europa tomaram-se de grande interesse pelo seu cultivo.

Até hoje não foi possivel uma grande exploração desse côco simplesmente porque os habitantes do Maranhão, Estado onde elle nasce de preferencia, não conheciam o methodo pratico de quebral-o, ainda usando

o antigo systema, moroso e sem resultado, que é de, para fazel-o, utilizar-se do machado. O maximo que um trabalhador pôde produzir, dessa maneira, são cinco kilos de amendoas, por dia. E é por isso que as cifras da exportação do *babassú* não estão, absolutamente, em relação com as possibilidades, esplendidas que elle nos offerece.

Basta que lhe diga o seguinte: uma palmeira produz duas vezes por anno, e, de cada vez, tres a quatro cachos, com 250 a 300 côcos cada um. Um cacho pesa, mais ou menos, 150 a 200 kilos, que dá, para cada arvore, uma média de 1.000 kilos por anno. Representando a amendoa a oitava parte do peso total do côco, conclue-se que uma palmeira produz, annualmente, 100 kilos de amendoas, mais ou menos. Nas mattas virgens que se estendem ás margens dos rios, para os lados da cidade de São Luiz, pôde-se dizer que, em uma legua quadrada, se erguem 72.000 palmeiras, produzindo annualmente 7.200.000 kilos de amendoas. As mattas de *babassú* que eu adquiri medem 20 leguas, podendo, portanto, fornecer 144.000.000 de kilos de amendoas por anno. Tenho ou não tenho, pois, motivos bastantes de estar plenamente satisfeito com a empresa a que resolvi dedicar todos os meus esforços e energias, e a qual, espero, resultará victoriosa, para o pro-

prio bem do paiz, cujos lucros, é claro, serão maiores do que eu possa desejar? Trata-se, meu amigo, de desenvolver uma industria que, no futuro, será o mais poderoso factor da riqueza nacional. O *babassu'* daqui a annos, não se illuda, será para nós o que é hoje o café. A quantidade de oleo nelle existente é muito grande, ultrapassando mesmo a do côco chamado da Bahia. Prova-o a analyse. Quer ter a certeza? Pois, então, escute. Ella é a seguinte:

Analyse da amendoa — Humidade, 4.21; oleo, 66.12; albuminoides, 7.18; carbonidra-
tos digestiveis, 14.47; fibra lenhosa, 5.99; materia mineral, 2.03.

Analyse do oleo — Ponto de ebulição, fusão incipiente, 72 % F.; fusão Completa, 79 % F.; ponto de solidificação, 72.8 F.; valor de saponificação, 247.7; valor Ester, 242.9; valor iodino, 16.83; acido gorduroso livre, 1.98 %; index refractivo (escala Zeiss a 40 c.) 36.9; valor Kierschner, 1.3.

Como, com os machinismos empregados na fabricação do oleo de *babassu'*, mais ou menos 2 % do oleo ficam no residuo da amendoa, pode-se contar com 60 % de oleo, na exploração total, o que, numa quantidade de 144.000.000 de kilos de amendoas, dará 86.400.000 kilos de oleo. O preço para a amendoa, nas estações actuaes do mercado, é de 60 réis por kilo o que, segundo os mencionados algarismos, nos dará 86.400:000\$. O oleo, calculado em 1\$500 por kilo, dará réis... 129.600:000\$. Como se verifica desses algarismos, a exploração de tal industria representa uma nova fonte de riqueza, tendo-se ainda em conta que as despesas com ella são diminutas, pois o *babassu'* não requer nem plantação, nem conservação, não tendo mesmo épocas determinadas para a colheita.

Experiencias interessantes feitas com a casca do *babassu'* demonstraram que, transformando-a em coke, o mesmo desenvolve tal quantidade de calcr que se torna apto a ser empregado na fabricação do aço. Como no Estado do Maranhão ha tambem grandes jazidas de manganez, o coke obtido do *babassu'* teria applicação immediata. O preço da venda dos residuos e cascas do

babassu', como combustivel, seria equivalente ao da lenha, isto é, de 7\$000 por tonelada. Este preço cobre mais ou menos as despesas da apanha e entrega do côco e é esta mais uma das vantagens do processo de entregar o côco para quebral-o nas fabricas.

Para entregar o côco, seriam estabelecidas estações e nomeados agentes em diversos logares, á margem dos rios navegaveis, onde já existem proprietarios de grande numero de embarcações. Isto consta de declaração da Capitania do Porto, que diz chegarem diariamente a S. Luiz, vindas dos arredores, mais de 70 embarcações. Com um maior desenvolvimento da industria, poder-se-ia contar com 300 embarcações por dia. Para principiar a exploração, seria bastante entrar em um accordo com os proprietarios das embarcações, para o serviço de entrega de côco. As embarcações comportam geralmente 30 a 40 toneladas. Tendo-se 50 barcas por dia, com uma media de 30 toneladas cada uma os proprietarios das mesmas poderiam entregar diariamente 1.500 toneladas de côco. A amendoa representando 8 % do peso total de côco, segue-se que se poderia ter uma entrega diaria de 360 toneladas de amendoa de *babassu'*, que, ao preço de 600 réis por kilo, dariam 216:000\$000, além de lucro que se teria com a venda do residuo como combustivel, — 1.140 toneladas a 7\$000, 8:000\$000.

Alem da applicação vantajosa das cascas e do residuo da amendoa, como combustivel, ainda se obtem um outro producto, que é igualmente de grande applicação industrial. E' a farinha que se obtem na quebra da amendoa. Esta farinha é um optimo producto de alimentação, que, depois de convenientemente trabalhado, constitue, por sua grande quantidade de albuminoides, um alimento mais nutritivo do que a maizena feita do milho.

Para levar avante os meus projectos, nesse sentido, aqui me acho, afim de organizar uma companhia.

Creio que serei bem succedido, porquanto se trata de uma obra que, se é lucrativa, tambem é patriotica — terminou o sr. Witzler.

("Correio da Manhã" — Rio).

O FUTURO DA BORRACHA NO BRASIL

Em uma conferencia que tivemos occasião de fazer em Washington, a convite da Pan Americana Union, perante a Universidade de Georgetown, na qual, de passagem, alludimos ao futuro da borracha no valle do Amazonas, tivemos occasião de citar o Sr. Harvey A. Firestone, presidente da Firestone Rubber, Tire Company, muito interessado no cultivo, em grande escala, da borracha, com capitaes americanos.

Assim, pois, as considerações abaixo merecem ser lidas pelos habitantes, não só dos Estados do Pará e do Amazonas, como de outros, onde a nossa *hevea* poderá ser cultivada com igual exito. Assim se exprime o Sr. Sidney Story, um dos americanos mais esforçados em favor da expansão das relações commerciaes entre o Brasil e os Estados Unidos:

"Na edição de novembro do "Export Shipper and Commerce", publicada pela American Association of Chicago, apparece um artigo escripto pelo Sr. Victor Pezet, do Perú, aliás de grande importancia, não só ás industrias de borracha nos Estados Unidos, como a todo o americano individualmente interessado no assumpto.

Este grande americano chama a attenção do povo dos Estados Unidos para as grandes possibilidades que o Brasil, o Peru' e outros paizes latinos, offerecem para o desenvolvimento e cultivo da borracha de que temos a maior necessidade, sempre em augmento.

As fabricas de Tio Sam exigem, presentemente, 500.000 toneladas de borracha crua, sendo de esperar que, daqui a 10 ou 15 annos, a procura seja de um bilhão de toneladas.

Harvey A. Firestone, presidente da Firestone Rubber, Tire Company, de Akron, Ohio, escreveu um pamphleto dizendo que o Estados Unidos está pagando aos productores britannicos da India, na opinião do senador Meddill Mc Cormick, um imposto que, no decurso de uma decada, chegará a cinco bilhões de dollars. Que por investigações feitas verifica-se, na opinião do Sr. Firestone, que o Estados Unidos está presentemente consumindo 75 % da producção mundial.

Não contente com o monopolio de vender-nos annualmente 400.000 toneladas de borracha crua, desde a guerra, o governo britannico addicionou uma taxa de exportação que o consumidor americano de borracha terá de pagar, crua ou manufacturada.

Grandes negociantes são estes inglezes, cuja sagacidade no commercio é só exceedida pelos seus espertos politicos. Se a Inglaterra não póde plantar a bandeira no nosso solo, nem por isso deixa de afincar a sua espóra economica no nosso pescoço. Assim, pois, não admira que os inglezes no Oriente estejam a perceber dividendos na collocação de seus capitaes de 250 a 375 %. E' triste realmente que os Estados Unidos estejam a pagar lucros colossaes do lombo do seu proprio povo.

O Sr. Victor Pezet, antigo consul do Perú neste paiz, mostra do modo mais claro, mais convincente, de que modo Tio Sam poderia emancipar-se dessa escravidão humilhante, desenvolvendo o cultivo da borracha em paizes como o Brasil, Perú e outros paizes limitrophes.

Desenvolvendo o cultivo da borracha nesses paizes, não só tiraremos bons dividendos que se irão augmentando, como iriamos contribuir para que os paizes latinos nos comprassem mais dos nossos productos manufacturados, commercio este que de direito nos pertence, pelas proximidades em que nos achamos, não fallando do grão de estima e amizade que nos unem a esses paizes. Isso seria, não ha duvida, um passo mais acertado que o de comprar á Inglaterra, nosso competidor commercial.

Imagine-se o infinito numero de artigos manufacturados no qual entra a borracha. Todas as vezes que estamos usando um lapis de borracha, uma roda para automoveis, saccos com o mesmo producto, e uma infinidade de artigos, estamos, indirectamente, pagando um tributo á Inglaterra, que monopolizou a borracha.

No sempre memoravel 4 de julho fazemos gritar a nossa guia, entregando-nos em orações pyrotechnicas, enquanto que o inglez, á surdina, se diverte á nossa custa, aproveitando-se da nossa sinceri-

dade, e — por que não dizer? — da nossa ingenuidade.

E' chegado o momento dos nossos *leaders* na politica, eleitores, industriaes, negociantes, banqueiros, arregaçarem as mangas, aprendendo as verdadeiras lições do estadista e do homem de negocios. Convencerem-se de que o governo e o commercio devem formar um só corpo, ambos puxando na mesma canga. Por esta razão ás nações da Europa fazem trabalho constructivo, suas respectivas bandeiras cobrindo os sete mares do mundo. Seus concidadãos são respeitados em toda a parte, porque a sua politica exterior é uma só — fixa e invariavel.

Se todo o tributo que a cegueira americana está pagando á Inglaterra fosse computado, formaria este um montão de cifras. Por emquanto não sentimos os effeitos dessas sangrias annuaes, porque a nação é nova e de grandes recursos, mas, em poucas decadas, os effeitos e desvantagens desse monopolio no nosso commercio, finanças e transporte maritimo, se farão sentir extremamente. Nesa occasião a nossa reabilitação commercial será muito mais difficil. Em lugar de estarmos a legislar a regularização do nascimento de crianças e outras leis asnaticas, sendo uma dellas a *prohibição*, já não era sem tempo, lançarmos nossas vistas para outros povos que julgamos estarem levando uma vida ingloria, vagarosa, quando é sabido que elles, systematicamente, estão, todos os dias arrancando a nossa cauda economica."

Para quem ler com attenção o arrazoado do Sr. Sidney Story aliás um convencido amigo do Brasil, verá logo que a lição pôde muito nos aproveitar. Pois não persiste o grande Estado de São Paulo em cobrar réis 7\$500, mais ou menos, por cada sacca de seu principal producto — o café — que, por isso mesmo, deveria ser o menos sobrecarregado, o menos castigado? Mas como tudo é relativo (sejam mais benignos para com a terra de nosso nascimento), o que havemos de dizer desse grande Estado da nossa Fede-

ração — a Bahia — que deveria dar lições a todo o Brasil, cuja administração cobra, actualmente, vinte e cinco por cento sobre o valor official de seu principal producto — o cacão — por este facto exportando menos do que uma ilhota na bocca do rio Orenoco — a Trindade?

Já um governador da Bahia dizia, com a maior *sans façon*, na sua mensagem ao Congresso, que esse corpo deliberante deveria ter muito em consideração o "Erario", não diminuindo os impostos de exportação, quando esse mesmo governador deveria já saber, que quanto menor fosse o desafogo do contribuinte, tanto mais solido, tanto mais resistente se tornaria a posição do mesmo erario, do qual, é de se concluir, parecia ser a sua unica preocupação...

Os factos ahi estão claramente desenhados. Se o Brasil não chegar ao apogeu da sua grandeza, a que tem justo direito neste continente, não será por culpa da Inglaterra, que, habilmente, lhe arrancou o monopolio da borracha, nem dos Estados Unidos, prompto a entrar de sociedade connosco na partilha para o desenvolvimento do producto mais procurado hoje e amanhã, no mundo inteiro.

Ao terminar estas considerações, vamos revelar ao leitor um incidente a que assistimos em Tatuhy, São Paulo, entre um advogado e um cliente. Aquelle deu todos os passos para o encaminhamento de sua causa, a que este ouviu com a maior attenção, promettendo cumprir á risca o conselho do advogado. Mais tarde, appareceu o caipira queixando-se que as coisas não haviam corrido a seu sabor, Retorquiu-lhe promptamente o advogado, procurando saber se o seu conselho havia sido observado. "Nhór não", foi a resposta. "Pois agora, respondeu-lhe calmamente o advogado, ha só um meio, é você enforcar-se. E não me appareça mais neste escriptorio."

Nova York, 18 de janeiro de 1914.

José Custodio Alves de Lima.

D'"O Paiz".

A PROPAGANDA DOS "TOURISTES"

Observa-se, nesses ultimos tempos, em varios grandes paizes da Europa, particularmente na Italia e, tambem, na Fran-

ça, uma propaganda intensa do "tourisme", como elemento efficientissimo na aproximação dos paizes pelo conhecimento mais

amplo e mais intimo das suas possibilidades e da indole do seu povo. Do contacto, rapido embora, dos estrangeiros que buscavam, por méro prazer ou movidos por curiosidade forte e insaciavel, conhecer todos os recantos encantadores da terra, tirar-se-iam, de facto, resultados praticos consideraveis, se houvesse da parte dos governos uma acção combinada, para facilitar o transito aos "touristes". São elles que levam a toda a parte, com o seu depoimento sincero, espontaneo, gratuito, e, por isso mesmo salvo um ou outro erro de visão perfeitamente comprehensivel, justo, a narração colorida do que viram nos paizes por que passaram, e não apenas isto, mas o que observaram, as energias que, num relance, descobriram na physionomia de seu povo, as riquezas que transpareciam na exuberancia do seu sólo, o futuro que o aguarda por tudo isto e pela capacidade de trabalho dos seus filhos, facili de avaliar pela maior ou menor agitação dos grandes centros commerciaes. Ora, nenhuma parte do mundo offerece, nesta hora de inquietações profundas para a Europa, tantos e tão variados attractivos e seducções aos olhos fatigados do estrangeiro em procura de scenarios tranquilllos e de sensações de belleza desconhecidas, do que a America. Deste lado do continente, onde se ergue, esplendente, uma civilização que encontra na riqueza inexplorada do sólo solidos sustentaculos, e caminha, impulsionada pela mentalidade sadia e moça de homens formados no trabalho, para bellos ideaes, apresenta-se-lhes, no deslumbramento de uma natureza de quadros imprevisitos, um espectáculo unico.

Se pretendermos chegar ao falso syllogismo de José Bonifacio, permitta-se, entretanto, á nossa vaidade destacarmos, por exigencia, tambem, da finalidade deste artigo, do continente americano, o Brasil. Para dizer das suas attracções, deixamos a palavra aos excursionistas inglezes, uma

centena delles, que aqui chegaram, ha pouco, vindos de Liverpool, no vapor "Oropesa", da Mala Real Ingleza. Interrogados pelos directores dessa grande empresa, foram unanimes em manifestarem o seu entusiasmo pelo nosso paiz, proclamando o Rio de Janeiro um dos recantos mais maravilhosos da terra. Dir-se-á, talvez, devido á prevenção injusta com que costumamos ouvir esses conceitos lisonjeiros, que a delicadeza dos visitantes exige sempre as mesmas phrases... Não cabe aqui, entretanto, a desconfiança ironica. Os nossos hospedes de agora proferiram tal julgamento particularmente, a compatricios seus, accrescentando que partiam com o dever de repetir em sua patria e fóra della a impressão magnifica que tiveram da nossa terra e da nossa gente.

Sahiram, pois ha dias, desta capital, cem propagandistas anonymos e efficacissimos do Brasil. Apesar disso, até hoje, não démos um passo, sequer, para acolher obsequiosamente os "touristes" que aqui aportam. Ao contrario, os governos tratam-os como viajantes isolados, e, mesmo, como immigrants... E' doloroso. A Saude do Porto, a Policia Maritima, a Alfandega crêam-lhes embaraços torturantes, difficuldades innominaveis, exigencias acabrunhadoras, chegando ao ponto de impedil-os de desembarcar com pequenas machinas photographicas e binoculos a tiracollo... Uma examina, com sua debil sciencia, pulso por pulso, emquanto as outras vasculham as bolsas e as malas.

Apesar disso, os "touristes" inglezes, que dispunham de pouco tempo para visitar-nos, sahiram daqui dizendo bem do Brasil e do seu povo, mesmo da sua burocracia... Não ha, em verdade, como a serenidade, a fleugma indefectivel dos inglezes, para julgar os homens e as coisas.

("Rio Jornal" — Rio).



CURIOSIDADES

O NEGOCIO DO COLLAR

Sob os titulos acima, Funck-Brentano, o eminente historiador publicou no "Excelsior", de domingo, 3 de junho de 1923, a seguinte narrativa da famosa "sacroquerie" da condessa de la Motte, sob o reinado de Luiz XVI:

"Por uma clara manhã de abril do anno de 1763, sob uma atmospherã fresca, banhada de uma luz argentea, a marquezã de Boulainvilliers subia, na sua carruagem, a encosa de Passy, quando do vehiculo se approximou uma mendigasinha, que carregava às costas, presa por uma mantilha esfarrapada, um menino dos seus dois ou tres annos. Ella estava, lamentavelmente vestida e repetia, estendendo a mão aos que passavam:

— Uma esmolinha por amor de Deus para duas pobres orphãsinhas do sangue dos Valois!

Essa mendigasinha que se chamava, realmente, Joanna de Valois, descendia com effeito, em linha recta masculina, de Henrique II, rei de França, do ramo dos Valois, ascendente do ramo Bourbon que, na pessoa de Luiz XV, reinava, então, em França.

A marquezã de Boulainvilliers fez educar a Joanna de Valois, com a sua jovem irmã, na abbadia de Longchamps, onde só se recebiam moças de nobres familias.

Varios annos se passaram até que, numa certa noite, as duas creaturinhas pularam o muro do claustro e fugiram para o seu paiz. Bar-sur-Aube, onde as recolheu mme. de Sumont, mulher do preboste de la Chatellur. Em Bar-sur-Aube, Joanna de Valois fez relações com um jovem gentilhomem, official de gendarmes, o conde Nicoláo de la Motte, com quem se casou. Descontentes com a vida mediocre que levavam em Luneville, séde da guarnição, elles resolveram ir tentar a fortuna em Paris.

Mme. de la Motte era uma creatura fina e delicada, de uma graça encantadora. Cabellos castanhos ondulavam-lhe a fronte. Os olhos eram azues, cheios de expressão, muito vivos, sob sobranceiras negras, bem arqueadas. O seu sorriso penetrava o coração, dizia o conde Beugnot, que, aliás, falava por experiencia propria...

"A natureza, escreveu um romancista contemporaneo que foi seu conhecido, Bettée d'Etienville, a natureza prodigalizou-lhe o dom perigoso de persuadir."

Por intermedio da marquezã de Boulainvilliers, Mme. de la Motte travou relações com o principe Luiz de Rohan, cardeal-arcebispo de Strasbourg e grande esmoler de França.

Este, por conta da caixa da esmolaria, fornecia-lhe, de tempos em tempos, alguns recursos, porquanto a de la Motte, que se havia demittido do seu cargo, faltavam os meios de subsistencia.

O cardeal de Rohan, por motivos que seria fastidioso enumerar aqui, incorrera no desagrado de Maria Antonietta. Por outro lado, elle era muito ambicioso e sonhava galgar as mais altas posições do Estado. A desconfiança da rainha era-lhe um obstaculo.

Esperta, intelligente, Mme. de la Motte não tardou a aproveitar-se, de uma parte, do caracter inverosivelmente credulo do cardeal, de outra, do desespero que lhe causaram a attitudo da rainha a seu respeito e o ardente desejo que o possuia de reconquistar-lhe as boas graças.

Por essa mesma época, os joalheiros da corôa Boechmer e Bassenge tinham fabricado — reunindo as pedras mais bellas de toda a Europa — um collar de diamantes, de um valor inestimavel. Elles insistiram junto a Maria Antonietta para que ella pedisse ao rei que o comprasse. Era na época em que se trabalhava na reconstrucção da marinha franceza. A resposta de Maria Antonietta ficou celebre:

— “Nós temos mais necessidade de um navio de que uma joia.”

Entretanto Boechmer, que não conseguia desfazer-se desse adorno, no qual immobilizara um capital importante, queixava-se disso, e amargamente, a todo mundo.

Esses lamentos chegaram aos ouvidos de Francisco Achet, procurador geral das requisições, sogro do sr. Laporte, advogado que frequentava á casa de mme. de la Motte. Esta, para dar-se ares de importancia, não se cansava de fazer garbo das suas pretensas relações com a rainha, “sua prima”. Laporte falou-lhe do collar. Após alguns momentos de reflexão, Joanna de Valois, isto é, a condessa de la Motte, concebeu o mais audacioso dos projectos.

Em julho de 1874, o conde de la Motte, conhecera, nos jardins do Pa-

lais Royal, uma linda creatura, que se distraia a brincar com uma creança. Ella tinha vinte e tres annos, era orphã de pae e mãe exercia o officio de costureira.

Chamava-se Nicole Leguay. O conde de la Motte, introduziu-a nos salões de sua mulher, que a fez adoptar o nome de “baroneza d’Oliva.

A semelhança entre a baroneza d’Oliva e Maria Antonietta, semelhança que encheu de espanto todos os contemporaneos, fez conceber o mme. la Motte o projecto ao qual acabamos de fazer illusão:

Persuadir o cardeal de Rohan de que a rainha desejava adquirir o collar de diamantes, mas que por medo do rei que lhe censurava a inclinação para o luxo, desejava tambem que a aquisição fosse feita secretamente até o dia em que ella pudesse obter as economias necessarias para pagal-o.

— A rainha, dizia mme. de la Motte ao cardeal, pensou em vós para intermediario secreto; servireis de garantia junto ao joalheiro, recebendo em seguida, em prestações, o total da divida.

Uma noite, mme. de la Motte pediu bruscamente á baroneza d’Oliva que a acompanhasse a Versailles e, uma vez ali, fizesse tudo o que lhe dissesse. Em recompensa, receberia 15.000 libras, que era, para a época, uma somma bastante elevada. O que ella lhe pedia era, aliás, pouca coisa: entregar de noite, numa das aléas do parque de Versailles, um bilhete a um fidalgo que deante della se inclinaria, beijando-lhe a mão.

A 11 de agosto de 1874, a condessa la Motte, seu marido um tal Retaux de Villette, secretario particular da condessa, e Rosalia, sua camareira dirigiam-se a Versailles, em companhia da joven baroneza d’Oliva. Em Versailles, no Hotel Lambese, Oliva foi vestida e penteada pela propria mme. de la Motte, que, para o fazer, se inspirou no retrato de Maria Antonietta, pintado, por mme. Vigée Lebrum, o qual acabara de fazer sensação no “Salon” de 1783. Antes de sair, mme. de la Motte lançou sobre as es-

paduas da sua amiga um manto branco, de lã fina, e cobriu-lhe a cabeça com um véo também branco, de gaze de Italia.

No grande parque deserto reina o silencio da noite. Ouve-se sómente ao longe, na sombra o ruido da agua que cae nos tanques. O céu está sombrio, sem lua nem estrellas. O grupo encaminhava-se para o bosque de Venus. Nillite tem medo e se apoia fortemente ao braço do conde De la Motte. Subitamente, como uma sombra, chega um homem a quem o conde diz:

— Ah! é você...

E o homem desaparece. (Era Retaux de Villette).

Um minuto, e outros tres homens apparecem. Um delles avança, alto, magro, apertado no seu redingote meio occulto sob um manto, o chapéo puxado para a frente. O conde e a condessa afastam-se. Mme. d'Oliva fica sosinha. Ella treme. O homem do manto inclina-se profundamente e beija-lhe a fimbria do vestido. Nicola murmura meia duzia de palavras inintelligiveis. O cardeal julga ouvir:

“— Podeis ficar certo de que esquecerei o passado”. Elle se inclina novamente, pronunciando palavras de reconhecimento e de respeito que mlle. d'Oliva não escuta.

Bruscamente, surge um individuo, que exclama:

— Depressa! Depressa! Eis aqui Madame e a condessa d'Artois! (Era ainda Retaux de Villette...)

Mlle. d'Oliva é conduzida pelo conde de la Motte enquanto o cardeal se retira, acompanhado da condessa. Esta havia convencido o cardeal de que a rainha lhe concedera essa entrevista no silencio e no segredo da noite, para demonstrar-lhe os seus sentimentos de amizade e de gratidão pelo serviço que elle lhe prestara.

Tal foi a famosa scena do Bosque. Ella tornou-se celebre. Ella é o “pivot” de toda a historia.

Imagina-se facilmente o resto. O cardeal faz a aquisição do collar para a rainha, cuja assignatura mme. de la Motte encarrega Retaux de Villette de falsificar.

O collar é entregue a Villette, disfarçado em official da casa da rainha. Mme. de la Motte manda desmontar a joia, que faz vender em fragmentos, em Paris, em Londres e em Amsterdam.

A sua vida passa a ser, então a mais louca e faustosa.

Chega, porém a data fixada para o primeiro pagamento, de 400.000 libras: 1.º de agosto de 1875. Os joalheiros não são pagos. Os cardeal é detido a 15, festa da Assumpção, em habitos pontificaes, no momento em que se preparava para celebrar a missa na capella do castello de Versailles. Mme. de la Motte, por sua vez, é detida em Bar-sur-Aube e internada na Bastilha, onde se lhe vão reunir seus cúmplices, excepto o conde de la Motte, que consegue refugiar-se na Inglaterra.

O processo teve uma repercussão formidavel. A multidão não podia acreditar na innocencia da rainha, que, entretanto, fôra completamente extranha ao caso. O cardeal foi absolvido e mme. de la Motte condemnada, unanimemente, a ser ferreteada e internada, para o resto da vida na Salpêtrière de onde comtudo, se evade, fugindo para a Inglaterra. Da Inglaterra, a “scroc” move contra Maria Antonietta uma terrivel campanha de pamphletos, que foram os primeiros rugidos revolucionarios...

Mirabeau dirá mais tarde:

“O processo do collar foi o preludio da Revolução”.

E Napoleão, meditando, em Santa Helena, sobre esses tragicos acontecimento, dirá, por sua vez:

“A morte da rainha data desse dia”.

(“Correio da Manhã”, Rio).

A PRINCEZA DE MONACO QUER MORALIZAR MONTE CARLO

A princeza Carlota, de Monaco, linda e interessante, passeava uma

manhã, ha pouco tempo, nos jardins do seu diminuto dominio. Seu pae,

o soberano do pequeno principado, essa pequena parcella de terra que jámais poderia sustentar-se como Estado livre, se não fôra o ouro do grande Casino, com cujo producto o principe e sua familia mantêm o boato de multimillionarios.

Nada mais afastado da mente juvenil da princeza, que o jogo, a ruina e o suicidio, quando naquella formosa manhã de verão passeava pela margem do azulado Mediterraneo. A princeza, além de ser feliz com seu esposo, não carece de coisa alguma. Seu passeio era, pois, o de uma pessoa livre de preocupações, que gosava a fresca brisa e o maravilhoso panorama.

Ao chegar a areiosa avenida que conduz ao Casino — o antro da perdição — seus olhos tropeçaram com um espectáculo. Estendida sobre um canteiro de relva, achava-se uma mulher, trajando uma rica "toilette" de gala. Intrigada a princeza aproximou-se. A mulher sustinha numa das mãos um pequeno frasco, cujo conteúdo havia, sem duvida, ingerido. Alarmada, a princeza inclinou-se sobre a mulher e verificou, com horror, que se tratava de uma de suas amigas, a joven condessa de Beaulieu, que se encontrava em Monte Carlo, gosando a sua lua de mel. A condessa havia contraído enlace algumas semanas antes, com um dos mais distinctos nobres da Inglaterra.

Iniciados as averiguações do caso, a princeza Carlota soube que sua amiga, na ausencia de seu esposo, havia sido chamada urgentemente á Paris e fôra presa de horrivel tentação do jogo, e, uma vez envolvida no pelago, perdera enormes sommas, o

que reduzia o novo casal á negra pobreza.

Em seu poder, foi encontrada uma carta de seu esposo, em que este lhe annunciava o seu regresso naquelle dia.

Sem duvida, a pobre moça, horrorizada com a idéa de apresentar-se ante elle e confessar-lhe a verdade, suicidára-se.

Foi um golpe doloroso para a princeza Carlota, que a conduziu a interessar-se pelas coisas que occorrem em Monte Carlo. E foram tantas e de um caracter tão terrivel as coisas que soube — coisas de que jámais a sua alma de moça teria suscitado — que immediatamente se pôz em campo para combater o furor do vicio do grande balneario, emprehendendo uma forte cruzada para moralizar os dominios de seu pae.

O principe escutou as pretensões de sua filha e exclamou:

— Minha filha!... é de tudo isso que nós vivemos!...

— Prefiro morrer de fome a comer com o producto do crime e da maldade — respondeu a princeza.

Ao que o pae contestou:

— Além disso, os concessionarios do jogo tem um contracto que os autoriza a explorar o Casino até 1947.

Todavia, o soberano concordou em que se podiam e deviam fazer algumas modificações.

Era impossivel fechar os salões do jogo, mas a princeza com os seus protestos, conseguiu que se fizessem grandes reformas nos costumes, e declarou que não descansará enquanto não fôr abolido por completo o jogo em Monte Carlo.

DE QUE MORREU O "ALEIJADINHO"

Estão em moda agora os diagnosticos retrospectivos.

Julio Dantas, em chronicas magnificas, tem diagnosticado as molestias que levaram ao tumulo os reis de Portugal, alguns fallecidos ha seculos. Nessas paginas brillantes a gente não sabe qual mais admirar: se o scien-

tista arguto, se o literato encantador que nos prende a attenção do começo ao fim das suas maravilhosas chronicas.

No Brasil, esse genero literario não tem tentado os muitos medicos que occupam cadeiras na Academia de Letras. E, no entanto, nada ha mais in-

interessante do que, pelos dados que chegaram até nós da agonia e morte dos grandes homens, descrever a marcha da molestia que os anniquilou e que foi, no tempo, desconhecida pelos cirurgiões.

Se, entre a avalanche de medicos litteratos que temos, algum quizesse explorar esse interessante genero de litteratura, o caso pathologico do "Aleijadinho", o maior e mais antigo escultor mineiro, se imporia logo pela brutalidade da molestia que o deformou e pela perfeição dos dados que temos a respeito da evolução do seu mal.

Antonio Francisco de Lisboa, o "Aleijadinho", nascera perfeito e descendia de troncos robustos.

Até aos quarenta e sete annos gozara de saude invejavel.

Um dos seus melhores biographos, Rodrigo José Bretas, diz o seguinte:

"Até á idade de 47 annos elle ("Aleijadinho") passou a vida no exercicio da sua arte cuidando sempre em ter boa mesa e no gozo de perfeita saude; e tanto que era visto muitas vezes tomando parte nas danças vulgares".

Exactamente nessa idade, o "Aleijadinho" foi attingido pela molestia que o deformou, tornando-o hediondo.

O seu historiador esclarece como, no tempo (1777), foi explicado o mal:

"De 1777 em deante, as molestias providas talvez em grande parte de excessos venereos começaram a atacar-o fortemente. Pretendem alguns que elle tenha soffrido o mal epidemico que sob o nome de — Zamparina — pouco antes havia grassado nesta provincia (Minas Geraes) e cujos residuos, quando o doente não succumbia, eram quasi infalliveis deformidades e paralysias; e outros que nelle se havia complicado o humor gallico com o escorbuto".

Nos documentos que nos restam dessa época, não ha a menor referencia da estranha molestia — Zamparina — que grassou, como epidemia, na provincia de Minas, pouco antes de 1777.

Depois da terrivel doença, o "Aleijadinho" tornou-se um verdadeiro monstro. O perfil do artista foi assim descripto por um contemporaneo seu:

"Antonio Francisco Lisboa perdeu todos os dedos dos pés, do que resultou não poder andar senão de joelhos; os das mãos atrophiam-se e curvaram, e mesmo chegaram a cair, restando-lhe somente, e mesmo assim quasi sem movimento, os pollegares e os indices. As grandes dôres que de continuo soffria nos dedos e a acrimonia do seu humor cholerico o levaram, por vezes, ao excesso de cortal-os, elle proprio, servindo-se do formão com que trabalhava!

As palpebras inflammaram-se e, permanecendo nesse estado, offereciam á vista a sua parte inferior; perdeu quasi todos os dentes e a boca entortou-se, como succede frequentemente ao estuporado; o queixo e os labios inferiores abateram-se um pouco: assim, o olhar do infeliz adquiriu certa expressão sinistra e de ferocidade que chegava mesmo a assustar a quem quer que o encarasse inopinadamente". (Rev. Do Archivo Pco. Mineiro).

Como se vê, não pode ser mais impressionante e minuciosa a descripção dos estragos produzidos pela terrivel molestia. Mas que doença seria essa?

No seu tempo ninguem soube diagnosticar-a.

Zamparina, syphilis, escorbuto, morphéa, ninguem conheceu, naquella época remota, o terrivel mal. Até as feiticeiras davam a sua opinião.

Rodrigo Ferreira Bretas diz, na esplendida biographia que fez do infeliz artista:

"Quando, em Antonio Francisco, se manifestaram os effeitos da terrivel enfermidade, consta que certa mulher de nome Helena, moradora na rua Arcião, desta cidade (Ouro Preto), dissera que elle havia tomado grande dose de Cardina (assim denominou a substancia a que se referia) com o fim de aperfeiçoar os seus conhecimentos artisticos, e que dahi lhe havia provindo tão grande mal".

Não se poderia com taes elementos fazer um diagnostico dessa enfermidade tão desconhecida naquelle tempo?

Ha um ponto essencial, que preciso pôr em relêvo para maior firmeza nessa pesquisa: o "Aleijadinho" morreu com 84 annos: — quer

isso dizer que 38 annos soffreu o formidavel mal!

Durante o longo periodo da sua molestia, trabalhou incessantemente em serviços asperos, esculpindo em pedra de cantaria, só descansando, por entrevado e cego, nos ultimos annos da sua vida.

Não serão sufficientes esses dados para a revelação da inexoravel molestia que passou desconhecida em 1777?

Ahi fica a descripção da horrenda enfermidade, até que um medico arguto se resolva a fazer o diagnostico retrospectivo que, se de nada mais serve para o infeliz artista, nem por isso deixará de ser interessante o quináo dos esculapios modernos nos antigos cirurgiões de Villa Rica.

Djalma Andrade

("Correio da Manhã", Rio).

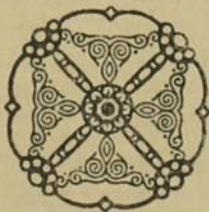
AS CONSTRUCÇÕES EM S. PAULO

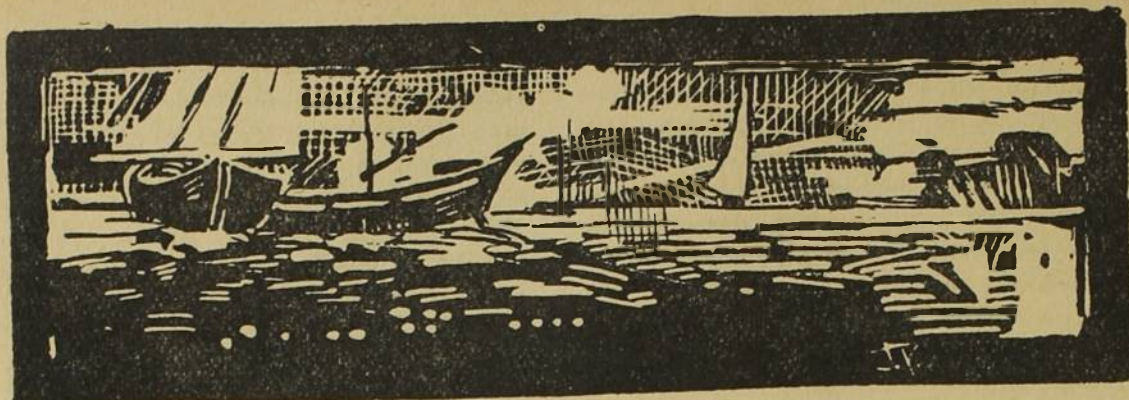
A cidade de S. Paulo constitue um desses milagres de rapidez, com que tanto se orgulhavam os americanos, citando as metropoles que em sua patria se haviam improvisado. Veja-se, por exemplo, que a capital paulista ha meio seculo contava mais de 23 mil habitantes. Em 1910 a sua população alcançava a 375 mil habitantes. Pelo ultimo recenseamento, a cidade contava 637.823 pessoas na sua população.

As habitações acompanham esse desenvolvimento da população. Basta vêr que, de Janeiro até o fim de Setembro de 1923, foram construidos em S. Paulo 3.293 edificios novos. Isso quer dizer mais de 364 predios por mez, mais de doze casas por dia: em summa, uma casa nova de duas em duas horas.

Quando as construcções tomam esse extraordinario surto, o problema do inquilinato não apresenta nenhuma gravidade. Ao contrario, e a prova é que os alugueis não se elevam muito na cidade de S. Paulo. Estão por um preço muito mais baixo do que nesta capital. Em S. Paulo entretanto não ha lei de inquilinato. Se os alugueis estão inferiores aos daqui, é devido a factores de ordem natural.

No Rio os legisladores se apuram na factura de leis repressivas do que o inquilinos chamam a "ganancia do senhorio". Mas as leis, na pratica, fallham completamente, sem efficiencia, como se vê da elevação constante dos alugueis, apesar das prohibições legais, tornadas inoffensivas como os espantalhos.





NOTAS DO EXTERIOR

A NOSSA VIDA DENTRO DE DEZ ANNOS

I

A conceituada revista parisiense *Je sais tout* fez um grande inquerito sobre o desenvolvimento que, normal e logicamente, pôde receber o progresso no curso dos dous proximos lustros, no que concerne ás modificações da vida no lar, ás transformações das cidades, ao systema de viagens e outros problemas interessantes.

Daremos aqui um resumo desta excellente reportagem:

A vida no lar — O inventor Breton, membro da Academia de Sciencias, pensa que dentro de dez annos não é possivel sonhar em ter creados. Só os possuidores de milhões poderão se dar a esse luxo. Não haverá mais quem abra a porta para receber um visitante. Mas este far-se-á annunciar, declinando nome e qualidade, assim como o fim da visita, num transmissor microphonico, que, no caso de ausencia do pessoal da casa, registrará a comunicação em um aparelho egualmente incumbido de registrar os recados telephonicos; na hypothese da visita ser recebida, bastará calcar um botão para que a porta se abra e indicadores luminosos indiquem o caminho e introduzam o visitante.

O serviço domestico é rapidamente feito: um aspirador leve, que se faça passear por qualquer compartimento, absorverá em poucos instantes toda a poeira nelle depositada. Os ladrilhos e mosaicos serão lavados e esterilizados facilmente com o auxilio de uma escova com agua injectada, agua que é aspirada e ao mesmo tempo expellida para o esgoto com as impurezas existentes. Os soalhos serão esfregados e encerados no tempo necessario ao gasto em percorrel-os, mediante um aparelho electrico de facil manejo.

Lustrar as botas é operação trabalhosa e sem encantos. Bastará introduzil-as numa caixa, girar um commutador, para recebê-las, dous segundos depois, por uma abertura, tão brilhantes como sahiram da loja.

Será preciso tão sómente collocar, uma vez por mez, algumas gottas de oleo nos motores, nos eixos das escovas, e no ventilador que expelle a poeira desprendida no curso das operações, e mudar de tres em tres mezes o tubo amovivel que contem a provisão de graxa.

Para lavar a roupa nada mais se precisará que a depositar numa tina fechada. Por meio de torneiras e de alavancas, ella sahirá, instantes

depois, lavada, enxagoadada, esticada, prompta a ser recolhida nos armários.

A cozinha não impedirá a dona de casa de passear. Antes de sahir, é só collocar a carne para assar no forno, os legumes, preparados mecanicamente, nos utensilios proprios, depois regular as agulhas do commutador automatico para que durante a ausencia o forno receba o calor indispensavel. Assada a carne, o fogo diminue de intensidade, conservando as calorias indispensaveis a que os pratos se conservem quentes, esperando a volta.

A lavagem da louça offerece a mesma commodidade. Os pratos voltam á cozinha, como de lá sahiram, em vagonetes, e na passagem de um tunel recebem uma serie de jactos d'agua quente que os lava e esterilisa na perfeição, sem que sejam tocados por ninguem. Um ventilador incumbe-se de seccal-os.

A vida urbana — Paul Bigot, o eminente architecto autor do celebre **Plano de reconstituição da Roma antiga** pensa que as cidades modernas deverão ser concebidas, embora em detrimento da belleza, sob um plano essencialmente racional. Referindo-se ás difficuldades de circulação nas grandes cidades, onde d'aqui a dez annos será difficil dar um passo, diz Bigot que o problema tem todos os caracteristicos de uma questão insolúvel. Sem duvida á força de muito trabalho e procurando crear, onde for possivel, passagens subterraneas, chegar-se-ia a melhorar um pouco semelhante estado de cousas. Tratando-se porém de uma cidade a construir em terreno livre o problema muda de aspecto.

O architecto encarregado da construcção de uma cidade moderna, nestas condições favoraveis, deveria começar por estabelecer o plano subterraneo, que comporta tudo o que deve e póde desembaraçar a cidade. Nesta cidade subterranea deveriam ser collocadas as linhas metropolitanas, os passeios moveiços, as linhas terminaes dos caminhos de ferro, as estações das grandes linhas, em uma palavra todos os grandes meios de transporte em commun, sem esquecer, bem

entendido, no segundo subsolo, os esgotos, as linhas telephonicas e todas as canalisações necessarias.

Acima deste plano subterraneo, e por superposição, é que se deverá estabelecer o plano da cidade com os seus grupos de immoveis, separados por avenidas reservadas á circulação pedestre e aos vehiculos leves.

A cidade nova será saneada e bem arejada porque tudo que for trabalho de usina será feito fóra de porta. Os quarteirões possuirão cada um, edificios necessarios aos serviços publicos. Serão reservados quarteirões especiaes para a administração por agrupamento dos ministerios, e para a Universidade por agrupamento em uma cidade universitaria, de todas as faculdade, laboratorios e tudo que for indispensavel aos trabalhadores intellectuaes. Haverá ainda o vasto quarteirão commercial, no qual se reunirão as industrias de luxo e as casas de commercio. A tudo isso juntar-seão jardins, praças, parques, isto é, bastante ar.

Os automoveis — O senhor de Knyff diz-nos que em dez annos, isto é, amanhã, o automovel será o instrumento de todos, e cada um terá o seu carro proprio. O auto decididamente deixou de ser o instrumento do rico.

O elemento força, que outróra era indispensavel á condução de um automovel, desaparece cada vez mais: a prova é que se encontra hoje a cada passo automoveis conduzidos por senhoras e por moças, sósinhas nos carros. Este detalhe prova que o progresso da construcção nos garante agora vehiculos cujo manejo é ao mesmo tempo facil e seguro. O que se chama um bello carro será, de mais a mais, reservado a uma minoria emquanto que o pequeno automovel leve, agtil que passa por toda parte, irá se multiplicando, porque é economico. O preço de um automovel individual, que póde ser adquirido por amortisações, está ao alcance de toda a gente.

Por outro lado o carro é conduzido e manejado por seu proprietario, e o que até então custavva caro era o mecanico, que além do mais não trabalhava senão oito horas. Para as re-

parações o automobilista individual encontra a garage colectiva onde os operarios concertam rapidamente, em quanto o proprietario está occupado em seus affazeres.

O auto individual vae ter uma repercussão directa e consideravel na vida das cidades: a posse de um carro particular permite morar longe em logar de bons ares, sem deixar de vir diariamente e rapidamente ao centro urbano.

Evidentemente esta utilização de pequenos automoveis em numero consideravel produzirá modificações profundas nos nossos habitos de circulação e de estacionamento. Finalmente o automovel individual promette resolver a crise das habitações pelo alargamento das cidades, cujos suburbios se estenderão a uma immensa periphéria.

(“Jornal do Brasil” — Rio).

UM EPISODIO CURIOSO DO THEATRO JAPONEZ

O ultimo terremoto destruiu por completo o theatro Kawa-Kami, de Tokio. Esse theatro tem sua historia.

Grande admirador de Antoine, cuja obra teve occasião de apreciar numa viagem á França, Kawa-Kami propôz-se renovar por sua vez a arte scenica no seu paiz. Renunciando á politica, de que era personagem já consideravel, decidiu consagrar parte da sua fortuna á creação de uma escola dramatica e á construcção de um grande theatro.

Kawa-Kami não era um desconhecido para a Europa, pois representára no theatro Rejane, em Paris, ao lado da esposa, a celebre actriz Sada Yacco, a Sarah Bernhardt, do Japão.

O casal, porém, não podia exhibir-se em Tokio, devido á interdicção expressa das mulheres se mostrarem no palco. Os papeis femininos são sempre confiados a jovens actores. Foi o acaso que decidiu da carreira artistica de Sada Yacco.

O casal havia emprehendido uma viagem á America e uma noite que o joven actor que desempenhava o papel de heroina do drama ficou subitamente indisposto, a linda japoneza, que tinha assitido a todas as repetições, propôz-se substituil-o. Foi um triumpho indescriptivel e o consul do Japão, em São Francisco, que assistira ao spectaculo, applaudindo com entusiasmo, fez lembrar, contudo, aos seus compatriotas que elles tinham incorrido no rigor das leis japonezas e que não poderiam regressar a Tokio. Em Londres, repetiu-se o exito, com o mesmo aviso official, até que a rainha Victoria interveiu junto ao Mikado, em favor dos esposos interditados.

O imperador, então, revogou a lei, concedendo autorização para que as mulheres pudessem representar no palco.

Foi o inicio da fortuna do theatro Kawa-Kami.

UNAMUNO

O sol não restringe a sua claridade ao ponto do céu em que brilha: diffunde-a largamente em todo o espaço, desde a altura do Ether até o algar mais profundo da terra e ainda com ella assiste piedosamente aos astros mortos para que appareçam dentro da noite.

Assim o pensamento, clarão d'alma, não é patrimonio deste ou daquelle povo: onde quer que appareça refulge para a Vida

e todos os espiritos se lhe achegam com ansia do seu beneficio.

Os guias que vão á frente das grandes marchas levantam os fachos para que a claridade se estenda tanto quanto possivel na distancia, não se limitando a aclarar aos que caminham na sua proximidade, mas alcance aos das ultimas filas que são, áustamente, os que mais della carecem.

Assim, é crime que offende e prejudica

a toda a Humanidade o acto do tyranno que retira da vanguarda um de taes guias pretendendo, com isso, fazer escuridão. Melhor será deixa-lo livre, em marcha, porque enquanto caminha leva o brandão erguido, mas se o prendem, algemando-lhe os pulsos, cahe-lhe das mãos o archote e em terra, de rasto, com a chamma viva e rebellada, o que era esplendor no espaço torna-se incendio e lavra e aí! da floresta dos conciliabulos e dos tyrannos que nella conspiram contra a Consciencia Humana.

Enganam-se os que imaginam poder apagar com cinzas uma fogueira; o mesmo seria cuidar que as nuvens sepultam o sol ou que uma violencia contenha a Idéa.

Depois da tempestade rompe mais rebrihante o sol; das cinzas exsurgem com mais impeto as labaredas e o pensamento, quanto mais opprimido, mais força adquire, não fosse elle germen, como a semente, que primeiro dorme enterrada para depois rebentar, vir á flux, crescer em arvore de flor e fruto.

Foi do martyrio e do fundo das catacumbas que saiu victorioso o Christianismo.

O que a Espanha actual, com o governo da espada, anda a fazer, é, justamente, o contrario do que fez outrora quando a governavam os carrascos do *san benito*. Os inquisidores accendiam braseiros nas praças e expunham ás chammas dos *autos da fé* os que ousavam contrariar a monita de Santo Ignacio ou aquelles que, por conveniencia da politica freiratica, deviam ser supprimidos.

Em todo o caso, Torquemada cercava-

se de luz, ainda que de *quemadecros*. A Inquisição illuminou sinistramente a Espanha.

Agora a espada versatil do grande Anjo fardado expulsa os rebeldes da Patria, apaga todos os lumes e pretende fazer a escuridão na terra do heroismo. Não lhe saia errado o golpe!

Quem flagella archotes ou quem com elles bate em terra é como quem fêre rochedos — provoca centelhas e, assim como uma só faísca, dando em palha muito tempo exposta ao sol, basta para inflamarla levantando incendio, que tudo arrasa, assim um povo longamente opprimido se lhe chega uma faúlha ao animo logo se accende em revolução.

A condeminação de Unamuno está revoltando a Consciencia Humana. E' o Pensamento que está em causa e Pensamento é Luz, pertence ao espaço e ao tempo.

Não se trata sómente da Espanha, mas da Alma, espirito dos povos, da Liberdade affrontada e ferida na pessoa de um dos seus maiores apostolos.

São todos os corações que se insurgem e protestam contra a iniquidade.

D'ahi, quem sabe? Deus escreve direito por linhas tortas. Talvez que Unamuno, em degredo, seja mais util á Espanha do que se nella permanecesse.

Apartado da Patria, o philosopho falará mais alto, e para o mundo todo e... de longe é que os pharóes illuminam.

Coelho Netto

(Da Acedemia Brasileira.)

"A Folha" — Rio.

"VOCABULARIO DE RUY BARBOSA"

Tendo sahido gravissimos erros de revisão no "Vocabulario de Ruy Barbosa", recentemente editado, inserimos a seguinte *errata*:

No Prefacio:

Onde se lê *á inveja rancorosa*, pag. 27, leia-se *a inveja rancorosa*; *uma caudal de expressão*, pag. 30, leia-se *uma caudal de expressões*; *entrezadas no debuxo*, pag. 36, leia-se *entrezidas no debuxo*; *prosa*

symphonia vibrará sempre harmonia, pag. 46, leia-se *prosa symphonica vibrará sempre harmonias*.

No Vocabulario:

Vocabulo — *autophotographia* (nota), onde se lê *substituto*, leia-se *substantivo*; vocabulo — *geminado* (nota), onde se lê *o facto de dispor dois*, leia-se *o facto de dispor dois a dois*; vocabulo — *hallali*,

corrija-se assim o texto truncado de Ruy: "como um hallali de trompas alvoroçadas"; vocabulo — *meia cara* (nota), onde se lê *batemos pé*, leia-se *batemos fé*; vocabulo — *neval*, onde se lê *Revista de Linguagem Portuguesa*, leia-se *Revista de Lingua Portuguesa*; vocabulo *papalatria*, corrija-se *papolatria*, conforme o graphou Ruy Barbosa; vovabulo *privatitico*, emende-se *privatistico*, como o escreveu o Mestre; vocabulo *rata* (nota), onde se lê *á*

como o *burlesco substantivo*, leia-se *e como o burlesco substantivo*. Na palavra *superstruir* concerte-se a definição, que é fazer *superstructuras* e não — *fazer superstrukturar*. Na definição de *entrelinhista*, leia-se *entrelinhado*; na de *ministrificação*, leia-se *elevação*.

Outros lapsos, mas de facil correcção, deparam-se nos vocabulos — *desfibratizo*, *espadarão*, *estratarchia*, *imanizado*, *orchesographia* e *retrodatar*."





RADIO NOTAS

Em materia de pintura estamos atrazadissimos.

Nosso grandes mestres pertencem ás escolas antigas e os nossos "novos" não sentem curiosidade pelo que se passa no estrangeiro. Tarsila do Amaral é uma excepção. Vai realizar, dentro de pouco tempo, uma exposição de seus quadros mais modernos. O publico terá assim a occasião de admirar, ou pelo menos de conhecer, uma pintora brasileira que pinta "em brasileiro". O caso é raro e digno de ser notado. Para julgar-se o valor de nossa patricia basta que se reproduzam aqui as palavras que Maurice Raynal, um dos melhores criticos francezes, lhe dirigiu ao sair do seu atelier: "Vous avez réus- si".

✱

Ha algumas semanas que se acha entre nós o poeta Blaise Cendrars. Todos que se preocupam com o movimento da poesia moderna, conhecem de sobra a sua forte e original personalidade.

Theophile Gauthier dizia que, para o seu dilettantismo, artistico o mundo visivel existia; para Cendrars, o mundo de hoje — *Le monde entier* — existe realmente, na sua integral universalidade, desde o fogo de artifício da Place Clichy, em Montmartre, até os verdes varjões dos Campos da Vaccaria.

Saudemo-lo na sua meteorica passagem por este 23° 36' de latitude e 3° 27' de longitude, que é São Paulo.

✱

A Inglaterra deve ser um paiz de grande arte e de muito gosto. Si não o fosse não ameaçaria o Egypto de rompimento de relações só por causa da mumia de Tut-Ank-Amen.

Dizem as más linguas que ha no tumulto descoberto por Carnavon uma maior quantidade de ouro do que a existente no Banco de Inglaterra! Isso não passa de calumnia...

Seja o que for, o pharáo tem um caracter vingativo. A multiplicidade das coincidencias de morte, contrariedades, complicações, encontradas no decorrer dos trabalhos de excavação, é significativa.

✱

Marcello Tupinambá que é, com Lévy e Nazareth, um dos mais sinceros compositores brasileiros realizou uma festa da canção. Nada mais louvavel.

Nossa modinha deve ser cultivada, porque na sua melodia estão todas as nossas possibilidades musicaes.

Portanto toda a parte da festa consagrada a esse genero de musica foi agradável e necessaria. O que,

porem, é desagradavel e desnecessario é a tendencia do Sr. Tupinambá para o puccinismo e a falsa musica seria. Tupinambá e Catullo são dois genios que a celebridade está desencaminhando. Voltem os filhos prodigos á casa paterna! Não escutem os máos conselhos da semi-cultura!



Wilson e Lenine morreram! Seria dos mais interessantes estudos, um paralelo das vidas e obras desses chefe de estado. Duas grandes intelligencias profundamente opostas que são paralelas, quer dizer que não se encontram nunca apesar de serem eguaes. Ambos idealistas aguda e doentiamente; ambos tiveram uma imaginação vigorosa e inquieta. Nenhum delles foi grande escriptor ou orador. Ambos falliram na realisação pratica de suas idéas grandiosas: Liga das nações e Republica dos Soviets. A Liga encontra em seu caminho a má fé das grandes potencias, e, cada assembléia traz novas desillusões. Quanto á Russia, emburgueou-se.



Gerard d'Hourville, escriptora banal e bastante desabusada pelo modernismo, achou uma nova definição do T. S. F.: Tempo sem fadas! A triste questão das fadas! Tempo sem fadas! Com effeito, mas não tempo sem fé.

De mais a mais as fadas não desapareceram; foram simplesmente substituidas por outras de nomes diferentes: a electricidade, o motor, o telephone, etc. Mas o desaparecimento das fadas não nos deve entristecer. Para que fadas se ellas não interessam mais as creanças avidas de outros mysterios. Nas lojas de brinquedos só se vêm, hoje em dia, aeroplanos, automoveis, jógos mecanicos.

O proprio trem já sahiu de moda. Os bonecos grotescos tomaram-lhe o lugar. A sensibilidade infantil cultivava agóra a ironia e as sciencias exactas. Cultiva tambem o esporte

e, crescendo, dará uma raça sadia, couraçada contra o romantismo embriagante.



Nesta epocha excitada de Mussolinis e sub-Mussolinis, ha um ensinamento a tirar do livro recente de Albert Guerard, sobre a "Lenda Napoleonica". A obra é de um americano e é um protesto contra o culto persistente de Napoleão, nos Estados Unidos. Diz Guerard que essa idolatria se observava sobretudo nas tropas americanas que estiveram em Pariz por ocasião da guerra. Logo ao desembarcar o *Sammy* americano pedia que o levassem ás duas grandes curiosidades da França: ao tumulto do Imperador... e ás *Folies-Bergères*.

Eram os dois pólos do prestigio francez.

Diz Guerard que o americano admira antes de tudo em Napoleão o *self-made man*, o seu patricio typico, o grande reclamista, o grande especulador, o maior *parvenu* que o mundo tem conhecido.

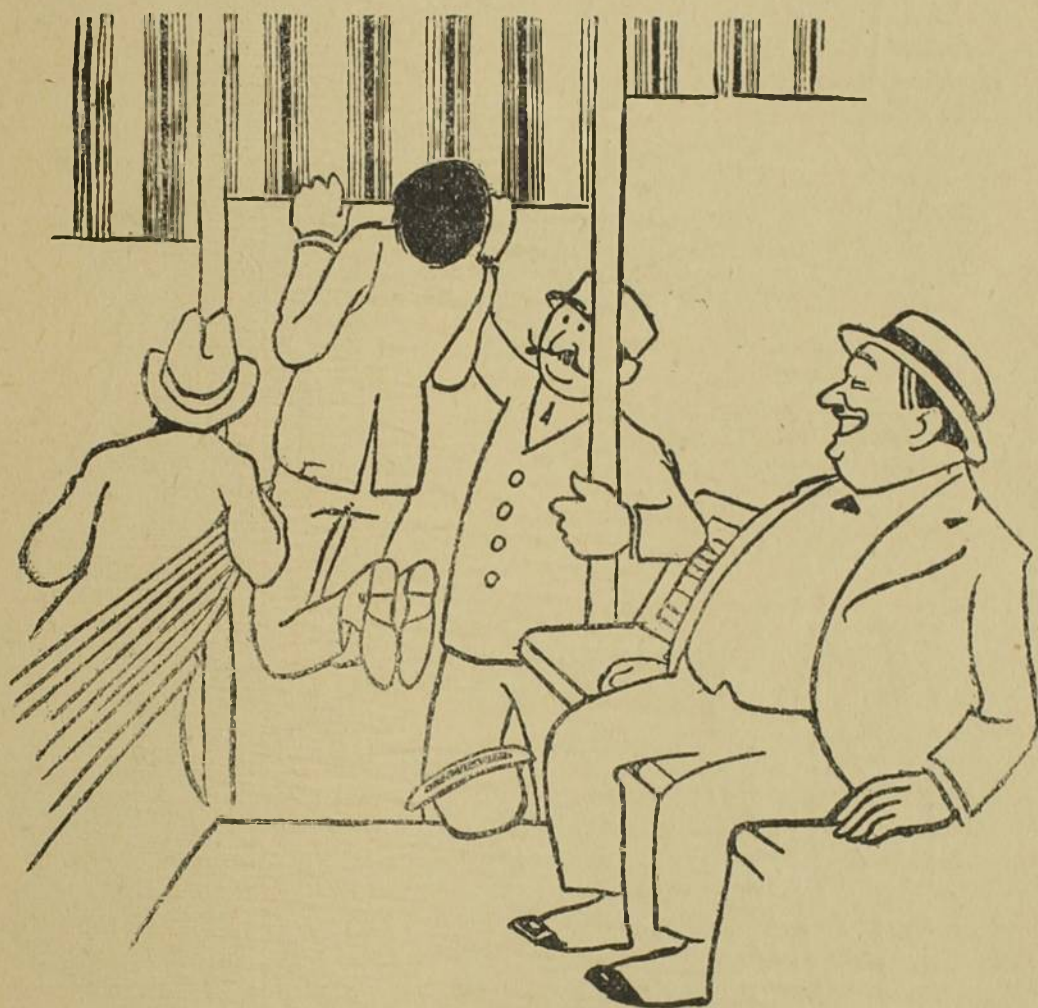
Ha em todo o livro um bello estudo de psychologia internacional e podemos recommenda-lo aos que se interessam pelo problema da "fascinação napoleonica".



A conferencia de Baise Cendrars no salão do Conservatorio interessou apenas umas sessenta pessoas. E' triste. A falta de curiosidade dos brasileiros pelas cousas de arte é uma realidade pavorosa. Nem, ao menos, existe em São Paulo, esse snobismo dos yankees que é um facto necessario no desenvolvimento da intelligencia de um povo. E' muito triste.

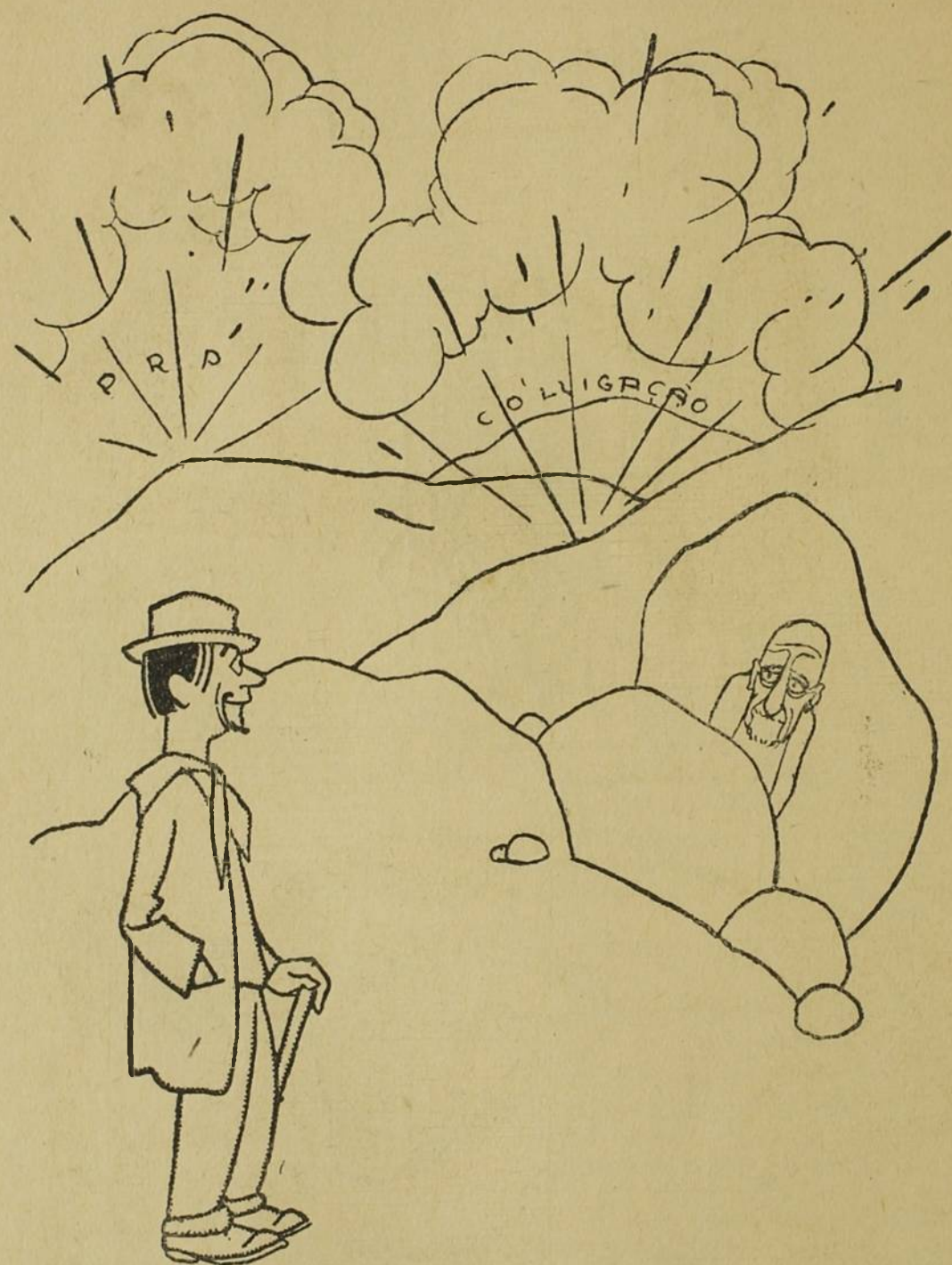
As cotações da Bolsa de Mercadorias, o cambio e o foot-ball não devem açambarcar a curiosidade de uma nação. E' preciso que ao lado disso, que aliás é muito interessante, sobre ainda um lugarsinho para meditação e o goso da belleza. Em São Paulo não existe esse lugarsinho. E' tristissimo.

AS CARICATURAS DO MEZ



As cortinas da Light

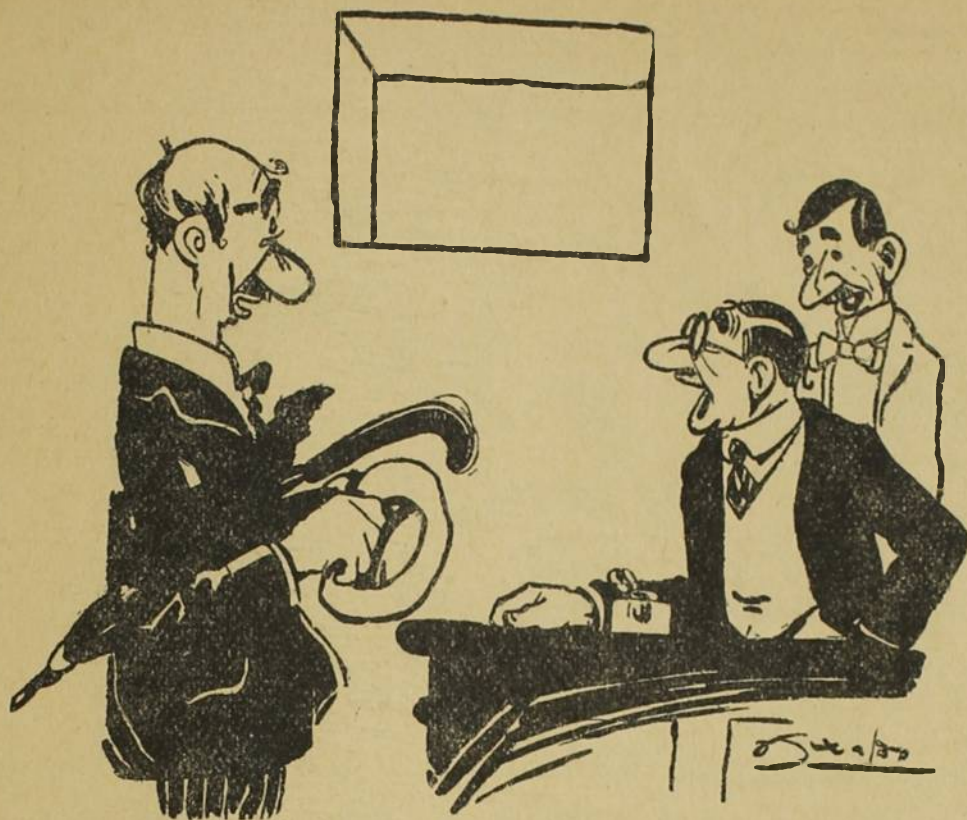
"D. Quixote" - Rio



Não se impressione, Coronel! «A Republica é esta mesmo!...»

“D. Quixote” – Rio

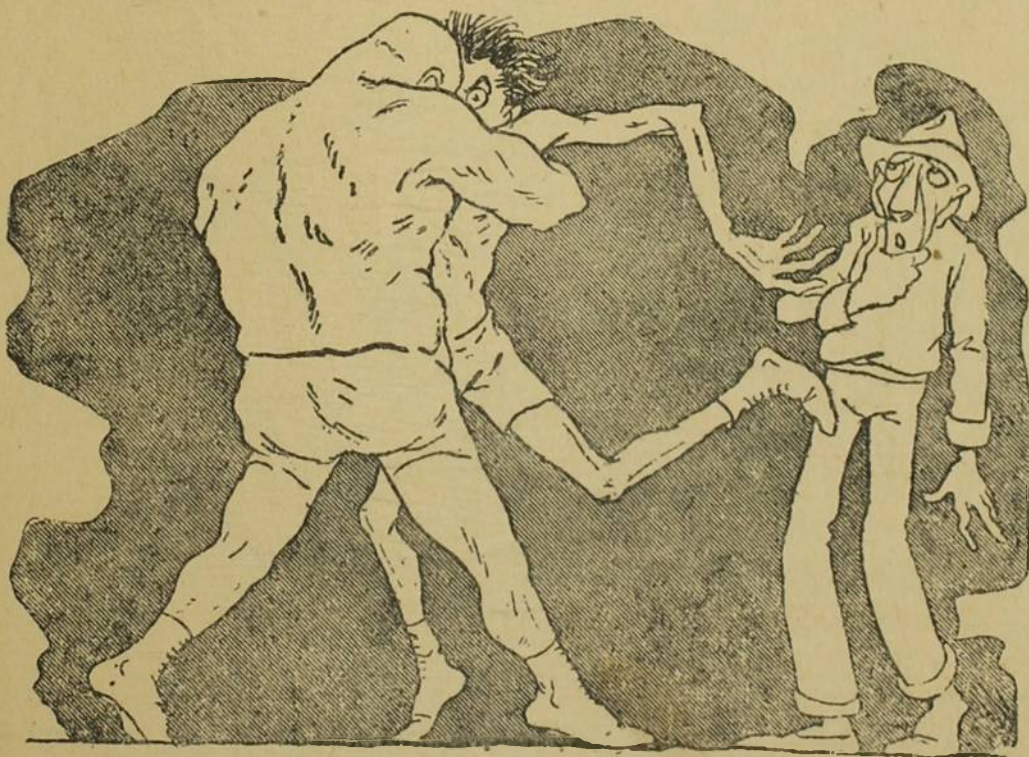
NA REPARTIÇÃO DE AGUAS



— Seu doutor, lá em casa não ha agua desde quinta-feira.
 — Não é lá só. Todo o Rio está assim. Mas para que agua ? Co este calor precisamos é de gelo.

"D. Quixote" — Rio.

RECEITA VERSUS DEFICIT

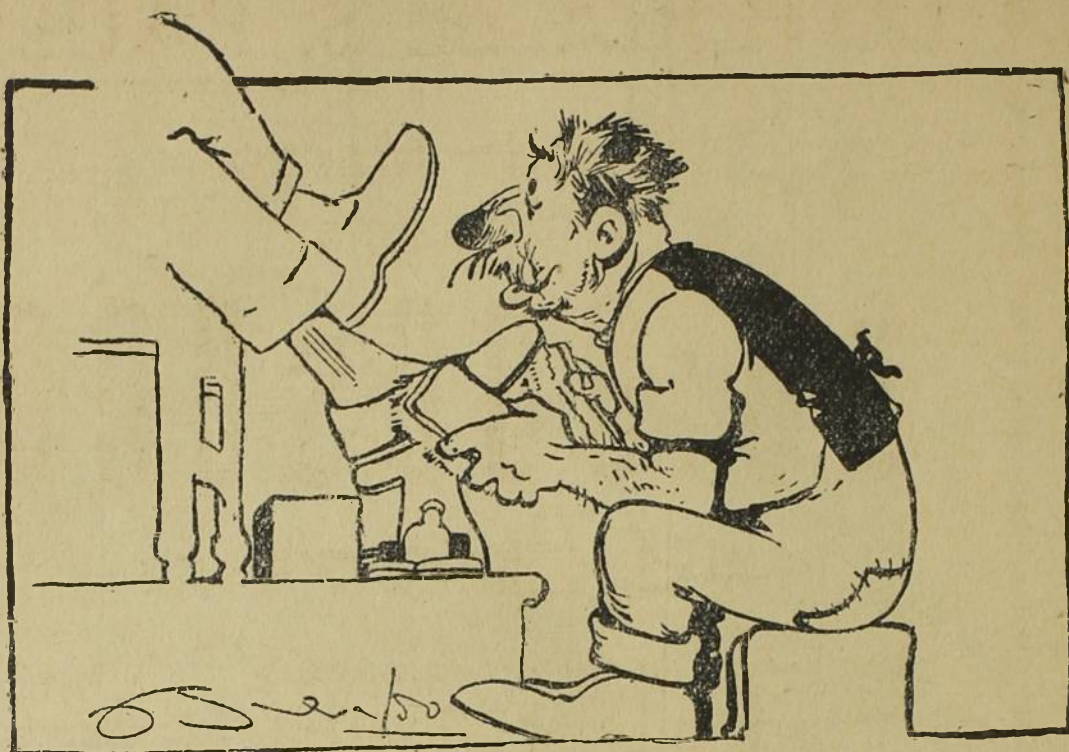


3é — E' excusado torcer... Sempre é sabido qual delles tem a vida apertada...

"D. Quixote" — Rio.

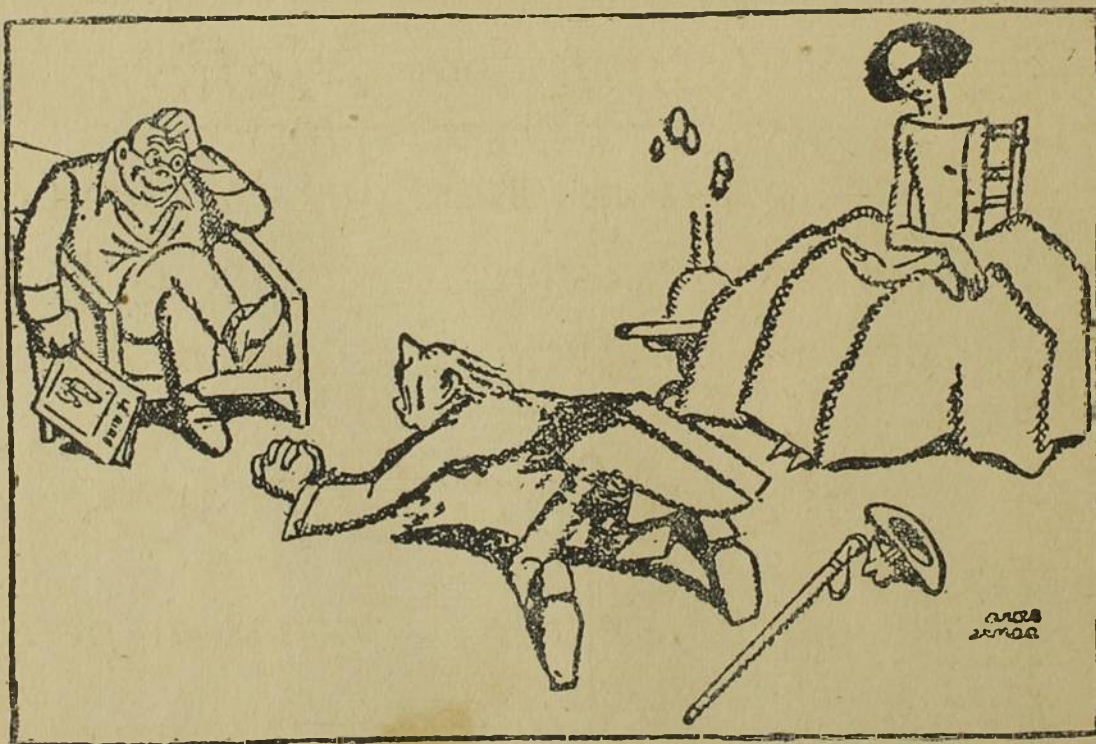
COMO TODA GENTE...

Mussolini vae sustentar these na Universidade de Bolonha para receber o titulo de doutor.



— Ah, freguez, o Mussolini está me desgostando. Foi condecorado, agora vae ser doutor... Não tem mais nada de extraordinario.

"D. Quixote", — Rio



O pretendente — Dê-me a mão de sua filha! Eu não posso viver sem ella.

O pae — Case, caro amigo, case, porque eu não posso viver com ella!

"Jornal" — Rio.

LOTERIA DE S. PAULO

28 de Março

Sexta-feira

30:000\$000

POR 2\$700

Os Bilhetes já se acham à venda em
_____ toda a parte. _____

Canto e Mello

*o festejado romancista que com tão bellas
obras tem enriquecido as letras patrias
acaba de publicar um novo romance*

“Recordações”

*que merece ser lido por todas as pessoas
de bom gosto.*

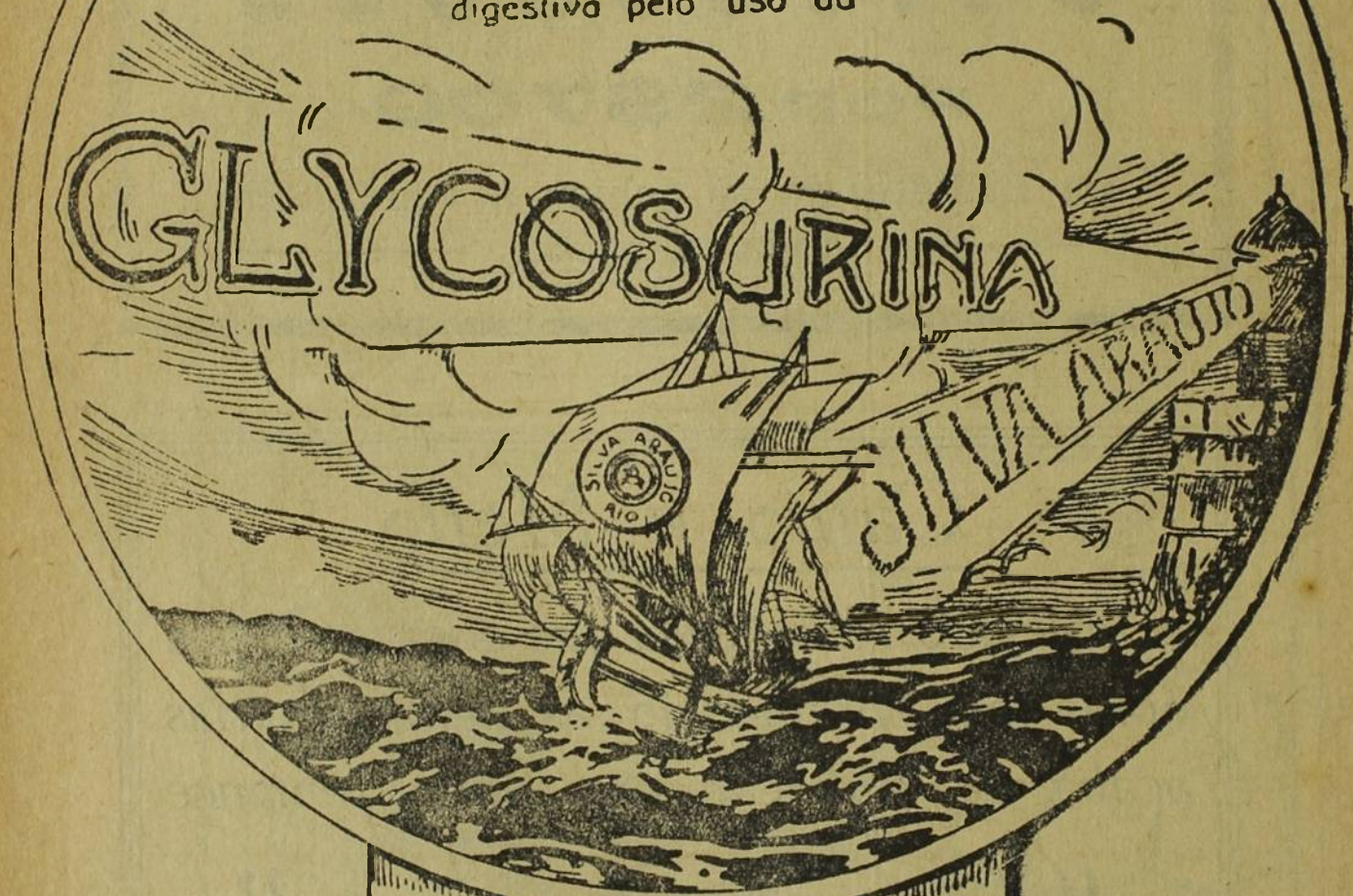
Pedidos a MONTEIRO LOBATO & C.

EDITORES - S. PAULO

DIABÉTICOS

é preciso combater a perda
de açúcar, tonificar o or-
ganismo, regularizar as funções dos órgãos internos
essenciaes a vida e restabelecer o appetite e a função
digestiva pelo uso da

GLYCOSURINA



heroico medicamento composto de
plantas indigenas brasileiras

PAU FERRO - SUCUPIRA

JAMELÃO e CAJUEIRO

Usa-se de 3 a 6 colheres
de chá por dia em agua



Nutrition

E' O ELIXIR DA NUTRIÇÃO

O "Nutrion" combate a Fraqueza, a Magreza e o Fastio. Restaura as Forças e estimula a Energia. - E' o Remedio dos Fracos, dos Debeis, dos Exgottados, dos Convalescentes.

Regina Hotel

Endereço Telegraphico: "REGINA."

Largo de S. Ephigenia, 8 ☞ SÃO PAULO

Este novo hotel offerece indiscutivelmente aos Srs. Viajantes optimo conforto. Sua situação é de primeira ordem; os quartos são grandes, ventilados e dotados de todo conforto desejavel. Das suas janellas descortinam-se soberbos panoramas. O Hotel possui *elevadores, rede telephonica para todos os andares*, mais de 60 banheiros, agua corrente fria e quente em todos os quartos, aquecedor central durante o inverno. O pessoal é escrupulosamente escolhido e a cosinha é dirigida por um habilissimo chefe. Preços rasoaveis e ao alcance de todos. O Hotel é dirigido pelos seus proprietarios, Srs.

Angelo Gabrilli & Filhos

Revista da Sociedade de Educação

deve ser lida por todos que se interessarem pelo assumpto didactico.

Redactores:

Dr. A. Almeida Junior

Prof. Léo Vaz

Prof. Brenno Ferraz do Amaral

Dr. Haddock Lobo Filho

Prof. Pedro de Alcantara Machado

Editores: MONTEIRO LOBATO & Co.

Aos assignantes serão enviados os numeros já publicados.

Assignatura annual 12\$000

Monteiro Lobato & Cia.

têm no prelo, prestes a sahir, utilíssimos livros escolares e juridicos, dentre os quaes destacamos os seguintes, que se recommendam pelo só nome dos seus autores:

Olavo Freire	Chorographia do Brasil.
Alvaro J. Rodrigues .	Geometria Descritiva.
” ” ” .	O Ensino Profissional.
Synesio de Faria. .	Lições de Algebra: Decomposição em Factores.
” ” ” .	Calculo Differential.
” ” ” .	Calculo Integral.
Dr. Moncorvo Filho .	Hygiene Infantil.
Othoniel Motta . .	Anthologia Portugueza.
Dr. Reynaldo Porchat.	Direito Romano.
” ” ” .	Da Retroactividade das Leis Civis.
” ” ” .	Pessoa Physica e Direito Romano.

Desde já acceitam-se pedidos.

Rua Victoria N. 47

CAIXA, 2-B

S. PAULO

Ultimas Edições da Casa

Monteiro Lobato & C.

III

O MACACO QUE SE FEZ HOMEM, contos de Monteiro Lobato	Broch.	4\$000
ATRAVEZ DA EUROPA, de Afonso Lopes de Almeida	Broch. Em papel fôfo	5\$000
	Em papel jornal	3\$000
FACUNDO, de Sarmiento	Broch. Em fôfo	5\$000
	Em jornal	3\$000
DENTE DE OURO, de Menotti Del Picchia. Broch.		4\$000
MEMORIAS DE UM RECRUTA, de Oswaldo Barroso	Broch. Em fôfo	4\$000
	Em jornal	2\$500
NOS CAMINHOS DO NAZARENO, do Padre Heliodoro Pires	Broch.	5\$000
EVOLUÇÃO DO POVO BRASILEIRO, de F. J. Oliveira Vianna	Broch.	8\$000
JOAQUIM NABUCO e MACHADO DE ASSIS, de Graça Aranha	Broch.	10\$000
PASTORAL AOS CRENTES DO AMOR E DA MORTE, obra posthuma de Alphonsus de Guimaraens	Broch.	3\$000
RITINHA, contos de Léo Vaz	Broch.	4\$000
SAPEZAES E TIGUERAS, contos de Amando Caiuby	Broch.	4\$000
A MEZA E A SOBREMEZA, de Rosaura Lins. Enc.		7\$000
JUCA MULATO, (4. ^a edição) de Menotti del Picchia	Broch.	3\$000
O PRINCIPE FELIZ, de Oscar Wilde, trad. de Rosalina C. Lisboa	Broch.	3\$000
A CURA DA FEALDADE, do Dr. Renato Kehl	Enc.	20\$000
AMOR IMMORTAL, de J. A. Nogueira	Broch.	5\$000
O DRAMA DAS COXILHAS, de Roque Callage	Broch.	4\$000
CARTAS DE UM CHINEZ, de Simão de Mantua	Broch.	5\$000
DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, do Visconde de Taunay	Broch.	5\$000
O PADRE EUZEBIO, de Antonio Celestino. Broch.		4\$000
VOCABULARIO DE RUY BARBOSA, por João Leda, br.		5\$000
DISSE, por Altino Arantes, edição do Gremio XI de Agosto, br.		8\$000
ENCYCLOPEDIA JURIDICA, por Laudelino Baptista, br.		5\$000

Pedidos a Rua Victoria, 47 - Caixa, 2-B - S. PAULO